This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

~~325~~ a. 16.

Vet. Port.

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS,

a. 16

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS
ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE
ALBANO ERITHREO
DEDICADAS A' MEMORIA
DO GRANDE
LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS PORTUGUEZES
DADAS Á LUZ
POR
CAETANO DE LIMA E MELLO,
TOMO PRIMEIRO.
Nova edição.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS.
1827.
Com licença da Commissão de Censura.

Vende-se na loja da Viuva Bertrand e Filhos.

Nem eu delicadezas vou cantando,
Co' gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mi passadas,
Oxalá forão fabulas sonhadas.

CAMÕES *Canç.* X.

PROLOGO

JUDICIOSO Leitor, as Poesias de JOÃO XAVIER DE MATOS tão conhecidas, e estimadas dos nossos Portuguezes, são as que offereço neste pequeno volume á tua curiosidade: Elle poderia ser maior, se fora vencivel o pouco apreço, que faz o A. das suas admiraveis composições, tanto em prejuizo dos que amão a bella simplicidade, e prézão mais os vestidos proprios da natureza, do que os adornos emprestados da Arte: Tu, que devo suppôr deste número, não desapprovarás o trabalho, que tomei, para darte a ler em hum só Livro os Teocritos, os Lobos, e os Bernardes.

Vale.

SO-

SONETO

A FOITO córre o mar o navegante,
Por engrossar nos lucros a fazenda:
Feche o soldado os olhos na contenda,
Por deixar do valor prova bastante:

Palacios mil o cortezão levante,
Porque a cega lisonja mais o attenda:
O Rei grandes exercitos extenda,
Por conquistar a terra mais distante:

Trabalhe em fim por terra, e mar profundo
A louca, immoderada gente humana,
Que eu na minha pobreza he que me fundo:

Já huma alta ventura não me engana:
Seja a todos pequeno embora o Mundo,
Que eu caibo muito bem nesta choupana.

SO-

SONETO

MArino pescador no Téjo andava,
Deitando a rede hum dia, e outro dia;
Mas por mais que a deitava, e recolhia,
Não recolhia mais que o que deitava.

Outra vida buscar determinava,
Vendo tão contra si a pescaria:
Do lanço, e do batel se despedia,
E nás humidas praias o encalhava.

Na pobre vida de pastor succede:
Mas faltão-lhe os cabritos na espessura,
Como algum dia os camarões na rede;

Por quanto he natureza a desventura,
Em vão he trabalhar; que não procede
Da mudança do estado a da ventura.

SONETO

NEsta Aldea, onde estou, meu bom Fileno,
Graças a Deos, alegremente passo:
Pesco humas vezes, outras vezes caço:
O ar he são, he fertil o terreno.

Não bebo aqui de amor cruel veneno,
Nem ouço as vís escusas de hum escaço;
Não ando ás cortezias; e se as faço,
He a quem me não tem por mais pequeno.

Os homens são fieis; ha temperança
No vestir, e comer; paz, e alegria
Vivêrão sempre nesta vizinhança,

A idade de Ouro pouco mais sería;
Só me falta huma Bemaventurança,
Que era o ter-vos na minha companhia.

SO-

SONETO

LÁ vem apparecendo a minha Aldea
Junto daquella serra desabrida,
Que por entre arvoredos escondida
Confusamente a vista me recrea.

Mas a qual creatura será fea
A habitação, aonde foi nascida!
Por mais grandeza, em que se passe a vida,
Sempre em fim he madrasta a terra alhea:

Alli, fugindo ás mãos de quem me engana,
Soubera-me livrar das falsidades,
Que o Mundo tece á simples gente humana:

Quem de todo abraçára estas verdades;
E lá da minha rustica choupana
Dissesse, para sempre: A Deos Cidades!

SONETO

NAõ chóro como aquelle, que em perigo
Naufragou entre as ondas soçobrado:
Nem clamo, como o misero soldado,
Que foi cahir nas lanças do inimigo:

Não gemo como aquelle, que em castigo
Tocou duros grilhões encarcerado:
Nem pasmo como algum, que desterrado
Perdeo da amada Patria o doce abrigo:

Sinto mais forte mal, pena mais dura;
Pois sem nunca sahir da minha Aldea,
Inda a vida anda em mim menos segura:

E se não, vejáo se ha cousa mais fea,
Que vir a precisar (triste Ventura!)
Na propria terra de cabana alhea!

SONETO

VÃo os annos fugindo, e vai a idade
Correndo apôs dos meus: Vão as tardanças
Entre consumidoras esperanças
Gastando inutilmente a mocidade:

Huma vez desengane-se a vontade
No contínuo exercicio das mudanças;
Outra vez já tentada das lembranças,
Se torna a confiar da variedade:

Assim se passa o tempo mal seguro,
Continuamente fabricando enganos,
Com que a todos promette hum bem futuro;

Mas eu, que estou exprimentando os danos
De tão incerta vida, que procuro?
Se não me aproveitar dos desenganos?

SONETO

JÁ, Fortuna cruel, tenho assentado,
Por mais estaveis bens, que me offereças,
Que de balde no engano me interessas,
Pois já vivo incapaz de ser tentado.

Se tenho ha tanto tempo exprimentado,
Que só para os roubar, he que os começas;
Agora guarda as tuas vans promessas,
Que eu te perdoo haveres-me enganado.

Dos teus dons apparentes desconfio;
Sómente da razão não desespero,
Com que a viver seguro principío:

Já nem me tardas, nem tambem te espero;
E se quanto me offreces renuncío,
Tudo me sobra, porque nada quero.

SONETO

SAlve, Templo seguro, onde a vontade,
Os naufragios de Amor já não recea,
Beijando aquelle Altar, que se alumea
Da inextinguivel tocha da verdade:

Aqui deixo á razão, e á liberdade
Despedaçada a misera cadea;
Agora isenta a alma, e livre a idéa
Ouvirei cá de longe a tempestade:

Gemendo estão os miseros humanos:
E a mim já não me altera aquelle estrondo,
Que ensurdeceo esta alma tantos annos:

De lá me chama Amor, e eu não respondo:
Que para não me urdir novos enganos,
Nunca mais saberá, que aqui me escondo.

SONETO

SE acaso deito a vista da lembrança
Pelos longos desertos do passado,
Não encontra o solicito cuidado,
Mais que apenas os sitios da mudança:

Se a memoria outra vez, que não descança,
Se volta para o tempo não chegado,
Nas contingencias de hum futuro estado
Tropeça com mil riscos a esperança:

Em fim, se na presente adversidade
Recordo estas razões, basta hũ só dia,
Para fazer-me triste em toda a idade:

Pobre idea, cançada fantasia!
Que não descobre em tanta variedade
O mais pequeno instante de alegria!

SONETO

Mil tempos resisti á força dura
Do fero Amor; mas elle acautelado
Tinha a ultima industria excogitado
Em se valer da vossa formosura:

Assim o fez: Mostrou-me a face pura;
Quiz fugir-vos, não pude; enamorado
Perdi o esforço de que andava armado,
Que de vós nenhuma alma está segura:

De meu amor cruèl executora,
He toda vossa a gloria da conquista,
Recolhei os triunfos vencedora:

Quem no Mundo haverá á vos resista?
Se o mesmo Amor, para render-me agora,
Foi pedir o soccorro á vossa vista?

SONETO

QUando nas mãos de Amor me vi sujeito,
A razão em mil erros consentindo,
Jurei de nunca mais, em lhe fugindo,
Sujeitar-me a seu barbaro preceito.

Ora pude escapar-lhe, e ver desfeito
O duro laço, que me andára urdindo,
Até que pouco a pouco fui sentindo
De novas chammas inflammar-se o peito.

Olhando então por mim, achei quebrada
A ligeira promessa, a hum brando rogo,
Por minha propria mão sacrificada;

Que juras contra Amor, por desafogo,
São votos de tormenta já passada,
Que depois que serena, esquecem logo.

SONETO

Vem, ó Ninfa gentil, que não mereço
O meu antigo amor, que assim te escondas:
Vem, doura as aguas desse mar, que sondas,
Bem como o faz o Sol, quando amanhece.

Se a conversação minha te aborrece,
Já não digo, cruel, que me respondas;
Mas se quer, lá de longe sobre as ondas,
A meus saudosos olhos apparece.

Como se me figura, ó Ninfa amada,
Que já o crystallino corpo erguendo,
Vens sobre as crespas ondas levantada;

Mas só vem meu engano apparecendo;
Era huma onda, ergueo-se encapellada,
Lá se vai entre as outras desfazendo.

SONETO

Traz-me aos males de Amor tão costumado
O meu forçoso, o meu cruel Destino,
Que em ser alegre já, não imagino,
Pois vivo de viver desesperado.

Deo-me a beber, por copo tão dourado,
O veneno de Amor desde menino,
Que as mesmas qualidades de malino
Me tem naturalmente sustentado.

O proprio mal, que a todos mais consume,
Porque nasce de Amor, he o meu sustento;
Que a quem he fogo, não offende o lume.

Já matar-me não póde o meu tormento;
Pois creado com elle por costume,
Fez em mim natureza o sentimento.

SONETO

FUgindo fui de Amor, que me seguia,
Com arco, aljava, e settas indignado,
De ver que tantos tiros tinha errado,
Sem lhe deixar fazer a pontaria.

Voltando o rosto ás vezes lhe dizia,
Como quem hia de correr cansado,
Que me queres, cruel? Desenganado
Já puderas estar da vã porfia.

Eis-que subitamente me appareco
Defronte a iniqua Mãi, que em mim pegava,
Porque fugir ao Filho não pudesse;

Mas como eu, della já ferido andava,
Amor, que o golpe vio, desapparece,
Mettendo as settas outra vez na aljava.

SONETO

Que me quereis, memorias de algum dia?
Trazer-me nova mágoa á conjectura?
Onde he tão diligente a desventura,
Escusa mensageiros a agonia.

Se vindes por fazer-me companhia,
Eu cedo deste obsequio; que he loucura,
Não podendo eu comvosco ter ventura,
Quererdes vós comigo ter valia.

Deixai-me descansar, triste memoria!
Que além de sem razão, será fraqueza
Conseguir de quem foge huma victoria.

Deixai-me; e se nasceis da ligeireza,
Com que voou a minha instavel gloria,
Segui-lhe agora a mesma natureza.

SONETO

Só com o Grande, e immortal Camões
Me ponho a conversar noites, e dias:
Ora nas lacrimosas Elegias,
Ora nas magoadissimas Canções:

Aqui me conta mil perseguições
De Fortuna, e de Amor por tantas vias,
Que olhando para as minhas agonias,
Tirando sempre vou sabias lições.

Sobre elle os olhos outras vezes paro
Já meios de agua; e digo então comigo:
Oh alma grande, espirito preclaro!

Que em vão me queixo ao Ceo do meu castigo!
Pois como não será comigo avaro,
Quem foi tão pouco liberal comtigo?

SONETO

Do gosto, que já tive n'outra idade,
Que faço em recordar a longa historia?
Senão serve de mais esta memoria,
Que para mantimento da saudade?

Só póde da apprehensão a actividade
Fingir presente a cousa transitoria:
Que lucro pois de andar fingindo a gloria,
Senão fazer invejas á vontade?

Ora eu hei de vencer esta porfia,
Por ver se hum pouco o coração descansa,
Indo pôr n'outra parte a fantasia.

Mas oh desejo vão, louca esperança!
Como posso esquecer-me da alegria,
Se consiste o meu mal nesta lembrança?

SONETO

NEste, que julgá o Mundo abatimento,
Em vez de me alterar, vou conformado:
Se em qualquer tempo, se em qualquer estado
He certa a quéda, de que serve o augmento?

Se hum longo, e perennal contentamento
Entre os humanos a ninguem foi dado;
Embora gyre o meu voluvel Fado,
Com tanto que me deixe o soffrimento.

Eu parto, sim, com animo disposto;
E quanto mais o meu pezar profundo,
Tanto a razão o vai trocando em gosto.

Indá o desterro me será jucundo;
Porque tendo á desgraça alegre o rosto,
He patria para o sabio todo o Mundo.

SONETO.

SEnhora, esses espiritos ditosos,
Que andárão nesta vida desterrados,
Na Patria estão dos Bemaventurados,
Inda mais vivos, inda mais gostosos.

Se perdêrão teus mimos amorosos,
No Ceo não falta quem lhes faça agrados;
E nos braços dos Anjos descansados
Não vivem já, como nos teus, chorosos:

Bem sei que a maternal humanidade
Não será facilmente transitoria;
Mas tambem a razão vence a saudade.

Conserva embora delles a memoria;
Mas cheia de huma tal conformidade,
Que, se he possivel, lhes augmente a gloria.

SONETO

Quantas vezes pacifico, e contente
Debaixo daquella arvore sombria,
Deitado sobre a relva adormecia,
Ouvindo murmurar esta corrente?

Quantas tocando a flauta alegremente,
(Porque inda então d'amores não sabía)
O pequeno rebanho que trazia,
Era todo o meu trafego innocente?

Perdi a quietação desta bonança;
E só n'um voltar de olhos, sem cautela,
Perdi tudo o que tinha na esperança:

Ninguem se fie em si, e menos nella:
Em fim, porque não tenha igual mudança,
Se acaso vir Lorinda, fuja della.

SONETO

Pega, Lucrecia, no punhal violento,
E dando exemplo de constancia ao Mundo,
Executa no peito hum sem segundo
De heroica acção honrado atrevimento.

Parece que bastava o seu tormento
A fazer-lhe inda hũ golpe mais profundo;
Mas não póde com animo iracundo
Esperar que a matasse o sentimento:

Abre a fatal ferida, o sangue corre
A remir tanta injúria; e antes que clame
Do Esposo a offensa, honradamente morre.

Cruel parece, mas ninguem lho chame,
A misera Lucrecia; pois discorre
Que ha morte honrada, quando ha vida infame.

SONETO

Filho, por mais que a Praça combatida
Vejas, ou por valor, ou por destreza,
Não recees morrer; porque a vileza
Só consiste na entrega, ou na fugida:

Ainda que ceda a espada enfraquecida,
Corra por conta da alma a fortaleza:
Não está na tua mão ganhar a empreza,
No teu valor está perder a vida.

Eu tambem aqui morro; mas o honrado
Constante amor da Patria está primeiro:
Bem to deixo na acção recommendado;

Que se á Praça não sirvo já guerreiro,
Ao menos no conselho, que te hei dado,
A soccorro depois de prizioneiro.

SONETO

NÃo foi divida só, mas natural
Em vós, do sal a nova promoção;
Que ministrado por tão sabia mão
Ninguem se deve desgostar do sal.

Será o bem commum, será igual
No gyro da fiel distribuição;
Que o mesmo sal, que impede a corrupção,
Tambem corrompe, se se applica mal.

Dando á terra de novo outro esplendor,
Fareis em minas de ouro converter
As marinhas do sal, que daqui for.

Os nacionaes, e estranhos o hão de ver;
E huns, e outros vos darão louvor,
Em quanto o Sado para o mar correr.

SONETO

MEu Pai, o nupcial ajuntamento
Foi sempre todo o objecto ao meu cuidado;
Achei Consorte em discrição, e agrado
De nobre, e singular merecimento.

Ella tem das virtudes o ornamento:
Não ha dote mais rico: e o nosso estado
Para ser tão feliz, como sagrado,
Só lhe faltava o seu consentimento.

Bem que delle abusei, ao que parece,
Os meus designios regulei de sorte,
Que queixar-se a razão nunca pudesse:

Nem ha para o perdão outra mais forte,
Que ser tal a Consorte que elegesse,
Qual buscando-ma Tu, fosse a Consorte.

SONETO

OUvio Amor teu canto, e suspendido
Da magica harmonia, que escutava,
O arco, e as duras settas, que empunhava,
Deixou cahir das mãos, como esquecido.

Depois tornando em si mais advertido,
A teus mimosos pés depoz a aljava;
E aquelle, que vencendo almas andava,
De teu celeste canto foi vencido.

Cada vez cheio de mais novo espanto
Amor confessa, que da humana gente
Os corações não sabe mover tanto.

Rendeo-te as armas: Como andou prudente!
Pois de que servem ellas, se o teu canto
Fere inda as almas mais suavemente?

SONETO

ACaso fui senhor, rico, estimado,
Que perdesse depois honra, e dinheiro?
Depois de General fui prizioneiro?
Desci do aureo Sceptro ao vil cajado?

Fui guardador de numeroso gado,
A quem depois ficasse hum só cordeiro?
Fiz serviços á Patria aventureiro,
Que me visse depois mal premiado?

Se nada disto fui, onde me querem
Levar idéas vans, que o Fado ordena,
Só porque mais o meu socego alterem?

Seja qualquer que for a minha pena:
Oh bemaventcrados os que derem
Ao cahir huma quéda tão pequena!

SONETO

QUe será isto? As Ninfas enfeitadas?
O Téjo a longa barba penteando?
Os Pastores as frautas temperando?
Sem comer as pacificas manadas?

Todas as portas dos casaes juncadas?
Fóra do ninho os passaros cantando?
E nos troncos das arvores gravando
Letreiros ás Serranas apressadas?

Hei de chegar-me a ler; porque o que vejo,
E traz a todos geralmente ufanos,
Denota algum grandissimo festejo:

Diz o letreiro: *Alviçaras, Serranos,*
Que a Ninfa Tutelar do nosso Téjo,
A formosa Filippa, hoje faz annos.

SONETO

HUns graciosos olhos matadores,
Que ás vezes por mortaes ficão mais bellos,
Huns dourados finissimos cabellos,
Das madeixas do Sol desprezadores:

Huma face, de donde as proprias cores
Da matutina luz tirão modêlos;
Huns agrados tão doces, sem fazellos,
Que por elles Amor morre de amores;

Hum riso tão parcial da honestidade,
Que no insensivel causará destroço,
Quanto mais na razão, e na vontade:

Esta he a Minha: Oh timido alvoroço!
Eu tomo de dizello á liberdade:
Esta he a Minha... a Minha... mas não posso.

SONETO

Por que foges, Pastora, a hum desgraçado,
Correndo atrás de ovelhas neste outeiro?
Olha que inda que sou pobre vaqueiro,
Vil o meu coração mais que o teu gado:

Sem ti ando ha mil dias desgarrado:
Espera hum pouco; que não he primeiro
Acudir aos balídos de hum cordeiro,
Que ás queixas de hum Pastor desconhecido.

Mas vós, Pastora, a mais cruel que ha hoje;
Não queira o Ceo, que tanto me persegue,
Que o meu contínuo suspirar te enoje.

Socega tu, e eu tambem socegue;
Já que por hum rebanho, que te foge,
Queres deixar huma alma, que te segue.

SONETO

EU vi huma Pastora em certo dia
Pelas praias do Téjo andar brincando,
Os redondos seixinhos apanhando,
Que no puro regaço recolhia.

Eu vi nella tal graça, que faria
Inveja a quantas ha; e o gesto brando,
Com que o sereno rosto levantando,
Parece namorava quanto via.

Eu vi o passo airoso, a compostura,
Com que depois me pareceo mais bella,
Guiando os cordeirinhos na espessura.

Eu o digo de todo; vi a Estélla:
De graça, de candor, de formosura
Só poderei ver mais, tornando a vella.

SONETO

CRuel, fica-te em paz, e o vil intento
Consegue embora, como o tens disposto:
Teus olhos, tuas lagrimas, teu rosto,
Já nada tem comigo valimento:

Já está no meu feliz conhecimento
Restaurada a razão, perdido o gosto:
Nem he a vez primeira, que o desgosto
Fez cobrar o perdido entendimento.

A mesma dor da offensa recebida
Me fez tornar a mim: Já não me falles
Na rota fé mil vezes promettida;

E por mais ansias, que affectada exhales,
Chega tarde o remedio da ferida,
Que eu já curei meus males com meus males.

SO-

SONETO

SE intentais nesse engano industriosa
Ser a minha gentil fera homicida,
Para que he de cruel tirar-me a vida,
Quando podeis matar-me de formosa?

Fareis, mostrando a face portentosa,
Que fique sendo a morte appetecida:
Deixai de acautelar-vos escondida,
Que em vós indicios são de criminosa:

Assim me matareis mais á vontade,
Mostrando-me essa Angelica figura:
Que o mais não he valor, fora impiedade:

Tão infame sereis, e eu sem Ventura,
Que por dar hum trinnfo á crueldade,
Negueis huma victoria á formosura?

SONETO

A Deós, Pastora ingrata, já de Aleixo
Não te recordes mais, perde a esperança;
Que eu apago tambem a segurança,
Que no tronco gravei deste alto freixo.

Mas se entre os desenganos, que te deixo,
Ainda recordo a tua infiel mudança;
O tempo riscará esta lembrança,
Que tambem a corrente gasta o seixo.

E posto que lembrar-me possa a historia
Do nosso amor por força da saudade,
Hão de os aggravos confundir a gloria:

Mas triste allivio he este na verdade!
Se inda para riscar-te da memoria,
Preciso que me lembre a falsidade.

SO-

SONETO

SE eu me víra n'um bosque, onde não désse
Sinal, vestigio humano de habitado,
De verdenegras ramas tão fechado,
Que ainda alli de dia anoitecesse:

Se então lá de hûa balsa ao longe houvesse
Gemendo hum mocho, e tudo o mais calado:
Só d'entre alguns rochedos pendurado
Com som medonho hum rio alli corresse:

Em fim n'úm lugar tal; onde os meus dias
Consumindo se fossem na certeza
De não tornarem mais as alegrias:

Faminta ainda a triste Natureza,
Cercada alli de tantas agonias,
Nem então se fartára de tristeza.

SONETO

Depois que a mil tormentos off'recido,
Já de mui larga idade tinha o peito,
Amor me appareceo tão contrafeito,
Que me enganou depois de conhecido.

Parece que ou Amor compadecido,
De meus males estava satisfeito;
Ou que eu de novo á dura Lei sujeito,
Tinha já seus enganos esquecido.

Mas não foi erro em mim, nem nelle engano:
Em mim, porque mui bem o conhecia;
Nelle, porque mil vezes foi tyranno.

Pois donde tal desordem nasceria?
Da fraqueza nasceo de hum peito humano,
Que do mesmo que teme, se confia.

SONETO

QUe assim salve a manhã serena, e bella!
Como vem no Horizonte o Sol raiando!
Já se vão os outeiros divisando:
Já no Ceo se não vê nenhuma Estrella.

Como se ouve na rustica janela
Do patrio ninho o rouxinol cantando!
Já lá vai para o monte o gado andando:
Já começa o barqueiro a içar a véla:

A Pastora acolá, por ver o Amante,
Com o cantaro vai á fonte fria:
Cá vem sahindo alegre o caminhante;

Só eu não vejo o rosto da Alegria:
Que em quanto de outro Sol morar distante,
Não ha de para mim nascer o dia.

SONETO

Como está este sitio socegado!
Que assim caminha surdo este ribeiro!
O vento não faz bulha no salgueiro:
Que feio o monte está, que triste o prado!

Dos guardadores não se escuta o brado;
Té parece que dorme o Mundo inteiro:
Só pela encosta lá daquelle outeiro
Vejo hum lumé ora accezo, ora apagado:

Algum Pastor será, que a porta abrindo,
Na choupana estará fazendo lume:
Como se vai o coração cobrindo!

Pois que importa o socego, se o costume
Faz com que sempre n'alma esteja ouvindo
Os estrondos, que faz o meu ciume?

SONETO

Por mais que faça hum atrevido estudo
De expôr á excelsa Tirce o meu desejo,
Buscando vella só, só porque a vejo,
Em lugar de dizer-lho, fico mudo:

Animo-me outra vez, fallo, e com tudo
Não sei se por temor, se por cortejo,
Abaixo os olhos, encho-me de pejo,
E fico então mais triste, que sizudo.

Ella, que estes affectos me tem visto,
Pergunta-me: *Que tens?* Para explicallo
De mais valor o animo revisto:

Vou a dizer-lho, balbuciente fallo,
Formo algumas razões, ateimo, insisto,
Mas de novo suspiro, tremo, e callo.

SONETO

Poz-se o Sol; como já na sombra fea,
Do dia pouco a pouco a luz desmaia!
E a parda mão da Noite, antes que caia,
De grossas nuvens todo o ar semea!

Apenas já diviso a minha Aldea;
Já do cypreste não distinguo a faia:
Tudo em silencio está: Só lá na praia
Se ouvem quebrar as ondas pela arêa.

Co' a mão na face a vista ao Ceo levanto;
E cheio de mortal melancolia,
Nos tristes olhos mal sustenho o pranto:

E se inda algum allivio ter podia,
Era ver esta Noite durar tanto,
Que nunca mais amanhecesse o dia.

SONETO

OH quem pudera á sombra deste arbusto
Passar o tempo da restante vida,
Cantando para sempre a despedida
Da habitação, aonde mora o susto!

Faz deste monte o tráfego robusto
Inveja á dignidade mais subida:
E adora o cortezão a immensa lida
De hum mando inda pezado, quando he justo.

Oh bemaventurada desistência
Daquelles, que por tão feliz bonança
Trocárão das Cidades a opulencia!

Só em ti, se ha no Mundo segurança,
Póde, ó santo lugar, sem contingencia
Gozar huma alma a paz, em que descansa.

SO-

SONETO

QUe triste, que profunda soledade
Se observa aqui de cima deste outeiro!
Não anda lá no mar nenhum barqueiro,
Não se ouve algum rumor cá na Cidade.

Como da Lua a frouxa claridade
Pratea aquelle monte derradeiro!
Não sabe a vista aonde vá primeiro
Fartar o pensamento de saudade:

O Ceo sereno como está sizudo!
Quieta a planta, o mar adormecido,
A terra socegada, o vento mudo;

Mas que estrondo fizera, e que alarido
Ceo, planta, mar, e terra, vento, tudo,
Se rompesse o silencio o meu gemido!

SO-

SONETO

Divina Laura, se vencer deixasses
Dos meus queixumes o teu genio esquivo,
E para mim com rosto compassivo
Esses formosos olhos inclinasses:

Víras servir-te, em quanto me mandasses,
Ou fosse com razão, ou sem motivo;
Víras-me por meu gosto andar captivo,
Por mais, e mais grilhões, que me deitasses;

Víras esta alma, que tu mesma feres,
A teu mando sujeita, expôr-se forte
A quantos riscos idear puderes:

Mas ah! Que inda es cruel da mesma sorte!
Já sei que o que de mim somente queres,
He ver em lugar disto a minha morte.

SONETO

AGora, em quanto despertando a gente,
Lá no patrio Horizonte a luz não raia,
Gozarei da frescura desta praia,
Se tanto o meu Destino me consente.

Verei do Téjo a placida corrente,
Como enrolada sobre a areia espraia;
Ouvirei entre os ramos desta Faia
Queixar-se o rouxinol suavemente.

Mas louco em fim, em q̃ me estou detendo!
Queria estar huma hora socegado,
Cuidandõ que era pouco o que pertendo?

Não; que voando Amor junto a meu lado,
Com magoada voz me está dizendo,
Que ainda vivo de Laura desprezado.

SONETO

Vio Alberto a Filena, enamorado
Tanto no gésto da Pastora ardia,
Que só por merecella offerecia
Tudo quanto mandava o seu cajado;

Mas ella, que só tem todo o cuidado
Na tarefa, que traz da lã que fia:
Hum sorriso lhe deo, com que faria
Mover o coração mais socegado.

Suspira Alberto, e chama-lhe tyranna:
Filena então se sobresalta, e altera,
E dá-lhe as mãos receosamente humana.

Satisfeito o Pastor confia, e espera:
Vão ambos conversar para a cabana.
Oh se isto mesmo a mim me succedêra!

SONETO

Dormindo estava Albano; e porque Alberta
Junto a si lhe parece que está vendo,
Abrindo os braços, as mentiras crendo,
Com elles cuida que a Pastora aperta.

Tanto aquella ventura tem por certa,
Tanto se vai de amor enternecendo,
Que á força de hum gemido estremecendo,
Só comsigo abraçado então desperta.

Desperta, e diz: *Que importa que a alegria*
De ver-te me fugisse, se suspeito
Que me fazes eterna companhia?

Inda existes a mesma no conceito:
Se faltas no lugar, em que te via,
Foi porque te escondeste no meu peito.

SONETO

Chegou o tempo, em fim, que eu mais temia:
Manda a Fortuna que de ti me ausente;
E mil vezes Amor, que o não consente,
Ao coração presago mo dizia.

As mimosas palavras, que te ouvia,
Quando a escutallas tornarei contente?
Quando verei teu rosto brandamente
Voltar-se para mim como algum dia?

Se esta certeza alguem me fora dando,
Inda que tarde, ao menos com meus ais
Tão longo mal iria alliviando.

Mas diz-me o coração segredos taes,
Que até receio perguntar-lhe o quando,
Pois póde responder-me: *Nunca mais.*

SONETO

Dormindo Anarda está. Quem te dilata,
Que não vingas, Amor, a tua affronta?
Alli tens a cruel, de quem se conta,
Que só teu forte Imperio desbarata.

Gema huma vez, quem tantas vezes mata:
Agora, agora tens occasião prompta:
Empunha o arco, e com dourada ponta
De aguda setta fere aquella ingrata.

Porém olha não sejas presentido;
Que se em ti põe os olhos penetrantes,
Em vez de vencedor serás vencido.

Mas ai que ella acordou! Tristes amantes,
Fugi, fugi, que tudo está perdido,
Pois vive Anarda ingrata, como d'antes.

SO-

SONETO

ALbino, cuja idade inda o levava
Por innocentes passos, certo dia
Parando, a hum tanque, que sereno via,
Com desiguaes pedrinhas atirava:

Assim que davão n'agua, esta saltava,
E mil diversos circulos fazia:
A hum pequeno outro grande succedia,
Até que outra pedrinha lhe deitava.

Eu este simples passatempo vendo,
Lembrei-me que tambem os desfavores,
Que padeço, huns dos outros vão nascendo:

E não depondo á Sorte os seus rigores,
Daquelle mesmo modo succedendo
Verei meus males cada vez maiores.

SONETO

Tanto neste saudoso apartamento
Vos representa Amor na conjectura,
Que erradamente a vista vos procura,
Cuidando ser verdade o fingimento.

Então, quanto me pinta o pensamento,
Imagens são da vossa formosura,
E se nelle outra cousa se figura,
He só temor do vosso esquecimento.

Ás vezes, qual depois de hũ longo sonho,
Mil cousas, que me assustão de contino,
Na vaga idéa a revolver me ponho;

Mas queira o Ceo por esta vez benino,
Já que he falsa a ventura que supponho,
Que seja engano os males, que imagino.

SONETO

DEpois que a linda Altea destes prados
Ditosa foi fazer outra espessura,
Já não vemos correr a fonte pura,
Só se for, a dos olhos magoados.

Tudo nestes contornos são cuidados,
Nascidos de tamanha desventura,
Piza sem dono o gado a semeadura,
Já se não vê na Aldea entrar cajados.

As Pastoras deixárão de ir ao rio,
As abelhas fugírão da colmea,
O rebanho se fez magro, e bravio:

Andão todos dizendo: *Altea, Altea,*
Onde estás? Torna a vir, que o teu desvio
Tem-nos feito mais perda, que huma cheia.

SONETO

A Deos, Natercia ingrata, a Deos impía,
Já tudo se acabou, rompeo-se a venda,
Já não levo cadeia, que me prenda;
Que a razão he mais forte, que a porfia:

A chamma se extinguio, e a cinza fria
Sómente guardo por sinal da emenda;
Mas para que outra vez se não accenda,
Já está fóra das Aras, em que ardia.

Tua mudança (bem que n'alma gravo)
He na memoria só onde a contemplo,
Para não ser já mais de Amor escravo:

E da Verdade no piedoso Templo,
Das injurias de Amor por desaggravo,
As cinzas, e os grilhões sirvão de exemplo.

SO-

SONETO

Passa o frio Janeiro, o ardente Agosto:
Torna Janeiro a vir, e Agosto passa,
Lança-se, cresce, arranca-se a linhaça,
E tu a maltratar-me por teu gosto.

Se te fallo em amor, voltas-me o rosto,
Fazes-me quando muito huma negaça,
Sem ser possivel que te caia em graça,
Por mais forças que nisso tenha posto:

Até os mais Pastores, que vem isto,
Dizem, fazendo mófa do meu trato:
Bem tem zombado Brazia de Callisto;

E se ateima o teu genio a ser-me ingrato,
Olha Brazia, eu então deixo-me disto,
Que não quero passar por insensato.

SONETO

Vio-me Altea, com livre desafogo
Gozar dos frutos de hum tranquillo estado;
E achando-me de Amor tão descuidado,
Chegou, ferio-me, e retirou-se logo.

Agora, que entre lagrimas lhe rogo,
Que remedee o mal, que me ha causado,
De longe está com gésto simulado
Ateando ainda mais de Amor o fogo.

Não ha maior traição, maior crueza,
Do que ferir-me, e assim negar-me a cura,
Como que nada do meu mal lhe peza.

Mal haja Amor! Mal haja a formosura!
Ella, porque em amor não tem firmeza;
E elle, porque em mim não tem Ventura.

SONETO

CUidei, ouvindo a doce melodia
Daquelle passarinho namorado,
Que alliviasse em parte o meu cuidado,
Como já n'outro tempo succedia:

E vendo as aguas, que esta rócha envia
A regar mansamente o verde prado,
Que, esquecido das muitas que hei chorado,
Com rosto enxuto agora cantaria.

O contrario succede; porque em quanto
O agradavel objecto está defronte,
Dos tristes olhos mais se engrossa o pranto;

Pois foi a minha gloria neste monte
Mais suave que as vozes desse canto,
Mais ligeira que as aguas desta fonte.

SONETO

Mandou-me, que cantasse Amor hum dia
Quantos effeitos seus huma alma sente;
E para começar mais altamente,
Logo á Ventura protecção pedia.

Puz-me a cantar; mas ella me fugia:
Importunei o Ceo, a terra, e a gente;
Que quem nasceo para chorar sómente,
Por bem que cante, a todos enfastia:

Mil vezes disse a Amor que estava rouco;
E que era tido já da gente dura,
Humas vezes por nescio, outras por louco.

Rindo-se em fim da minha desventura,
Respondeo-me: *Não sabes que val pouco*
Querer cantar de Amor, sem ter Ventura?

SONETO

Aquelle, que inda espera ter Ventura
Com peito feminil, que louco espera!
Pois quando mais feliz se considera,
Então encontra a fé menos segura.

Como filha do mar a formosura,
Com elle ora se amansa, ora se altera:
Não he mais vária na Celeste Esfera,
A que muda tres vezes de figura.

O desengano, que este aviso inspira,
Não he segredo, que revélo agora,
He já desordem, com que o tempo gira,

Porque no peito de quem cego adora,
Se o gosto, assim que nasce, logo espira,
Já mais a desventura se melhora.

SONETO

De Amor em tristes lagrimas banhado,
De que nunca se farta o meu desgosto,
Huma vez para o Ceo levanto o rosto,
Outra vez para o chão olho inclinado.

Quasi sempre das gentes apartado,
Nos sitios mais desertos estou posto:
Agora sobre a mão a face encosto,
Agora vou correndo exasperado:

Mil idéas já formo, e já desfaço;
E porque o Mundo em fim me não condemne,
Forço na boca hum riso frio, e escaço.

Assim ando, ó formosa Dinamene;
Pois sendo a causa tu de quanto passo,
Fazes tão pouco caso de que eu pene.

SONETO

Como soffres, ó Jupiter Supremo,
Que a gentil Galatea por seu gosto
Descanse indignamente o alvo rosto
Nos braços vís do bruto Polyfemo?

He possivel passar de extremo a extremo,
Tocando aquelle singular composto
Com feias mãos, sujeito só disposto
Ao duro punho do pezado remo?

Tu pois, que o movimento te he sujeito
Da natureza em tudo tão conforme,
Não consintas agora este defeito:

Faze de Galatea hum tronco informe:
Vingue-se assim das Nymfas o respeito;
E se ama hum tronco, em tronco se transforme.

SONETO

Ponho tão livre os olhos em Damiana,
Que a vejo ás vezes, e não sei se he ella;
E ainda quando chego a conhecella,
Não me lembra se quer que foi tyranna.

De a ver alheia, de a julgar ufana,
Nem prazer, nem desgosto me desvela.
Graças a Deos, que ja chegou aquella
Hora feliz, que a poucos desengana!

Que me deixasse em fim, que me fugisse;
Que me póde importar, se daqui nasce
Conhecer a razão, ja sou felice;

Porèm nunca cuidéi que ella chegasse
A merecer tão pouco, quando a visse,
Que nem para o desprezo me lembrasse.

SONETO

Os annos da feliz puerilidade
Chorei sem culpa, e consumi sem gosto,
Depois crescendo, vegetou-se o rosto
Daquella sombra, que auctoriza a idade.

Foi-me sendo plausivel a maldade,
Buscando o allivio por caminho opposto:
Chamei prazer, ao que me deo desgosto,
Quiz acertar, fugindo da verdade.

Como despojo atado finalmente
Ao carro infame da cegueira estive:
Que mais fizera irracional vivente?

Nunca usei da razão, depois que a tive;
Que assim he triste, o que assi está contente!
Como vive enganado, o que assim vive!

SONETO

Aquelle amor, que tinhas n'alma escrito,
Onde está? Dize, ó falsa. Tão depressa
Como he possivel, que hum amor se esqueça
Tantas vezes aos Ceos jurado, e dito?

Ó praza aos mesmos Ceos, que imploro afflicto,
Que inda igual desventura te aconteça!
Pois como testemunhas da promessa
Hão de ser vingadores do delicto:

A' minha vista se castiguem logo
Com desamor, desprezo, e desagrado;
Porém que peço, que supplico, e rogo?

Não seja assim teu crime castigado;
Porque eu tenho mais prompto desofogo
Em chamar-te mulher; e estou vingado.

SONETO

VOa, saudoso Amor, e em breve gyro
Abrindo as brancas azas docemente,
A' bella Diamene diligente
Leva da minha parte este suspiro.

Se o receber tão bem, conforme infiro,
Desta memoria, que lhe devo ausente,
Dize-lhe tudo, o que minha alma sente,
Desde o seu custosissimo retiro.

Dize-lhe mais, que ao menos a amargura
Do seu esquecimento hum pouco adoço
Com tão nova, e suavissima escritura:

E que em fé do meu íntimo alvoroço
Fico (*dize que o viste*) com ternura
Beijando as letras, ja que a mão não posso.

SONETO

O Tempo, que veloz desapparece,
As couzas d'ante os olhos apartando,
A vossa formosura respeitando,
Hoje com ella a todos enriquece:

Não corre para vós, antes parece
Que o veneravel gesto levantando,
Em vossas altas prendas contemplando,
De voltar o relogio então se esquece.

E com razão, que oppôr-se-vos sería
Profanar cegamente a immunidade,
Que a tão gentil presença se devia;

Mas ou por interesse, ou por vaidade,
Quer mostrar, quanto póde neste dia
Acreditar-se a si com vossa idade.

SONETO

SEja-te parabem, Tejo sagrado,
Do grande Anfriso a companhia honrosa;
Outra vez este bem desfruta, e gosa
Das tuas claras Nymfas rodeado:

Da ondas gravemente levantado,
Ouve-lhe agora o verso, agora a prosa,
Com que a pezar da crítica invejosa
Fará sempre o Mondego celebrado;

E em quanto o ouves cantar tão altamente
De invicta palma, de triunfante louro,
Vai-lhe adornando a judiciosa frente:

Depois reconta ao seculo vindouro,
Que póde em fim a Lusitana gente
Ver na idade de Anfriso a idade de ouro.

SONETO

COm alegre apressado movimento
Do Ceo vi ja descer a alta Lucina;
Porque assistir ao vosso nascimento,
Senhora, o mesmo Ceo lhe determina.

Nascestes, e com brando tratamento
Logó em seus braços vos tomou benina;
Onde cheia de amor, e acatamento
Vos está embalando, e lendo a sina.

De vós gostosos vaticinios canta:
Diz *que sereis feliz, quanto formosa,*
Terna, compadecida, affavel, santa:

Diz em fim, *que sereis maravilhosa:*
Assim vos louva, assim vos acalanta;
Ditosos vossos Pais, e vós ditosa.

SONETO

IRmã ditosa, que de ca subiste
La onde pena alguma se não sente,
Se razão póde haver, com que se augmente
Essa Gloria immortal, que conseguiste:

Que alegre ficarias, quando viste
Entrar no Ceo essa alma inda innocente!
Como virias com razão contente
A receber o filho, que pariste!

Que o desejavas la, Deos bem sabia,
Não te quiz demorar tão alta sorte;
Gosa, gosa da sua companhia;

E praza a Deos, que na Celeste Corte
Te dê depois do derradeiro dia
Igual contentamento a minha morte.

SONETO

Felices margens do saudoso Tejo,
Em cuja branca areia sinaladas
Estão de Diamene inda as pizadas,
Que ausente adoro, que inclinado beijo.

Quando vejo estas praias, e a não vejo
Apanhando as conchinhas prateadas,
Chóro as glorias de amor alli passadas,
Que nunca passaráõ do meu desejo.

Aqui lhe disse meus fieis amores;
As ondas amansei, detive os ares,
Digão-no estas areias, e estas flores.

Aqui tambem agora entre pezares
Direi aos Navegantes, e Pastores,
Que respeitem de longe estes lugares.

SONETO

ENcontrou-me esta graça em tal destroço,
Que nem ouso, Senhor, a recebella;
E por mais que em buscar-me se desvela,
Ja não percebo o minimo alvoroço.

Andou neste favor, que todo he vosso,
Industriosa a minha infausta Estrella;
Porque, quando eu podia, não quiz ella;
E agora, que ella quer, he que eu não posso.

Olhai como este bem se desfigura,
Pondo-se ante os meus olhos por negaça,
Quando ha de malograllo a conjunctura!

Que outra couza, Senhor, quereis que eu faça?
Se me chega de sorte esta Ventura,
Que ja se não distingue da desgraça.

SONETO.

NÃo haverá hum sitio tão sagrado?
Hum lugar tão seguro, e defendido,
Aonde va da Fortuna perseguido
Viver por algum tempo descançado?

Não haverá; porque ella o tem jurado;
Mettendo a mão no lago denegrido:
Pobre de quem já vive tão perdido,
Que está para as Venturas reprovado!

E não receia o Mundo que o infeste
Meu halito mortal? Inda consente
Que eu pize os matos deste monte agreste?

Como daquelle misero doente,
Que foi tocado da maligna peste,
Fugi, fugi de mim, ditosa gente.

SONETO

NO Templo entrei de Amor: Inda gelado
O sangue tenho, do que nelle víra:
Alli está o cioso, que delira,
De mil suspeitas vans atormentado.

Aqui o ausente em lagrymas banhado,
Longe hum pouco dos mais, triste suspira;
Hum jura fé, mettendo a mão na Pyra,
Outro não póde co'grilhão pezado.

Sobre as cruentas Aras de Cupido
Quentes entranhas, que inda estão vivendo,
Tem por tensões diversas offerecido.

Fugi, mortaes, deste lugar tremendo:
Se he o Templo de Amor tão desabrido,
Como será o seu Inferno horrendo!

SONETO

Que te vejão meus olhos, não consente
(Meus tristes olhos) por mais tempo o Fado;
Sem ti para tão longe desterrado
Irei viver, se viver posso, ausente.

Comigo irá teu nome eternamente
Do negro esquecimento preservado,
Sendo, isto ser póde, articulado
Inda ao passar do Lethes a corrente.

E se algum dia vires, que á fineza
De ser comtigo agradecido, e humano
Falto, sem dar de tanto amor certeza,

Não julgues não, que a antiga fe profano;
Antes baixos os olhos, de tristeza
Suspira, e dize então: *He morto Albano.*

SONETO

Para ver se cantar-vos saberia,
Depois que a frente de jasmins ornava,
A cithara tomei, que não soava,
E na garganta a voz se me prendia.

Do grão Pastor de Admeto, que me ouvia,
Em meu soccorro o espirito invocava:
De novo a voz, e a cithara esforçava,
E de novo com ella emmudecia.

Eis-que se me apresenta em fórma humana,
Sorrindo-se de mim o Pastor Louro,
Que em vez de me ajudar, me desengana;

Sabe mortal, me disse, *que no Douro,*
Para cantar de tão gentil Serrana,
Somente he digna a minha Lyra de ouro.

SONETO.

Do rio as claras aguas, que soando
Correm por cima de asperos seixinhos,
A musica dos ledos passarinhos,
Que de longe se estão desafiando:

O murmurante vento, que assoprando
Entorna o fresco orvalho dos raminhos,
O tremulo balar dos cordeirinhos,
Seus curvos saltos sobre a relva dando:

Tudo em vez de alegrar-me, me amofina;
Nem o rosto huma vez se quer levanto
A ver, o que se passa na campina.

Não he assim, ouvindo o vosso canto,
Que em virtude de voz tão peregrina
Nada no Mundo me consola tanto.

SONETO

TU, que os costumes, e as paixões retratas
Em teus versos suaves, e Divinos:
Tu, que das mãos de Gregos, e Latinos
A sonorosa cithara arrebatas:

Tu, que as materias de cothurno tratas
Por modos so do seu caracter dignos:
Tu, que a pezar dos criticos malignos
O teu, e o nosso credito dilatas:

Sobe, ó Alcino, ao Menalo voando,
Da Arcadia o louro cingirás na frente,
Que por cima dos mais vas levantando:

Disse Apollo do throno refulgente,
A' vista de teus emulos rasgando
O volume da critica insolente.

SONETO.

Este obsequio, Senhor, que vos envia
Meu animo fiel, curto parece;
Mas quem o pouco, que possue off'rece,
Se mais tivera, muito mais daria.

Sobre singelas mãos não se avalia
A offerta pelo vulto, que apparece;
Que então a acceitação fora interesse,
Vicio, que nunca em vós haver podia.

Bem sei que de meus versos a humildade
Subir não póde áquelle desempenho,
A que antiga affeição me persuade;

Mas huma salvação comvosco tenho;
Saber que a vossa candida vontade
Mais préza hum dom de amor, que d'alto engenho.

SONETO

Morreu o bom Luiz: Ja não veremos
Aquella bocca para todos rindo:
Hum somno perennal está dormindo:
Ja de ouvillo a Ventura não teremos.

Hum novo Heroe cortado em flor choremos,
Que por mais que subamos o alto Pindo,
Ao Ceo, para onde foi de nós fugindo,
Ja agora em vão por elle chamaremos:

Até para ficarmos mais saudosos,
O seu frio cadaver nos tirárão
D'ante os olhos tão tristes, e chorosos;

De vello as esperanças se acabárão:
Venturosos aquelles, venturosos,
Que as ultimas palavras lhe escutárão!

SONETO

Prometendo a Limano Dorothea
Guardar-lhe a fé, que seu amor devia,
Tomou por testemunha a luz do dia,
E os juramentos escreveu na areia.

O vento, que a revolve, e que a manea,
Pouco a pouco a escritura desfazia,
Vendo isto a Pastora, que faria?
A Limano tambem riscou da idea.

Vejão la como a fé está bem segura
Em peito feminil: Que documento
Para quem crer mulher, ou crer Ventura!

Se ainda na que tem mais fundamento,
Quanto diz, quanto escreve, quanto jura,
He areia, que a move qualquer vento.

SONETO

HUm dia, de Limano acompanhado,
Descendo por hum valle mansamente,
Cahio á minha vista de repente
De hum tiro da Fortuna derribado.

Como vinha tão junto do seu lado,
De medo me assustei naturalmente;
Pois não sou inda assim tão descontente,
Que ja cahir não possa em baixo estado:

Não estou inda em mim; porque duvido
Se daquelle desastre, por acerto
Sahi, ou não, sem o saber, ferido;

Que assombrado fiquei, Belliza, he certo;
Mas não culpes quem anda estremecido,
Vendo o raio cahir de si tão perto.

SONETO

Meu amado Mondego, meu amado
Mestre gentil, que sabio me educaste,
Do tempo, que benigno me hospedaste,
Por onde quer que for, serei lembrado.

Ca toma conta da Pastora, e gado,
Que ja com teus salgueiros abrigaste,
Assim nunca a estação do estio gaste
Teu crystallino curso socegado.

Da Patria huma justissima vingança
De ti me leva a outros Horizontes,
Aonde pague a culpa como herança.

Por ti, por ella, são meus olhos fontes;
E se vivo, he somente na esperança
De ainda tornar a saudar teus montes.

SONETO

QUe estranhos casos vi no monte, e prado,
Em quanto ouvi tan canto aquelle outeiro
Hum pouco se moveu, e este ribeiro,
Para te ouvír melhor, ficou parado.

Desceu dos montes de tropel o gado,
A Serrana, o Pastor, e o pegureiro,
O voraz lobo, o timido cordeiro,
Tudo ficou attonito, e pasmado.

Até a minha horrida Tristeza
Batendo as negras azas fugiria,
Se lho não impedisse a natureza;

Mas hum pouco suspensa da harmonia
Deixou-me respirar, e foi destreza,
Por ver se me matava huma alegria.

SO-

SONETO

Aonde andais, ó Parcas venenosas,
Ensanguentando as mãos? Como insolentes
De Cidadãos fieis, de Heroes valentes
Ides cortando as vidas preciosas?

Como eu triste viuvez tantas esposas
Fazendo andais no Mundo descontentes,
Como tantos filhinhos innocentes
Dos braços arrancais das Mãis chorosas?

Voltai-vos contra mim, vingue-se a Sorte,
Abbreviai-me a horrida partida,
Erguei a mão, que eu me sujeito ao córte;

Mas ah que imprecação mal proferida!
Para a morte dos outros basta a morte,
E em mim para morrer sobeja a vida.

SONETO

Formosissima Olaia, o teu semblante
Não sei que graça tem, que almas cativa,
Assim não fora a tua tão esquiva,
Assim não fora a minha tão constante.

Ah! Que se te encontrára hum só instante
A minha adoração menos altiva,
Em vez de desprezar-me fugitiva,
Paráras a escutar meu rogo amante.

Então compadecida do meu pranto
Darias mil sinaes de sentimento
Nesse rosto gentil, sereno, e santo;

Mas tão altos favores não intento,
Nem póde ser, nem eu mereço tanto,
C'um volver dos teus olhos me contento.

SONETO

Nymfas destes vizinhos arredores,
Que tão altivas presumis de bellas,
Cobrindo os vultos de custosas telas,
Ornando as tranças de festões de flores.

Sabei que Olaia, Olaia, os meus amores
Nunca precisará dessas cautelas:
Tanto vos vence a vós, quanto ás Estrellas
Vencem do claro Sol os resplandores.

Qual a fresca bonina, que floresce
Da mão da Natureza cultivada,
Assim de Olaia a formosura cresce.

Não he tão bella a luz da madrugada,
Como Olaia gentil, quando apparece
La de longe a meus olhos destoucada.

SO-

SONETO

Quem nunca vio a luz formosa, e pura
De teus olhos gentis, de teus cabellos,
Póde, como eu ja fiz, antes de vellos
Zombar de Amor, e rir-se da Ventura:

Póde, desconhecendo o que he ternura,
Perguntar o que he fe, e o que são zelos;
Não ter saudades, não sentir desvelos,
E á minha inquietação chamar loucura;

Mas não depois de os ver, que derribado
Do seu alto descanso ficaria,
Cheio de confusão desenganado;

Pois perdendo o valor, em que se fia,
Morreria em teus olhos abrazado,
Preso nos teus cabellos gemeria.

SO-

SONETO

Entra o soldado envolto em sangue, e terra
Na amada Patria a descançar contente;
E huma vez ao vizinho, outra ao parente,
Conta os perigos da passada guerra.

Ora diz, *que subira huma alta serra*
Por entre o fogo do pelouro ardente;
Ora que pelejando frente a frente
Aos reveios da morte os olhos cerra.

Depois colhendo vai para o futuro
Doces fructos da paz, que está gosando
Com vida alegre, o animo seguro.

Não eu, assim, que apenas descansando
Dos conflictos de Amor tyranno, e duro,
Nova guerra me faz teu gesto brando.

SO-

SONETO

QUal Pastor, que do somno acommettido,
No chão os lassos membros encostando,
Da noite ás tristes horas vai passando
Dos seus mansos cordeiros esquecido;

Té que do resplendor do Sol ferido,
A' força de seus raios despertando,
Abre os olhos, e o rosto levantando,
Fica por grande espaço suspendido:

Tal eu de ver teu rosto descuidado,
Nelle empregando a vista de repente,
De tanto resplendor fiquei pasmado.

Mas o fim deste caso foi diffrente;
O Pastor levantou-se descançado,
E eu cahi ferido mortalmente.

SONETO.

ALbano, quem es tu? Teu baixo estado
Não te confunde, não te desengana?
Qu'he das lavras, qu'he da cabana,
Onde estão as colmeas, onde o gado?

Que has de off'recer a Olaia confiado,
Se te ouvir algum dia mais humana?
Porás aos pés de tão gentil Serrana
Hum çurrão pobre, hum pastoril cajado?

Ansias, suspiros, lagrymas, e ais
Para quem desconhece o que he ternura,
Cuidas que são huns grandes cabedaes?

Pois sabe, que te diz a formosura:
Que ames menos, se queres valer mais,
Que onde sobeja Amor, falta a Ventura.

SONETO.

SE eu pudera viver de noite, e dia,
Vendo sempre esse gesto delicado,
Que ditoso, que bemaventurado,
Formosa Olaia, o meu amor seria!

Mas em que estou metendo a fantasia
Vão, ocioso, misero, coitado,
Ditosos so aquelles, que a teu lado
Gosão da tua amavel companhia.

O' da Fortuna errado movimento,
Que o bem que nega a quem por ti suspira,
Dá talvez sem nenhum merecimento.

Não se fez para mim contentamento,
A desesperação, a inveja, a ira
So se fizerão para meu sustento.

SONETO.

Cuidas talvez, Olaia, que imprudente,
Maculada tensão meus passos guia?
Longe, longe, ó terrena fantasia,
Tão contraria a meu animo innocente.

O Ceo, o justo Ceo, que lhe he presente
Do Mundo a mais occulta sympathia,
Dos meus olhos aparte a luz do dia,
Se te não diz a lingua, o que a alma sente.

De idolatrar-te nenhum fructo espero,
Porque te devo mais, quanto mais faço
Acho teu genio ou compassivo, ou fero.

Amo as tuas virtudes, satisfaço
O meu amor co' meu amor; mas quero
Que conheças, meu Bem, o mal que passo.

SONETO.

Tyranna Olaia, o teu desabrimento
Troca, que he tempo ja, troca em brandura,
Faze que este queixoso da Ventura
Seja se quer feliz por hum momento.

De teus olhos gentis hum movimento
Bem sei que muito val; mas a ternura
De tão constante amor, de fe tão pura
Tenha comigo algum merecimento.

Valhão-me estes suspiros innocentes,
Que ja para abrandar forão bastantes
Peitos de tigres, olhos de serpentes.

A mão para matar-me não levantes,
Ou mostra ao menos, que os meus males sentes;
E depois sê cruel, como eras d'antes.

SO-

SONETO

LA n'huma praia cavernosa, e fria,
Onde chamar teu nome costumava,
Aonde estás, Olaia, perguntava
Ao surdo mar, que nada respondia.

Nisto passei, ó Nymfa, todo hum dia
Té que de novo a voz alevantava:
Olaia, Olaia, aonde estás? gritava:
Está, dizer-me o éco parecia.

Corro vagando a humida espessura,
E para aquella parte me arrebato,
Onde ouvir tua voz se me figura.

Ah que assim foi o meu Destino ingrato!
Huma penha achei so, formosa, e dura,
Se tu não eras, era o teu retrato.

SONETO

EM frauta agreste, em lyra altisonante
Siga cada Poeta o seu Destino,
Cante a Natercia o meu Camões Divino,
E o nome de Beatriz celébre Dante:

Por Laura chore o seu Petrarca amante,
A Livia dé louvores Andrelino,
A Colona o sonoro Bernardino,
Por Genebra Ariosto a voz levanté:

Louve a Belliza a Musa de Salado,
Honre a Cassandra Sanazaro, em quanto
Catullo a Lesbia, a Flora Maldonado:

Que este nome de Olaia, que amo tanto,
Será de Albano em verso celebrado,
Feliz assumpto de mais alto canto.

SONETO

TRazei, Nymfas, trazei, mimosa areia
Nos virginaes regaços: espalhai-a
No duro chão: não mortifique Olaia
Os delicados pés, quando passea.

Ah como vem de maravilhas cheia!
Com tantas graças a manhã não raia,
Nem he tão bella a corpulenta Faia,
A quem o brando Zefyro menea.

Vós, Napéas do bosque mais vizinho,
Vinde esperalla, derramai-lhe flores,
Castas rosas, devoto rosmaninho:

Vinde, beijai-lhe a mão; e vós, Pastores,
Ide diante della, abri caminho
Para passar a Deosa dos Amores.

SONETO

HUm mudo suspirar continuamente,
Em segredo o teu nome articulando,
Agora feito estatua, agora errando,
Sendo talvez a fabula da gente.

Huma côr já de morto propriamente
Hum fallar sem saber que estou fallando;
Com vergonhosas lagrymas banhando
Hum rosto para todos descontente.

São, Olaia, os estragos de huma vida,
Que depois de morrer por ti de amores,
He de balde em desprezos consumida.

Recorda-los não he pedir favores,
He porque vejas so desvaneeida
O fructo, que hão tirado os teus rigores.

SONETO

QUando, Anarda gentil, os merecidos
Louvores teus a decantar começo,
De pôr a bocca nelles esmoreço,
Cahe-me a lyra das mãos, perco os sentidos.

Que são os meus desejos atrevidos,
Cheio de confusão mui bem conheço;
Mas outra Musa de mais alto preço
Cante os louvores, que te são devidos.

Que eu ca de longe, como envergonhado,
Ora ouvindo louvar o riso brando,
Ora as palavras, ora o doce agrado;

Não a voz, mas os olhos levantando,
Estarei sobre a lyra recostado,
No teu formoso gesto contemplando.

SONETO

NA borda do seu concavo saveiro,
Acaso hum dia, ó dia assignalado!
O pescador Albano achou gravado
Lida de fresco este fatal letreiro:

Conhece, Albano, que es hum vil barqueiro,
Ao trabalho do remo acostumado,
Negro do Sol, dos ventos açoutado,
De membros torpe, de expressões grosseiro.

Olaia não te quer, ella o tem dito,
Este he, ó pescador, o extremo damno
Da sentença mortal do teu delito.

Leu-o; e chorando o desgraçado Albano,
Arranca a taboa, aonde estava escrito,
E ao Templo a foi levar do Desengano.

SO-

SONETO

Vós, que á sombra dos alamos copados
Nas vossas flautas pastoris tangendo,
Ora as aguas parais, que vão correndo,
Ora os troncos movéis, que estão parados;

Mostrai que em vossos versos levantados
Para estes meus tão alto estylo aprendo,
Que ca do Tejo a fraca voz erguendo,
Sois lá de mim no Douro acompanhados:

Então levando ao peito a sanfonina,
Coroado de rosas, e Amaranto,
As cordas ferirei com mão Divina;

E se acaso, ó Pastores, posso tanto,
Cantando espalharei nesta campina
Da Arcadia Portuense o novo canto.

VER-

VERSOS GLOZADOS

NA REAL PRESENÇA

DE SUAS MAGESTADES, E ALTEZAS.

MOTE

Gloria dos Reis, do Reino segurança.

GLOZA

SONETO

JA Portugal respirará contente,
O' formosa, ó Augusta Successora:
Que tem a Inveja que fazer ja agora,
Mais que estar-se a morder continuamente?

Alta eleição do Rei, que sabiamente,
Se Esposa, a Monarquia vos adora,
Nos recompensa os sustos da demora
Neste impensado jubilo presente:

Ja, Princeza, na nossa intelligencia
Tomando campo vai certa esperança
Da vossa dilatada descendencia:

Por ella o Luso Imperio em vós descansa;
Contemplando-vos ja sem contingencia,
Gloria dos Reis, do Reino segurança.

MOTE

Sem á dita de Aquilles ter inveja.

GLOZA

SONETO

SE o grão Cantor, q o Mundo encheu de espanto,
Porque a fama de Aquilles poz notoria,
Fez que Alexandre lhe invejasse a gloria,
Pois não devo ás Musas outro tanto:

Vossa Alteza, Senhor, que sabe o quanto
De hum, e outro Heroe vence a memoria,
Fará que eu decantando a vossa historia
Não inveje tambem de Homero o canto.

Que assumpto mais feliz, ou mais glorioso!
Se inda á vista daquelles faz que seja
Eu invejado, e vós nunca invejoso!

Hum novo Homero em mim por vós se veja:
E hum Alexandre em vós por mim famoso,
Sem á dita de Aquilles ter inveja.

MOTE

A' grandeza do assumpto aspira a Musa.

GLOZA

SONETO

SE a Fáma, que altamente pregoeira
Cantou sempre as acções da vossa vida,
Hoje de assombro com razão duvída
Ser de tão faustas novas mensageira:

De que sorte, Senhor, dé que maneira
A minha voz, por baixa, nunca ouvida,
Cantar póde huma empresa tão subida,
Que inda a Musa mais alta lhe he rasteira?

Materia de cothurno a acção presente;
E dizer couza, que louvor produza,
Não póde o plectro humilde, e descontente:

Mandai cantar por outro a gloria Lusa;
Que em mim, por mais que louve, inutilmente
A' grandeza do assumpto aspira a Musa.

ODES

I

Aonde me arrebato
Na santa devoção deste alto empenho?
Por mais que as azas bato,
Sempre pezado, e frouxo me detenho;
Mas quem forças me deu
Para subir, para voar ao Ceo?

Vós, Santo illustre, e forte,
Que de hum glorioso rapto la subiste;
Sebastião, que a morte
Fazer soubeste alegre, sendo triste;
Vós sois, de quem eu canto:
A minha Musa enchei d'hum furor santo.

Hu-

Huma setta brilhante,
Das que foi alvo illustre o vosso peito,
Fazei, que penetrante
Desça ja sobre mim: ó prompto effeito,
Que n'alma vou sentindo!
Agora sim, que vós me estais ferindo.

Vós sois o valeroso
Campeão de Christo, que em virtuosa guerra
Consummastes ditoso
O triumfo melhor, que ha sobre a terra:
A' Patria verdadeira
Levando as almas por tão sã carreira.

A cega idolatria
Nas mãos o errado perfido volume
Aberto revolvia;
E vendo a Lei desse infernal costume,
Que assim por vós se infama,
Sobre elle negras lagrymas derrama.

Ella presenciava
Por vosso esforço, que com zelo ardente
As costas lhe voltava
Quasi infinito numero de gente,
E que com vosso exemplo
Está sem culto o seu nefando Templo.

No peito introduzida
Desse purpureo indomito tyranno
Faz tiro á vossa vida:
O' impio! O' infiel Dioeleciano!
Vê o que determinas,
Que aquellas são as mais fieis doutrinas.

A pestilente boeca,
Que no faminto pavoroso Inferno
Latindo se suffoca
Entre o grosso vapor do lume eterno,
Abre a triforme fera,
E por seu vulto denegrido espera.

Manda fechar a aljava,
Em quanto he tempo, manda. Mas que cego
Temor me allucinava!
Vós esperais, ó Santo, com socego
A morte; e na partida
Morrendo ireis á mais illustre vida.

Sim, que ja la vivendo
Desses ministros do furor triunfante
O premio recebendo
Estais, devido á vossa fe constante;
Sem que a serena face
Levemente de susto se enfiasse.

Vistes a descorada
Ameaçadora mão da Morte feia
Contra vós levantada,
Que em mil settas o corpo vos rodeia;
Porêm sem fausto a vistes,
Que com ella do Ceo a porta abristes.

Se Irene aqui pudesse
Soltar por mim a voz, melhor diria,
Como vos fortalece
O claro lume, que do Ceo descia:
E para o transe amargo
Vos dá valor, e soffrimento largo.

Nesse tronco ditoso
Os innocentes membros vos atárão:
O' tronco venturoso!
Cuja alta sorte os outros invejárão,
Que na fertil campanha
O Sacro Tibre vagaroso banha!

A grande, antiga Roma
Confusa o vio, e ainda vacillante
No verdadeiro dogma
Os olhos abaixou, mas ja triumfante
Vos chama, vos festeja
Da Fe columna, Defensor da Igreja.

Mais

Mais prodigios dissera
Inda do vosso singular martyrio:
Eu so, eu so fizera
Morder-se o Inferno, e alegrar-se o Empyreo,
Que inda ca sinto o effeito
Da ardente setta, que abrazou meu peito.

Mas vós, ó Coro Santo,
Quanto melhor que as filhas da memoria,
Em vosso immortal canto
Destes assombros numeraes a gloria!
Eu ouço, eu onço os Hymnos:
Cantai, cantai, Espiritos Divinos.

II

ENtre as Deosas tão célebres em Ida
Embora o fogo accenda
Essa, que no aureo pomo introduzida
Moveo alta contenda:

Derrame embora tragico veneno
Sobre amigas Cidades;
Qual Noto fero contra o mar sereno
Desate as tempestades:

Das

Das mãos arranque de Hymeneu sagrado
A faxa luminosa;
Arme agudo punhal ensanguentado
Contra innocente Esposa:

Faça que o Pai sizudo ao filho vendo,
Ao filho que gerára,
Os antigos aggravos revolvendo,
De rancor volte a cara:

Va pelo Mundo murmurando, e rindo
Dos males, que semeia;
Com mão subtil de casa em casa urdindo
A simulada teia:

Feliz somente nosso amor, Belliza,
Não teme força estranha:
Longe do vulgo o excelso cume pisa
Da Olympica montanha:

Não teme da sevissima Megera
O furibundo ensaio;
Muito além vive da estrondosa Esfera,
Onde se forja o raio:

De alto verá beber no antigo Douro
Mil apestadas rezes,
Cobrir-lhe as margens, não de areias de ouro,
De verdenegras fezes:

Ce-

Celébre o Mundo do incendido Pado
As aguas, que ja forão
Sepulcro triste do mancebo ousado,
Que as Helyadas chorão:

Do formidavel bruto a grão victoria,
De toda a Arcadia espanto,
Famoso faça pela Herculea gloria
O rapido Erimanto:

Que o puro Amor, que o tempo não consome,
De Belliza e Albano,
Mais alto, ó Douro, levará teu nome,
Que as ondas do Oceano.

Ah Belliza, não temas a inconstante
Mentirosa Ventura;
Amor não firma o pé no disco errante
Da roda mal segura:

Nesta alma vives, de que tu es parte:
Nossa maligna Estrella
O aspecto mostre de Saturno, ou Marte,
Nenhum poder tem nella:

A fe nos une, a fronte nos coroa
Pacifica oliveira:
Em vão no punho imigo aos ares voa
A purpurea bandeira.

III

AOnde, aonde, corações humanos,
Batendo as roxas azas,
Belleza encontrareis, e suavidade,
Sem que os rapidos voos
Vos levem diligentes, onde habita
Isbella encantadora?

De huns appetece o paladar activo
Os saborosos fructos;
Revolvem outros na grosseira bocca
Insipidos manjares:

Comtigo falo, abominavel vulgo,
Que dos lodosos charcos
Fartas a sede nas salobres aguas;
E a fonte pura deixas
Pela terra perder-se inutilmente;

Longe daqui te aparta;
Que á corrente das gratas harmonias
Para ti se não solta.

Culta Lisboa, ergue a sábia fronte
Para admirar Isbella:
Verás hum novo, e delicado gésto,
Aonde as Graças morão,

Os

Os copos de suavissimo veneno
Dando a beber aos olhos,
Com que a vontade hydropica se abraza
De insaciavel sede.

Oh que desejos mil andão voando
Ao redor de seu rosto!
O namorado Amor nelle se encosta
Suave, e mansamente,
Para escutar-lhe o canto de mais perto,
A cuja força estranha
Vão, como de tropel, as mais isentas
Almas arrebatadas;
Quaes nos campos de Thracia ao som Divino,
As indomitas féras.

Verás as Nymfas descuidadas tanto,
Que as grinaldas, que tecem,
Deixão cahir das mãos sobre o regaço.
Nos cavernosos montes
Eólo enfreia os ventos, so respira
Brandamente Favonio;
Porque a nossos ouvidos traga, e cheguem
Essas celestes vozes:
Eu vou, eu vou; a magica harmonia
Me eleva, e me transporta:
Da terra erguer me sinto sobre as nuvens;
Parece que ao Ceo voo.

A branda voz, que penetrou minha alma,
Não póde ser, não póde
Respiração de fraco alento humano!
As vozes são de Isbella.

Com menos suavidade, á fresca sombra
Das arvores frondosas,
A musica dos ledos passarinhos
Ao lasso caminhante,
De hum imperfeito somno adormentado,
Os sentidos lhe prende.
Oh bemaventurado o que vos ouve!

O Monstro macilento,
Cujos accesos, revirados olhos
Impacientes não soffrem
As luzes das Estrellas, ensanguente
Os estiticos dedos
Entre os immundos venenosos dentes;
Que para preservar-te
Da torpe inveja, que a Virtude opprime,
Sempre o merecimento
Mais alto, e singular tens ao teu lado.

Tu cauto, errante Grego,
Que ás vozes de Partenope escapaste
Artificiosamente,
Se não queres render-te ao novo canto,
Ah foge, Ullysses, foge
De entrar segunda vez a foz soberba
Do Lusitano Tejo! Não

Não vês, ó formosissima Cantora,
Como ja para ouvir-te
Inclina o Padre Oceano a veneranda,
E cerulea cabeça?
Mudos estão os Satyros longevos
As crespas sobranceilhas,
De admirados, erguendo; e sobre a bocca
Põem o rustico dedo.

IV.

E Conseguio a pallida doença
Com descarnada mão tocar teus membros,
Verter teu sangue, desbotar teu rosto?
Que deshumano insulto!

E póde enfraquecer desses teus olhos,
Desses teus bellos olhos, a luz pura,
Aonde o pio Amor continuamente
Ardendo se veria!

Vós, justissimos Ceos! que o permittistes;
Porque não permittistes que eu ao menos,
Chegado ao brando leito de Lorinda,
Chorar seu mal podesse?

Alli eu mesmo, com piedosa mágoa,
O copo da asquerosa medicina
A beber lhe daria, eu a animára,
Se lhe voltasse o rosto.

Al-

Alli receoso, e próvido estivera
De quando em quando a perguntar-lhe eu mesmo,
Se estava angustiada, ou se ja tinha
Mais algum refrigerio?

Alli fora o primeiro, que velasse
No silencio da noite; e mansamente
De instante a instante a ella chegaria
A ver se respirava.

Infeliz, tu primeiro dos humanos,
Que com teu venenoso mal podeste
Inficionar a bella natureza
Das miseraveis gentes:

Tu fizeste caduca aquella idade,
Que respeitára a inexoravel Cloto:
De outros erros maiores es a causa;
Oh mal haja o teu erro!

Que o tronco immovel, que a insensivel pedra
Sejão mais perduraveis, mais sádios,
Que os bem formidos membros, que organizão
O corpo mais robusto!

Mas ah! Não queira o Ceo, Lorinda bella,
Ja que destas pensões te não fez livre,
Que tão cedo a corrupta natureza
Delias te peça conta.

Respirem sempre os ares mais benignos
Ao redor de teu corpo delicado:
A infesta vista para ti não volte
A pallida doença.

V

Ao mais leve ruido,
Co' a prompta vista a casa rodeando,
Acorda expavorido
O vil ambicioso, imaginando,
Que o nocturno, e destrissimo ladrão
As chaves lhe tirou da escassa mão.

Applica o temeroso
Ouvido, receando, quando escuta,
Insulto criminoso,
Que em seu thesouro avaro se executa:
Qual edificio, em que se ateia a flamma,
Alvoroçando a casa, os servos chama.

Feliz, tu, que despertas:
Podendo em pobre cama socegado
Com as portas abertas
Tornar ao doce somno começado,
Até que volte o dia, sem mais pena,
Que achar talvez a noite ser pequena.

Quie-

Quieto o pensamento
Repousa em ti, sem nunca fatigar-te,
Nem por mar, nem por vento:
Com elle vas do Mundo a qualquer parte:
As couzas vês, e a discorrer não ousas:
Triste o que sabe duvidar das couzas!

Da sofrega ambição
Jamais seguir os passos determinas,
Por medonho oertão
A ir desencantar preciosas minas;
Mas antes, sem tentar arduas empresas,
Zombas das honras, zombas das riquezas.

Rompendo o curvo arado
Em paz a propria terra, que semeias,
Te contens moderado,
Sem ir buscar undivago as alheias,
Ou por hum asperissimo deserto
De hum perigoso, e vil suor coberto.

Da terra sobre a face
Depois o fructo vês, que em tempo veio;
O ouro alli te nasce
Nas barbadas espigas do senteio;
Que dando-lho singelo, tem cuidado
De to restituir multiplicado.

Em pequeno celleiro
Recolhes mais seguro o teu sustento,
Que o inutil dinheiro
Em chapeados cofres o avarento:
Em ti distribuido honestamente,
Nelle guardado vergonhosamente.

Ah que se tu souberas
O que passa no Mundo, e seus costumes,
Outra idea fizeras
Bem diff'rente de ti, do que presumes!
Que huma sã natural Filosofia
Não so augmenta a dor, mas a alegria.

Quando ao monte subisses
Alguma vez a apáscentar teu gado;
E la ao longe visses
Sahir a náo fendendo o mar cavado,
A terra pouco a pouco atraz deixando,
Até que volte sem saber-se o quando:

Então, então darias
Todo o valor devido ao teu socego;
E comtigo dirias:
O' tu, que entregue vas ao alto pégo!
Famínto, e vão desejo, inclina a véla
Pois vas com sede, e has de vir com ella.

Se fora a Natureza
Com sábia mão teus passos dirigindo
Por toda a redondeza,
Novos Ceos, novas terras descobrindo,
Porque depois a nescias creaturas
Deixasses proveitosas escrituras:

Arriscasses embora
Entre sustos, e lagrymas a vida:
A vida, que o não fora,
Se so fora em regalos consumida;
Porque em molles espiritos não cabem
As couzas grandes, que os prudentes sabem.

Mas ir abrindo os mares
Agora ao fundo abysmo sepultado,
Agora pelos ares
Voar ao Ceo nas ondas levantado;
Tremulo o corpo, e ja no rosto afflicto
Da fria Morte o negro gesto escripto:

A doenças mortaes
Humas vezes exposto, outras a fomes;
Tudo por cabedaes,
Que ou não chegas a ter, ou mal comomes:
Ah louco atrevimento de homem louco,
Tanto queres, bastando-te tão pouco!

Ah nescio, aonde vas?
Cuidas talvez que he pouco o que possuo?
A santa, a santa Paz
Em seus braços me aperta, não fluctuo
No golfo da ambição, sempre em bonança
Me cérca virtuosa Temperança.

Aqui reina a Verdade,
Sem que a lisonja lhe dispute o mando:
A serena Amizade
Com pacifica mão vai derramando,
Não os venenos da zizania antiga,
Sim as doçuras da concordia amiga.

Aqui sem artificio
Me vestem crespas lans: pobre aposento
De baixo frontispicio
Me tolhe a chuva, e me repara o vento:
De dia alegremente trabalhando,
De noite do trabalho descançando.

Aqui da negra inveja
Jamais me infama o bafo pestilente:
Do que aos outros sobeja,
Bem que me falte a mim, vivo contente:
Porção pequena de qualquer comida
Basta para manter-me a curta vida.

Das

Das tetas espremendo
Da mansa vacca o leite saboroso,
O vou depois bebendo
Pelo concavo tarro mais gostoso,
Do que esses odoriferos liquores,
Que talvez desconcertão teus humores.

Aqui, quando anoitece,
Tropel não ha que o somno me embarace;
E logo que amanhece,
Alegre vem dizer-me que o Sol nasce
(Rodeando-me a choça) o passarinho,
Que primeiro do que eu deixa seu ninho.

Em vez de altos cuidados,
Doce canto me acorda brandamente:
De empregos arriscados
Não me faço importuno pertendente:
Bastava-me a razão, a faltar Lei:
Adoro o Rei, somente porque he Rei.

Amiclas pescador:
O' venturoso Amiclas, se podera,
O vão subjugador
Da Patria o Sceptro pelo remo dera;
Quando pede, que o passes, invejando
A paz, que n'alta noite estás gosando.

Mas

Mas aonde caminhas,
Pastor, que estás em vão vociferando?
Deixa as gentes mesquinhas
Fartar do lodo vil, que vão buscando:
Coroem teus trabalhos venturosos
O ouro não, os pampanos viçosos.

Deixar o Mundo embora:
O que hoje vemos nós, ja outros vírão:
Não he, não he de agora,
Que pessimos costumes mal se tirão:
Atolados em sórdida cubiça
Longe de nós, oh homem sem justiça!

VI

VAi, mesquinha Ambição, chega-te ao leito
Do languido doente,
Alli lhe representa o rico aspeito
Do Indico Oriente:

Do aurifero Brasil mostra-lhe abertas
As profundas entranhas,
Pinta-lhe os dons, repete-lhe as offertas,
Que tu finges tamanhas:

Azues safiras, rigidos diamantes,
Incendidas granadas,
Inda as humidas pedras brilhantes
Nas conchas prateadas:

Com

Com alcatifas de Achemenia lhe orna
A casa de ouro cheia,
E com ambas as mãos profusa entorna
O corno de Amalthea:

Insaciavel Monstro, que me queres?
Te diz entre gemidos;
Em nada, em nada tenho esses prazeres,
Prazeres corrompidos:

Sobre a rija bigorna o dia inteiro
Co' duro braço erguido
Inda he mais rico o sordido ferreiro,
De negro po tingido:

Volvendo o nauta rude a grossa amarra
No forte cabrestante
Mais feliz he, surgindo pela barra
Com robusto semblante;

Quer antes que perde-lo o vil forçado
Passar pelo desprezo,
Com que o descalço pe move cançado
Do vergonhoso pezo:

O mendigo embrulhado em roto manto,
Que mal lhe tolhe o frio,
Alegre vai de porta em porta, em quanto
Sente o corpo sadio:

Do carrancudo Tormentorio á vista
Passára ousadamente,
Até firmar os pés na grão conquista
Da Lusitana gente:

De baço, e nu selvagem não temendo
As settas, e os alfanges,
Novos caminhos por sertões fazendo,
Passára além do Ganges:

De mil possantes náos gemer fizera
As concavas entranhas,
E prenhes sobre o mar as extendêra
De riquezas estranhas:

A casa do soberbo frontispicio,
Que fundára com ellas,
Onde se visse o prodigo artificio
De marmoreas janellas.

Não fora como a vossa, ó cega gente,
Tão longe da Virtude:
Hum Templo fora a ti, a ti somente,
Benefica Saude.

VII

NÃo de Carthago, nem de Troia canto
Os ja desfeitos, e abrazados muros:
Mais alto a voz levanto,
Que ha de servir nos seculos futuros
De exemplo, e mais de espanto:

Longe superstição, longe Deidade,
Que influir sobre os canticos affectas
Divina suavidade:
Eu sou ferido das brilhantes settas
Da candida Verdade:

Os altos edificios, cuja gloria
Riscar não póde a negra mão dos Fados,
Padrões de larga historia
A' publica saude consagrados
Em honrosa memoria:

Não são muros de Thebas, erigidos
Em virtude do canto fabuloso:
Não são montes erguidos
Contra o poder de Jove respeitoso
Por homens atrevidos:

Tu es, ó grão Lisboa, alta Cidade,
Do Mundo Emporio, a Capital das gentes,
Patria da heroicidade,
Que debaixo das cinzas inda quentes
Respiras Magestade.

Todas estas Cidades, que acabárão,
Victima infausta de sanguinea guerra,
Que apenas te igualárão,
Inda jazem caídas sobre a terra,
Que sobérbas pizárão;

Não foi de bellicosa gente armada
Repentina invasão, não força estranha
De mina rebentada:
Não foi estratagema, não foi manha
De inimiga cilada:

Não foi esse flagello horrendo, e feio,
Que ministrado nas fataes cruezas
Do ataque, e do bloqueio,
Ver não podem munidas fortalezas
Sem tremer de receio:

Esse, que póde de terror, e espanto
Fazer tremer o Mundo, e a fraca terra
Cobrir de amargo pranto,
Foi quem te consternou, quem te fez guerra,
Que outrem não póde tanto!

Eu te vi ir com a viva côr mudada,
A mal vestida roupa fluctuante
Pelos hombros deitada;
A huma, e outra parte, vacillante
Correndo desgrenhada:

Eu te vi levantar altos clamores,
Tropeçar, e cahir atropellada
Dos teus habitadores:
Sobre mudos penhascos, rodeada
De pallidos horrores:

Bem como aquelle, que cahio ferido
Entre os soldados do esquadrão guerreiro,
He logo soccorrido
Do bom amigo, que lhe deu ligeiro
A mão compadecido:

Assim do meio de miseria tanta
Te ergueu aquelle, que da negra Inveja
Opprime a vil garganta:
Ah! Chega ao grande Conde, a mão lhe beija,
A mão, que te levanta:

Oh Grande Pai da Patria, Heroe benino,
Tua robusta mão capaz so era,
De tamanho Destino:
Por ti o Alto Jupiter espera
No assento crystallino:

Com que rosto de la do Soberano
Throno das almas dos Heroes potentes
Verás, se não me engano,
Ferver cada vez mais, estranhas gentes
No Tejo Lusitano:

Quando voltarem para os patrios ninhos,
Viráõ, movidos de alta crosidade,
Sahindo-lhe aos caminhos,
A perguntar-lhe pela Grão Cidade,
Parentes, e vizinhos:

Agora louvaráõ os beneficios
Das sabias Leis, agora o fundamento
Dos nobres edificios,
Que inda porão em longo esquecimento
Os célebres Egypcios.

Não consultei de victima innocente
As fumegantes humidas entranhas:
Não o Ceo reluzente,
Subido sobre o cume das montanhas
Com juizo imprudente:

No auspicio de outra luz os olhos fito:
De huma alma grande as intenções proponho;
Consulto o Conde invicto:
Não se presuma que deliro, ou sonho;
Com elle o acredito:

Jactem-se esses Heroes conquistadores
(Nomes, com que se o povo neseio engana)
Dos barbaros furores;
Com que opprimindo a fraca gente humana
Se chamárão Senhores:

Entrem pelas Provincias descuidadas:
A mal avindos póvos fação guerra:
Vejão despaçadas
Cahir as altas povoações por terra,
Entre lanças, e espadas:

Fação tremer Neptuno de assustado:
Rompão-lhe á força de nadantes quilhas
O ceruleo costado:
Obrem outras mais altas maravilhas,
Que dão no Mundo brado;

Que tu, ó Fama, no portal do Templo
Defenderás a entrada iniqua, e dura
A semelhante exemplo,
Reservando somente esta Ventura
Ao Heroe, que contemplo:

Ao filho de Laertes, que importára
O astuto esforço de assolar Dardania,
Se por memoria rara
Com bemfeitora mão na Lusitania
Lisboa não fundara.

Este da verdadeira heroicidade
Será somente o titulo, e o modo
De entrar na Eternidade;
Que he mais, que desfazer o Mundo todo,
Erguer huma Cidade.

VIII.

RAmo feliz de fructos esperados,
Que a crescer principias:
Do Ceo, que te dispoz, abençoados
Sejão teus bellos dias:

Oh nunca a mão cruel, do desabrido
Noto, contra ti vejas!
Antes de hum brando Zefyro movido,
Co' elle brincando estejas:

Em fresco orvalho sobre ti descenda
Todo o riso da Aurora:
Elle ao secco Estio te defenda
Da calma abrazadora;

Mas não es tu producto florecente
Do tronco generoso,
Cujas folhas irão perpetuamente
Tocar o Ceo formoso?

Eu não escuto Angelico Destino
Com voz serena, e santa,
Que de teu nascimento peregrino
Alta ventura canta.

Não te promette em seculo vindouro
De Outono sazonado
Melhores pomos, do que os pomos de ouro,
Que Alcides tem roubado.

Não diz, que então á sombra recolhidos
Da tua excelsa rama,
Virão do Tejo os cysnes escolhidos
Cantar a tua fama:

Tu es, tu es o ramo abençoado
Disposto em chão fecundo,
Para seres no Mundo respeitado
Dos melhores do Mundo.

Tragão do campo as Tagides formosas
Flores nas brancas fraldas;
De roxos lyrios, de purpureas rosas
Te fabriquem grinaldas;

E as Graças, que em ti já se estão revendo,
Irão cheias de gloria,
Nas tuas verdes folhas escrevendo
Deste dia a memoria.

IX

SE em teus puros Altares
Em honra deste dia, ó bella Olaia,
Não vês subir aos ares
Os fumos da odorifera Pancaia:

Se em honrosa memoria
Com festivas geraes acclamações
Não vês á tua gloria
Fundir estatuas, levantar padrões:

Se do cedro aos ardores
Não vês chegar pacificas, e promptas
Cathedras de flores,
Cem brancas rezes de douradas pontas:

Se não vês as disputas
Das carroças nos circulos ligeiras,
Nem sanguinosas lutas,
Nem apostas nas rapidas carreiras;

He porque não dispensa
A avarenta Fortuna a hum baixo estado
A grande differença,
Que vai do aureo Sceptro ao vil cajado.

Pelas rasas campinas
Não ha entre as pobrissimas cabanas
Mais que humildes boninas
Molles juncos, grosseiras espadanas.

Nas rusticas Aldeas
Não ha mais do que alegres passarinhos,
Melliflua colmeas,
Pobres tarros, malhados cordeirinhos.

E'cos dos montes,
Asperos sons de rusticos salteiras,
Louvores entalhados
Nos corruptiveis troncos dos salgueiros.

De huma simples Pastora
São estes dons proporcionados prendas;
De ti, minha Senhora,
Não são, nem devem ser dignas offrendas.

Mas se huma alma, que tenho,
Agora ta não der, para que a quero?
Eu offerecer-ta venho,
Recebe, Olaia, o dom, vê que he sincero.

Nella o teu nome esteja
Mais perduravel, do que em bronze duro,
Olaia novo Templo seja,
Onde se guarde do poder futuro.

Nelle segura, e ufana
Vive a pezar dos seculos ingratos,
Queime-se o de Diana,
Que este não teme a mão dos Herostratos.

Póde abater-se a torre,
Dar de si a firmissima coluna;
Mas n'alma, que não morre,
Não tem poder o braço da Fortuna.

X.

N'Um silio, que busquei acommodado
Para chorar meus males;
Aonde ao me via rodeado
De montes, e de valles;

A' sombra de hum altissimo loureiro,
Que tem o nascimento
Na corrente de hum candido ribeiro,
Ainda mal me assento.

Quando a huns ternos ais desconhecidos
O rosto levantando
Descubro entre solaços, e gemidos
Hum menino chorando.

Quem es? (lhe perguntei) quem te maltrata?
Deu-te, menino, alguem?
Eu sou Amor, offende-me huma ingrata,
Que de mim dó não tem.

Na face o beijo, e á meu collo o trago,
As lagrimas intento
Limpar-lhe enternecido; mas co' afago
As lagrimas lhe augmento.

Aonde estão as settas, lhe dizia,
Aonde o arco, a aljava?
Queria responder-me, e não podia,
De novo soluçava.

Aonde está, Cupido, aquelle ousado,
Aquelle atrevimento,
Com que as terriveis armas tens levado
Até ao Firmamento?

Por ti não desceu Jupiter á terra
Em diversos semblantes?
Não temeu muito mais a tua guerra,
Que a guerra dos Gigantes?

Contra Marte os teus raios não despedes,
Não lhe applacas a irá?
Não fica preso nas Vulcaneas redes,
Por Venus não suspira?

Por

Por ti o Louro Deos, que os carros guia
Do dia luminoso,
Apoz da esquiva Daphne que fugia
Não correu amoroso?

Por ti a casta Deosa não deixava
Os patrios Horizontes,
E entre brancas ovelhas não buscava
Endymião nos montes?

Tu so, tu forte Amor, abrir podeste
A Porta diamantina,
Sahir á luz do Sol Plutão fizeste
A buscar Proserpina.

Quantos Deoses em fim, quantos humanos
Sentirão teu estrago?
Digão-no os Gregos, digão-no os Troianos,
E dize-o tu, Carthago.

Eu vejo, eu vejo o fogo devorando
Cidades, e campinas,
As Mãis correndo, os filhos espirando
No meio das ruinas.

Se ver podeste, Amor, tanta desgraça
Com semblante sereno,
Como he possivel que chorar te faça
Hum poder tão pequeno?

Amor,

Amor, que no meu peito recostado,
Ouvindo attento esteve,
Os olhos abaixou, de envergonhado
A fallar não se atreve.

Té que dando hum suspiro, já disposto
Para fallar se ensaia;
Que mal conheces o Divino rosto
Da poderosa Olaia.

Quiz responder-lhe, e elle continúa:
Aquella féra humana
He ainda mais féra, inda mais crua
Do que he a Tigre Ircana.

Zomba das minhas settas passadoras,
Meu poder desconhece,
Nem do que passo, nem do que tu choras
Huma vez se enternece.

Arco, aljava, e mil settas fiz de novo
De ponta mais aguda;
E antes de atirar, primeiro as provo
Em huma penha rudo.

Puz no arco as mais fortes; e atirando
Á seu peito huma e huma,
Ora se entortão, ora vão quebrando
Sem a ferir nenhuma.

Sempre encontrei dobrada resistencia,
Té os ferros lhe hervava,
Não me esqueceu nenhuma providencia,
Mas nenhuma bastava.

Outros meios tentei: Farto voando
Aos Sicilios montes,
Raios estão a Jupiter forjando
Esteropes, e Brontes:

Peço a Vulcano que hum grilhão me faça,
Mais forte, mais pezado,
Que esse, que tem com misera desgraça
Na roda a Ixion atado.

Volto com elle cheio de esperança,
Que ja me promettia,
Olaia busco, e vejo que descança
Entregue ao somno hum dia.

Ah que não sei dizer-te vivamente
Daquelle gesto brando
A graça natural, pura, innocente,
Com que está respirando!

Não sei dizer, por mais que a voz levante,
Como he bella dormindo,
Perdôa, minha Mãi, o teu semblante
Não he, não he tão lindo.

Accende-se de vella o meu desejo,
E sem que me fartasse,
No eburneo collo descoberto a beijo,
Nos olhos, e na face.

Então nos lisos braços por cautela
O grilhão prevenido
Lhe deito mansamente, porque della
Não fosse presentido:

Quando deste meu pranto desprendida
Huma lagrima ardente
Lhe cahe no bello rosto, e espavorida
Acorda de repente.

Os olhos poz em mim formosa, e fera,
Tal fogo nelles traz,
Que como ao lume se derrete a cera,
O meu valor desfaz.

Rompe a cadeia dos mimosos braços;
Quem tal imaginou!
E em desprezo c' os miseros pedaços
De longe me atirou.

Desarmado fiquei, sahi correndo
Té parar nesta praia:
Ja me não chamo Amor, nem sou Cupido,
Sou o odio de Olaia.

So de quantas ideas tenho feito,
Util póde ser esta,
Desse teu coração, desse teu peito
Hum suspiro me empresta.

Com elle juro aos Deoses, e ás Estrellas
De obrar couzas tamanhas,
Que até lhe faça derreter aquellas
Durissimas entranhas.

Nestas armas somente confiado
Partio, Amor, voando,
E eu a suspirar acostumado,
Lhe disse suspirando:

Aqui te espero, Amor, nestes retiros:
A victoria segura;
Mas olha bem, que são os meus suspiros
Suspiros sem Ventura.

CANÇÕES

I

LOnge, barbaro vulgo!
Fugi, fugi de mim; porque os subidos
Mysterios, que divulgo,
Na attenção dos incredulos ouvidos
Não fazem doce effeito:
Põe, ó Musa, tanta alma no conceito
Deste alto assumpto, que me occupa a mente,
Que, ferida de hum raio intelligente,
Faça o que for compondo
Harmonia no Ceo, no Inferno estrondo.

Não cantarei de Ormias,
De Lucrecias, de Porcias as vulgares
Estranhas ousadias,
A quem no Mundo a Fama ergueu altares;
Nem de outras de igual Fama:
Cantarei a Matrona, que se acclama
Entre as fortes mulheres MULHER FORTE;
Que as Leis vencendo da invencivel morte,
Os vinculos desata
Da culpa, e vive co' a pureza intacta.

Não cantarei as Didos,
As Sabas, as Semiramis, que a gloria
De seus Reinos luzidos
Inda durão nas paginas da historia,
A Divina, a profana:
Cantarei a Rainha Soberana,
Que ja muito antes de que houvesse idade,
A preservou de humana enfermidade
Quem todo o poder tem,
C'um poder alto, nunca dado a alguem.

Não cantarei Joannas,
Ursulas, nem Luzias, que vencendo
As suggestões profanas,
Que arma contra a pureza o vicio horrendo,
De coroas, e palmas
Ornão triumfantes as preciosas almas:
Cantarei a mais pura, intacta, e Santa;
Que a Fé adora, e que a Igreja canta,
Que foi Mãi, sendo Virgem,
Fonte de Graça, da Pureza origem.

Não cantarei as Saras,
As Lias, as Raqueis tão conhecidas,
Na formosura ranas,
Grandes em nomes, célebres em vidas,
Notaveis na Escritura:
Cantarei a celeste formosura,
Que honrou da enferma Natureza a massa,
Que de graças encheu o Auctor da graça,
A Rosa mais perfeita,
Que o Ceo, plantada em Jerico, respeita.

Cantarei a formosa
Judith contra o Gigante do peccado,
Tanto mais valerosa,
Quanto vai da figura ao figurado:
Do Testamento a Arca
Cantarei, cantarei aquella barca,
Que no Diluvio da original tormenta
Entrou no Mundo do naufragio isenta;
E a pomba, que o virente
Ramo trouxe da Paz a toda a gente.

Cantarei huma Aurora,
Não como a que ante o Sol nos vem raiando,
Mas outra Precursora,
Que á luz do mesmo Sol as luzes dando,
As recebeu mais bellas
Do Creador do Ceo, e das Estrellas:
E se o meu fraco espirito la chega,
Neste alto mar de luz, em que navega,
Nova Estrella me guia,
Que es Tu, es Tu, Santissima MARIA.

Oh! Como vivamente
Na idea se me está representando
Que no Ceo (altamente
O teu Nome Santissimo entoando)
A Espiritos Divinos
Repetir ouço os Canticos, e os Hymnos;
E que o mesmo Senhor tres vezes Santo
De hum amor ineffavel se enche tanto,
Que, se possivel fora,
A gloria sua se augmentára agora.

Oh! Como me parece
Que as Estrellas scintillão mais brilhantes!
Que o amor não se enfurece,
Que estão de nós os Ceos menos distantes!
Que la dos horizontes
A terra inclina os levantados montes!
Porêm que o Reino de ira sempiterna,
Onde tudo sem ordem se governa,
Ouvido o nome Santo,
Levanta horrendo, e inconsolavel pranto.

Que trasbordando fóra
Fervem da Estige as denegridas aguas,
Que a chusma gemedora
O pezo soffre de dobradas mágoas;
Que os impios maldizentes
A raiva exprimem no estridor dos dentes;
E as almas novamente atormentadas,
A' força das cadeas arrastadas,
Sentem tremer absortas
Nos duros eixos das Tartareas portas.

Megera espavorida,
Que quer fugir do carcere parece,
E achando-o sem sahida,
Contra os soltos cabellos se enfurece:
Nas impias mãos trazendo
As viboras mortaes, que está mordendo:
Que esse Dragão, que presidencia impía
Tem da Região, que não conhece o dia,
Da immunda bocca sólta
Rios de espuma em negro sangue envolta.

Mas

Mas ja do infame throno
Descer o vejo tremulo, e forçado;
E qual de grande somno
Tres vezes cahe no chão desacordado,
Incendios vomitando:
Em tanto a devoção continuando
A celebrar o Nome de MARIA,
O monstro, contumaz na rebeldia,
Na cauda quer firmar-se,
Porêm de balde intenta levantar-se.

Santissima Senhora,
Vós, que debaixo dessa invicta planta
Lhe pizais vencedora
A venenosa, e tumida garganta
Por toda a Eternidade,
Ponde tão milagrosa suavidade
No baixo sôm da minha rouca lyra,
Que ser a arpa de David se infira,
E em vosso Nome Santo
Affugente o Demonio com meu canto.

Ja, Senhora, não quero
Aquella, que invoquei, profana Musa;
Pois so de vós espero
Aquelle ardor; que quem o alcança, excusa
Outro algum poderoso,
Quanto mais o do Pindo fabuloso:
Canção minha, publica a toda a gente,
Que se se entoa algum louvor diff'rente,
Para sempre emmudeça;
Que outro louvor mais Santo se começa.

II

COm teu formoso rosto
Encostado na mão? C' os olhos bellos
Cobertos de desgosto,
E sobre elles os lucidos cabellos
Sem alinho pendentes!
Que mágoa he essa, que, ó Belliza, sentes?

Assim de quando em quando
(Da velha, e triste Mãi desamparada)
Mudos suspiros dando!
So dos tenros filhinhos rodeada
A carpir innocentes!
Que mágoa he essa, que, ó Belliza, sentes?

Aos

Aos membros delicados
Tirando as forças! E na face linda
Impressos mil cuidados!
Dos estranhos deixada; e mais ainda
Dos indignos parentes!
Que mágoa he essa, que, ó Belliza, sentes?

Mas ja, formosa Dama,
Amor, o cego Amor o vai dizendo:
Teus suspiros derrama,
De mágoa o Ceo, a terra, o mundo enchendo;
Que o mesmo Amor nos deve
Dizer a causa, ja que a culpa teve.

Ja ouço d'entre a gente
Soar hum rumor triste, que levanta:
Qual geme descontente,
Qual manea a cabeça, qual se espanta:
Todos tristes murmurão,
Todos Belliza acompanhar procurão.

Que faça hum vil marido
A huma fraca mulher tão dura guerra!
Torpe, e descomedido,
Indigno em fim de que o sustente a terra!
Infeliz formosura!
Belliza triste, mais que a noite escura.

Aquelle brando gesto,
Aquella compostura, aquelle riso
Entre contente, e honesto;
Retrato do sereno Paraiso:
Com tanta semelhança,
Que tudo o mais aparta da lembrança.

Ja Rusticio te esquece?
Ja, Belliza, não he como dizias?
Ja triste não merece
Esse grande senhor, que ser querias?
Os mimosos infantes
Ja não são teus filhinhos como d'antes?

Estes são os futuros
Descanços tantas vezes promettidos?
São estes os seguros
Premios de Amor a tanto amor devidos?
Era esta a Ventura,
Que esperava a innocente formosura?

Qual o simples menino,
Que da tenra florzinha se namora,
Com gestos de contino,
Em quanto lha não dão, suspira, e chora;
Que depois maltratada
Cahir das mãos a deixa desprezada:

Não

Não de outra sorte obraste
Com a triste Belliza, que algum dia,
Como embebido olhaste,
E agora a deixas (mas quem tal diria!)
Nas mãos da vil Pobreza,
Tão arriscada a fragil natureza?

Em funebre aposento
Enterrada sem culpa; e para a vida
Tão amargo sustento;
Que entre a necessidade aborrecida,
He so por mãos da Fome,
Que amassado com lagrymas o come.

Ja tivera apartado
De seus olhos a luz a noite eterna,
Se por alto cuidado
De quem so nos sustenta, e nos governa
Não fora o beneficio
Sustentador do Angelico Edificio.

Desattento marido,
Que ás innocentes vidas não reparas;
O animo abatido
Da Consorte fiel, das prendas charas:
Oh nunca farto sejas
Dos superfluos manjares, que desejas!

Insolentes Harpyas
A' mesa sobre ti com furia desção
Das mãos as iguarias
Levadas pelo ar desappareção,
Como ja succedeu
Com menos causa a Encas, e a Phineo.

Onde tendes a espada,
Celeste Dom, Justiça vingadora?
Que na mão levantada
Não vinga a pobre, e misera Senhora?
Mas ah que o não consente
Da piedosa Belliza o rogo ardente!

Se inda mereço tanto,
Que tens de mim, ó Ceo, algum cuidado,
Pelo contínuo pranto
Destes tristes meninos sem peccado,
Vê, que pedindo estou
O perdão para aquelle, que os gerou.

Perdoa ao inimigo,
Que tu mesmo me déste por Esposo;
Senão serás commigo
Da mesma sorte, que elle rigoroso;
Pois pela fé que trato,
Não deixou de ser meu, por ser-me ingrato.

Ven-

Venturoso Consorte,
Que contra perigosa, e longa ausencia
Podes seguro, e forte
Ver de amor conjugal tanta excellencia,
N'uma mulher tão rara,
Que Ulysses por Penelope troeára!

Mulheres descontentes
De cego Amor: Mulheres, que casastes,
E cegas, e imprudentes,
Em lugar de homens, troncos abraçastes,
Vinde ver em Belliza
Quanto mal, quanta dor vos martyriza.

Chegai desconsoladas
A fazer-lhe piedosa companhia;
E de pranto banhadas
(Em quanto houver no Mundo noite, e dia)
Chorai a toda a hora,
Com quem de dia, e mais de noite chora.

Vereis como Hymeneo
De dor apaga a tocha suspirando;
A tocha, onde accendeu
Seus desejos, Amor, que ja quebrando
O arco fementido,
Põe a mão sobre os olhos, de corrido.

III

DA clara estirpe dos Heroes valentes,
Que em memoria das horridas batalhas,
Forão deixando nos portaes pendentes
Lanças, escudos, capacetes, malhas,
Nem me prézo, nem ando
Carunchosos papeis desenrolando;
De baixo tronco venho:
Humildes ramos por avós so tenho.

Não me gabo de solidos talentos:
Falta-me applicação, engenho, e arte:
Não recolho nos cofres avarentos
Esses dons, que Fortuna mal reparte:
Não são os meus projectos
Altas paredes, guarnecidos tectos:
Sou pobre, e deste modo
Tenho por minha casa o Mundo todo.

Eu não honro a Nação, nem sirvo o Estado,
Que a tanto hum fraco espirito não se atreve:
Desses não sou, que o nome tem gravado
Nos livros de ouro, onde a Fama escreve:
Não me conhece o Mundo:
Na escuridão daquelles me confundo,
Cujo procedimento
Cobrio o negro po do esquecimento.

Não

Não espero que erguida sepultura
O frio corpo meu honre, e levante,
Onde pare assombrado da estructura,
A ler meu nome, o vago caminhante,
Nem espero affligir-me,
Se a terra faltar para cobrir-me:
Do famoso Catão,
Insepultos os ossos inda estão.

Inda vive a memoria dos Tyrannos,
E ainda, para assombro dos futuros,
Vertendo estão o sangue dos humanos
De Roma as praças, de Sicilia os muros;
E de quantos Varões
Inda se ignora a fama das acções.
A verdadeira gloria
Não he encher Capitulos na Historia.

A gloria de hum mortal não se alimenta
De sangue, nem de lagrymas, so brilha,
Saiba-se, ou não se saiba, quando intenta
Perdoar generoso ao que se humilha:
Quando vir levantada
Contra a innocencia ameaçadora espada,
Interpor-se valente,
Seja de amigo, seja de parente.

Não ter em menos conta, o que trabalha
Co' arregaçado braço todo o dia,
Que o fero Capitão, que na batalha,
Cego talvez pela ambição porfia:
Estimar a virtude,
Onde quer que estiver, no sabio, ou rude:
Ser grato aos beneficios:
Amar os homens, reprovar-lhe os vicios.

Cumprir o juramento huma vez dado,
Inda que seja ao barbaro Africano:
Ver sobre si com rosto socegado
A mão erguida de hum algoz Tyranno:
Amar a temperança,
Seja na tempestade, ou na bonança:
Aos soltos appetites
Tomar o freio, e assignar limites.

Ser sensivel ás lagrymas daquelle,
De quem talvez Fortuna se não doe:
Enternecer-se, suspirar por elle,
Que eu não fórmo de pedra o meu Heroe:
O' Santas qualidades,
Vós somente he que sois heroicidades,
Sois geração do Ceo,
Que tão pouco na terra se extendeu!

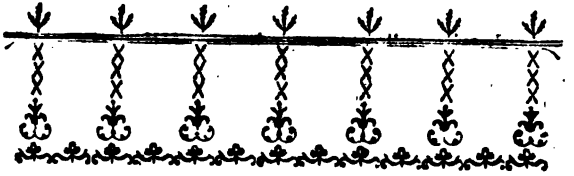
Vós

Vós sois capazes de fazer ditosa
A alma de hum Pastor, e de hum barqueiro;
Mais livre está do aio, quem vos gosa,
Do que á sagrada sombra do loureiro:
Comvosco ao Ceo voárão
Esses, que de morrer nunca acabárão:
Eu vos amo, eu vos sigo;
Mas sem vaidade, e sem soberba o digo.

Não estudo palavras, e artificios
Do manhoso Sinão, tecendo enganos;
Quaes elle fez nos dous, e sacrificios,
Que introduzio nos miseros Troianos:
Não sou lobo esfaimado
Com pelle de cordeiro disfarçado:
Amo por natureza
A doce paz, a bella singeleza.

Respeito o sabio, o virtuoso, o forte,
Estimo ao bemfeitor; por mais que vejo
Crescer ao meu vizinho os bens, e a sorte,
Sabe, quem sabe tudo, se os invejo:
Se posso, ao pobre acudo,
Dos primeiros propositos não mudo:
No gosto, ou no perigo
He a minha metade o meu amigo.

A saude me falta, e não me altero:
Soffro a murmuração, soffro a violencia,
Somente o gosto de morrer espero,
Abraçado co' a minha paciencia:
Estes são meus thesouros,
Estes os meus brasões, estes os louros,
Que me adornão a testa;
Este he o meu nome, a minha estatua he esta.



ECLOGA

I

Albano, e Damiana.

POr entre a nuvem roxa apparecia
A destoucada Aurora no horizonte,
E ja de novo a escassa luz do dia
Dourava o cume do apartado monte;
A nevoa da manhã se desfazia,
Cantava o rouxinol, ria-se a fonte,
Abria a porta o rustico na aldea,
Branquejava na praia ao longe a areia.

Trazia o Tempo as horas diligente,
E os hombros se deixavão ver da terra:
Ja la se distinguia claramente
Fumegar o casal na inculta serra:
O simples cordeirinho de contente
Apoz da chara Mãi saltando berra;
E antes que o serrano ao pasto a deite,
No manso aprisco lhe mungia o leite.

Ja se escutava da manada a choca
Ao longo da campina: De outra banda
Alli punha a serrana a lã na roca,
Aqui pastava a cabra a relva branda:
Hum guardador alêm a flauta toca,
Quando a beber o gado á fonte manda:
Ouvia-se alternada em seus amores
A sincera cantiga dos Pastores.

O novo jugo a tarda companhia,
Desamparando o rustico agazalho,
No calejado collo recebia,
Para seguir o próvido trabalho:
O pescador nas praias extendia
As redes a enxugar do fresco orvalho:
Todos que era chegado o Sol sabião:
Huns acordavão, outros ja sahião.

Mas Albano Pastor, que madrugava
Ainda mais que o luzeiro matutino,
Ja sem acordo solitario andava
Pelas margens do Tejo crystallino:
E como alli sentia, alli chorava
A triste sem-razão do seu destino:
Nunca, por mais que via ao Sol o rosto,
No seu semblante amanhecia o gosto.

Era elle entre os da aldea o mais polido,
Pobre Pastor; porêm de sangue honrado,
E posto que no monte foi nascido,
Tinha sido por mestres educado:
Mas tinha-lhe a fortuna decahido,
Contra quem nunca achou seguro estado;
E com pobreza hum claro nascimento
Não hê senão servil abatimento.

Amava Albano; e erão seus cuidados
Da ingrata Damiana os vãos favores:
Aquella, que entre a plebe dos cajados
Foi amorosa guerra dos Pastores:
De sempre vivas cores animados
Seus olhos, bocca, e face erão melhores
Que os da Mãi de Cupido, a quem podera
Emulação fazer, se ella o soubera.

Nas ribeiras saudosas encostado
Se achava Albano ao tronco de hum salgueiro,
Cujo lugar hum tanto levantado
Ficava sendo ás aguas sobranceiro:
A face encosta ao curvo do cajado,
Olhando para o Tejo lisongeiro,
A cuja vista o seu pezar foi tanto,
Que estas palavras misturou com pranto:

O' rio venturoso, (principia,
Arrancando primeiro hum ai magoado)
Que cedo alcançarás nessa porfia
Satisfazer o fim do teu cuidado!
Triste de quem não acha huma alegria,
Por mais que corra em lagrymas banhado;
Mas tu inda correndo tens socego,
Eu nem parado a ter descanço chego.

Tu corres livre da amoroso encanto:
Mas oh! Que estranho effeito exp'rimentáras,
Se assim como te augmentas do meu pranto,
Sentíras o meu mal, que então seccáras!
Quanto deves temer o tempo! Quanto!
Que póde perturbar-te as aguas claras,
Ou fazer-te tão pobre, que inda a nado
Te passe affouto o meu pequeno gado.

Quan-

Quantas vezes contente ja me viste
Ao pé deste salgueiro, e desta azenha?
E agora de repente me vês triste!
Terás mais privilegio, que eu não tenha?
O bem de ser alegre não consiste
Em que a ventura hum pouco se detenha:
Eu não posso ja mais viver gostoso,
Mas tu podes deixar de ser ditoso.

Presta-me hum pouco compassivo, e grato
Piedoso ouvido a meu cruel lamento;
Se he que este mesmo pranto, que desato,
Te não apressa mais o movimento;
Como succede a essa, a quem relato
(Por não querer ouvillo) o meu tormento;
Essa, a quem tanto imitas na belleza,
Quanto ella a ti na propria ligeireza.

Aqui chegava Albano enternecido
Sem refrigerio algum, que o seu cuidado
La dentro n'alma he tanto mais crescido,
Quanto agora o suppõe mal empregado:
Envolto em fogo sahe qualquer gemido,
A's vozes segue o pranto dilatado:
Que Amor quiz para prova deste affecto
De chamas filho ser, das aguas neto.

As-

Assim passando as horas descontente
O Pastor descontente a qualquer hora,
Duvidoso de longe escuta, e sente
Os écos doces de huma voz sonora:
Julgou ser da Pastora facilmente
O canto angelical, que nunca o fora;
E levantando os olhos para o monte
Vio que era della, e que baixava á fonte.

Qual Lavrador, que atraz do curvo arado,
Succedendo fugir-lhe algum bezerro,
Para logo o apanhar, todo assustado
Deixa a lavoura, desampara o serro;
Aqui corre, acolá salta hum vallado,
Atalhando o caminho pelo ferro,
Coberto de suor, e de poeira
Continuando vai sempre a carreira:

Tal o Pastor, em quem se verifica,
O quanto póde hum misero cuidado:
Não lhe lembra a cabana, que ca fica,
Larga o çurrão, esquece-lhe o cajado:
E por ir mais de pressa, ao valle applica
Os passos por caminho não trilhado,
O gado larga ja, nada o socega,
As passadas amiuda, á fonte chega.

Ja se achava a Pastora la presente,
Quando Albano detraz de hum verde arbusto
Sahindo-lhe ao encontro de repente,
Elle com dor não fala, ella com susto:
Qualquer dos dous ao Fado impertinente
Accusa neste lance, mais que injusto:
Duas imagens ficão do segredo,
E junto de hum penedo outro penedo.

Até que Albano triste começando:
Não te assustes; (lhe diz) mas não podendo
Dar mais do q̃ hum suspiro, soluçando
Lhe vai o pranto a voz interrompendo:
Suspira sem falar de quando em quando,
E de novo outra vez convalescendo,
Antes que a voz de todo embargue a morte,
Principia chorando desta sorte:

Não te assustes, cruel, que o teu Albano
Eu ainda sou (dizendo-lhe a detinha)
Que fora poder mais, que Amor, o engano;
Não ser teu, porque deixes de ser minha;
Entre o misero horror de tanto damno
Inda respira a fé, que a alma sustinha,
Inda fazer não pode o teu defeito
A mais leve mudança no seu peito.

Eu sou aquelle Albano, que algum dia
Por ti pizava alegre esta espessura;
Pois so com teu favor me parecia,
Que tinha que invejar-me ùda a Ventura;
Mas haje huma mortal melancolia
O rosto, o gesto, a voz me desfigura;
Alegre aos campos vim deste contorno,
E quão mudado agora a elles torno!

Ja capellas de louro não pertendo,
Nem ja cuido no aceio do meu fato,
Depois que me deixaste assim vivendo,
Dos mais Pastores aborreço o trato:
A mim proprio confuso não me entendo,
Finalmente ando a modo de insensato,
Ja se não vê na minha bocca o riso
So me falta perder de todo o siso.

Ja para as cabras não descubro o pasto,
Melancolico sempre trago o rosto,
Continuamente com meu mal me agasto,
Desde que nasce o Sol até que he posto:
E deste modo pouco a pouco gasto
A vida ca por dentro com desgosto,
Consumindo-se em fim, sem que a esperança
Do que fui me prometta semelhança.

Tu

Tu me deixaste sem razão, Damiana,
Que por mais que discorro pensativo,
Vão-se as horas, os dias, e a semana,
E não posso julgar-te hum so motivo:
Acho-te cada vez mais deshumana;
Na verdade não sei como sou vivo!
Assim passo, assim choro, assim me canço
Sem allivio, sem gosto, e sem descanço.

Passão-se dias, que não vejo o gado
Perdido pela rustica montanha;
E vivo á solidão tão costumado,
Que entro na aldea, como em terra estranha:
Ja me não lembra o jogo do cajado,
Na carreira qualquer Pastor me apanha;
E se algum me pergunta a causa disto,
Responda que não sei, mas he por isto.

Ja não repito as doces cantilenas,
Com que alegre atéqui passava o anno;
Pois so chorando as magoas, que me ordenas,
Se escuta na campina o triste Albano:
A frauta, com que ja fiz mais pequenas
Antigas sem-razões de Amor tyranno,
[Porque hoje allivio nella ao mal não acho]
Na levada e deitei pela agua abaixo.

Dei-

Deixei nunca, cruel, por teu mandado
De atravessar o monte mais estranho?
Não levava a beber sempre o teu gado?
Não era como teu o meu rebanho?
Quantas vezes por ti la no serrado
Larguei da sementeira o pobre amanho?
Que cabra leite deu, mel a colmea,
Que não fosse levar-to eu mesmo á aldea?

Até áquella ovelha eu mais queria,
Que mais que as outras todas te agradava;
Seu pasto era o melhor, porque sabia
Que com este serviço te obrigava;
E se acaso do monte se perdia,
Promptamente ao rebanho ta levava,
Desejando mostrar-te de algum modo,
Que em ti so tinha o meu cuidado todo.

Acaso no arraial da Freguezia,
Onde ao Domingo a festa se executa,
Fiquei menos que os outros algum dia
Na aposta da carreira, ou na da luta?
Não te levava, assim que se colhia,
A noz, a amendoa, a maçaroca, a fruta?
E quando aqui passavamos a festa,
Não te dava as boninas da floresta?

O primeiro não fui, que entre os Pastores
Em ti busquei honesta sociedade?
Em pertender constante os teus favores
Não consumi a tenra mocidade?
Que frios em janeiro, em julho ardores
Não soffri ja no monte, ja na herdade?
E he crivel que finezas tão sabidas
Castigues, como offensas recebidas!

Tu foste nunca ao monte, que eu não fosse?
Ao rio, que eu tambem la me não achasse?
Que faia, por mais alta que ella fosse,
Tolheu, que os ninhos para ti roubasse?
E que peixe se cria na agua doce,
Que eu para ti contente não pescasse?
Tudo assim foi, que deixo repetido,
Mas oxalá que não tivera sido!

Nunca os olhos da estrada levantava,
[Que isto so faz quem lizamente adora]
Quando por estes campos encontrava
No caminho da fonte outra Pastora:
Se aqui alguma vez te não achava,
Te esperava saudoso de hora em hora;
E so quando chegavas, e eu te via,
Graças a Deos! comigo então dizia.

Negar esta verdade, está fineza,
Pastora, em vão teu animo procura:
Ou dá-me de o fazer qualquer defesa;
Assim tenhas do que eu melhor ventura?
Mereça-te esta vez minha tristeza,
O que não conseguio a fe mais pura:
E se a piedade no teu peito cabe,
Saiba mover-te, ja que Amor não sabe.

Não quero, não, Pastora rigorosa,
Estorvar-te esse affecto, que pertendes;
Quero so, quando seja tão forçosa,
Perguntar-te a razão, por que me offendes?
Por isso mesmo, Albano, (desdenhosa
Lhe responde a Pastora) *mal me entendes:*
Por isso mesmo, que forçosa a vejo,
Não posso dar-te mais que a do desejo.

Se a fera mais cruel, que o monte cria,
Falar soubera (Albano continúa)
A voz talvez, com que se explicaria,
Menos aspera fora do que a tua:
Eu morro; e ja que morro em fim, queria
Saber, antes que veja a morte crua,
Em que razão se funda, se assim mata,
Essa lei, que te obriga a ser-me ingrata.

Ja com voz nada menos desabrida,
Não teimes, (a Pastora lhe tornava)
Que em ser huma mulher agradecida,
Nem por isso se obriga a ser escrava:
Eu te quiz, mas deixei-te aborrecida:
Ja pelo fado assim disposto estava:
Não tens que te queixar da variedade,
Que amor não hé razão, he so vontade.

Eu bem sei, se te deixo, que te aggravo,
Porque a fazello sem razão me atrevo;
Mas como hei de livrar-te desse aggravo,
Se he muito mais o que amo, que o que devo?
Vai ser agora de outro amor escravo,
Que em conta teus serviços ja não levo:
La tens Alberta, Silvia, la tens Benta,
Todas formosas são, nenhuma isenta.

Bem sei de teu desgosto a larga historia,
Ja não sinto de ouvilla algum desconto:
Suppõe que em ti passou de Amor a gloria,
Como o faz a mentira em qualquer conto:
Não percas a cabana da memoria,
Vai teu gado buscar, não sejas tonto;
Que póde acaso, pois cioso vive,
Saber Fileno, que comtigo estive.

Dei-

Deixa, que eu gose os fructos do socego
Na viçosa esperança de outro agrado:
Deixa-me, vai-te, que em melhor emprego
Se occupa novamente o meu cuidado:
Esse novo Pastor, em que me emprego,
Tem devezas tambem, tambem tem gado:
Finalmente mais nada te repito,
Delle gósto, de ti não necessito.

Estes écos ouvia deshumanos
O Pastor entre novas agonias,
Vendo na primavera dos seus annos
Tão mal vingado o fructo dos seus dias:
Que tarde prova extremos desenganos,
Quem se deixou levar de vans porfias!
Inda mal, que he tão certo! Oh cega gente!
Damiana o sabe, o triste Albano o sente.

Quer falar-lhe outra vez, porêm avante
Ir não se atreve; e em lagrymas desfeito,
Ficando mudo por hum breve instante,
Afflicto as mãos aperta juncto ao peito:
Como quem sente magoa penetrante,
Que promptamente faz mísero effeito,
Albano fica, em quanto a angustia cala;
Mas rompendo o silencio, assim lhe fala;

Ah tyranna Pastora! Quem diria
Naquelles da affeição doces enganos,
Que em hum instante so Amor faria
O trabalho perder de tantos annos!
Aquelle olhar affavel de algum dia
Onde está, de teus olhos soberanos?
Se, tirando-os de mim tão de repente,
Com elles vas fazer o chão contente.

Quantas vezes chorando me affirmavas,
[Se acaso, ingrata, ja me não mentias]
Que tanto de meus olhos te alentavas,
Que sem elles do Sol a luz não vias!
Então em mim os teus so recreavas,
Hoje, so por não ver-me, os tirarias:
Os meus sem luz estão, pois sendo amantes,
Ja não achão nos teus o affago d'antes.

He esta aquella fe, com que algum dia
Passando a calma juntos desta fonte,
Mil vezes teu amor me promettia:
Ser mais claro que o Sol, firme que o monte?
Não juravas então, se eu te não cria,
Que ao passar huma vez aquella ponte,
Inda com ella fosses ter ao rio,
Se tivesses na fe qualquer desvio?

Ah! Não passes por ella na incerteza
De o Ceo tomar de ti justa vingança,
Que as pedras deixaráõ de ter firmeza,
So para castigar huma mudança:
A confusão da tua ligeireza
Estás vendo na sua segurança;
Mas não posso estranhar quanto fizeres,
Porque em fin as Pastoras são mulheres.

Quantas vezes, subindo aquelle outeiro
Comtigo pela mão, esta que apertas
(Me dizias) *penhor mais verdadeiro*
Será sempre de amor: (Palavras certas)
O tronco vendo estou, onde em letreiro
Inda la estão por testemunho abertas:
Ou cumpre quanto então me tinhas dito,
Ou deixa-me ir riscar tão vil escrito.

Esse Pastor, que adoras novamente,
(Que sempre causa amor a novidade)
Mais firme não será; que o se-lo a gente
Não provêm da maior felicidade:
Tu poderás faze-lo mais contente,
Mas não dar-lhe esta minha sã vontade:
De mais, quem o segura neste estado,
Se a mão lhe dás, que ja me tinhas dado?

Bem sei que tem cabana levantada,
E que a minha he pequena, pobre, e escura;
Mas olha, que ao cahir sempre a pancada
Costuma ser á proporção d' altura:
Bem sei que traz de bois grande manada;
Mas repara, que o bem nem sempre dura,
E que, quando o desejo he verdadeiro,
Val mais do que hum rebanho hum so cordeiro.

Teme as crueis disposições do Fado,
Que chegão quando menos se imagina:
Não te confias de hum risonho agrado,
Ja que em mim proprio vês essa doutrina:
Tomarás nova posse do meu gado,
Servir-te-hei como d'antes na campina,
Farei de amar-te como sempre estudo,
A minha alma terás, que he mais que tudo.

Se te deu Natureza hum gesto lindo,
Toma conforme a elle hum genio brando:
Vê, que não quero, de te andar servindo,
Mais premio, que a Ventura do teu mando:
A meu mal este allivio permittindo,
Com bem pouco te irás desobrigando:
Ambos sujeitos a affeição nos traga,
Tu sem mais detrimento, eu sem mais paga.

Farei por ti a ultima fineza,
Que tem visto do monte a longa idade:
Preciso não será para a firmeza
Crear n'alma de novo outra vontade;
Quiz inda que se me estranhe esta vileza
Entre a gente da Aldea, ou da Cidade,
Quero que vejas, que de mim se conta,
Que os olhos fecho em tão notoria affronta.

Não me faz a desgraça de ser pobre
Soffrer o vil partido que supplico;
Que bem póde morar huma alma nobre
Debaixo da rotura de hum pellico:
Quem me faz cego, quem a luz me encobre
[Com que vergonha! Com que dor o explico!]
He parecer-me ainda neste engano
Tu mais formosa, que o meu mal tyranno.

Se tu mesma confessas hoje em dia
Ser a minha affeição tão verdadeira,
Não tens para encobrir a tyrannia,
Nem sequer a desculpa da cegueira!
Quem tamanha inconstancia julgaria
No liso trato de huma fe primeira!
Quem, depois de em ti pôr toda a esperança,
Havia de suppôr esta mudança!

Se procuras mudar-te, e desde a infancia
O costume de ver-me te amofina,
Somente por seguires a inconstancia
Que sempre o peito feminil domina:
Eu tão outro estou ja, tanta distancia
Do que fui ao que sou o Ceo destina,
Que podes hoje, usando de piedade,
Manter inda commigo a variedade.

Torna a querer-me, torna: mais pequeno
Farás meu mal em tão suave engano,
Que, posto que não seja o teu Fileno,
Tambem não sou, no que pareço, Albano:
Por amar-te olha a quanto me condeno,
Que ouço, e não creio o mesmo desengano.
Que mais queres de mim? Tudo está dito:
Té goceito em desculpa o teu delicto.

Sempre chorando Albano assim falava,
Em tanto que Damiana o pote enchia,
Que mais fria que a fonte lhe escutava
As namoradas queixas, que lhe ouvia:
Sem responder no cantaro pegava,
Que elle ajudar-lhe a levantar queria;
Mas em vão, que a Pastora mui ligeira,
Voltando as costas, diz desta maneira:

Albano, não te posso ouvir ja agora,
Nem receber de amor a nova offerta:
Tens-me detido aqui ha mais de hama hora;
E deixei do casal a porta aberta:
Vai servir, ja te disse, outra Pastora,
Não he delias a Aldea tão deserta:
Muito a tempo te avisso. E foi andando,
De quando em quando para traz olhando.

Qual a tenra novilha, que perdida
Das brutas companheiras, pela estrada
Berrando em cata dellas vai sentida,
Sem atinar co' sitio da malhada:
Tal o triste Pastor na despedida
Da Pastora cruel em vão buscada,
O sitio desampara, deixa a fonte,
Outra vez desce ao valle, sobe ao monte.

E vendo ir de longe inda a Pastora,
Exclama (sem que os passos lhe detenha)
Desses montes vai ser habitadora,
Terão em ti, cruel, mais huma penha:
Em quanto o Sol lustr, raiar a Aurora,
Eu protesto, que a elles mais não venha;
Que ja, quando o meu mal presenciarão,
Mais de que eu, mil vezes se abrandarão.

E, em quanto vago afflicto esta montanha,
Em paz te deixo, fica sem cuidado;
Que dor nenhuma sentirei tamanha,
A' que tu me não tenhas costumado:
Pizarei para sempre a terra estranha,
Daquelle patrio abrigo desterrado:
De mim te esquece, ja que alegre passas;
Mas temo, por pedir-to, que o não faças.

Aparta-te de mim: vai, que algum dia
Fortuna, onde não ha seguro estado,
Fará que tambem eu de ti me ria,
Pagando-me do tempo que hei chorado.
Fará, que inda tu mesma a aleivozia
Talvez que sintas de me ter deixado;
Que o justo Ceo, que as sem-razões distingue,
A's mãos te levará de quem me vingue.

Ja tudo se acabou: logra, tyranna,
O socego feliz da tua Aldea:
Perca ao o agazalho da cabana
Na peregrinação de terra alheia:
Tudo quanto la fica na choupana,
Venha dezembro, leve embora a cheia,
A' mingoa morra o gado, e eu ausente
Nunca mais veja, e trate humana gente.

E chegando-se a hum cedro corpulento,
Em cujo tronco, quando alli se achava,
Gravar, em fé do seu contentamento,
O nome de Damiana costumava:
Riscando-o, grita, *que não haja intento,*
Nem hum breve sinal de que te amava;
Que ainda hum tronco, que o tempo não consome,
Inconstante será, tendo o teu nome.

E vós, campos, outeiros, rios, gados,
Nunca a Sorte a fartura vos desconte:
Sem mim ficai-vos bemaventurados,
Que eu basto a fazer triste este horizonte;
E se meu pranto ha de afogar os prados,
Meus suspiros fazer seccar o monte,
A Deos! Porque será, como em mim vistes,
Deixar-vos menor mal, que ver-vos tristes.

Disse: e na eterna ausencia que fazia,
Tudo perder intenta da lembrança,
Temendo que podesse inda algum dia
Tornar pelas pégadas da esperança:
Com passo incerto, e tremulo fugia
Daquella perigosa visinhança;
E pelas ramas de huma mata espessa,
Para mais não ser visto, entrou depressa.

Tu agora, mortal, que o vil tormento
Buscas de Amor, não queiras como Albano,
Chegando-lhe tão cedo o documento,
Guardar para tão tarde o desengano:
Não catives o nobre entendimento
A' paixão de hum estimulo profano:
Fenece Amor, caduca a formosura,
Busca somente o bem, que sempre dura.

ECLOGA III.

Agrario, Braz, e Anfriso.

QUasi de todo nos faltava o dia;
Mas inda a noite duvidosa estava,
E o vento ja mais brando parecia
Que entre as folhas do bosque repousava:
Sobre as praias o mar adormecia:
A scintillar o Ceo principiáva;
E la nos apartados horizontes
Se via apenas terminar os montes.

Entrava o passarinho acantelado
Pela confusa balsa, onde se aninha:
O Pastor mansamente levava o gado,
Ainda mastigando a branda herminha:
Ja, descançando o luzidio arado,
Para a choupana o Lavrador caminha,
E o vagaroso bóy, remoendo o pasto,
Leva o duro pescoço ja mais gasto.

So no meio de hum monte solitario,
Abundante de selva os mais dos mezes,
Esquecido ficava o triste Agrario,
Sem levar ao curral as mansas rezes:
Pastor queixoso de hum Destino vário,
Com que Amor o ferio bastantes vezes,
E a quem tão fora ja de si trazia,
Que vinha a noite, e não lho parecia.

Não acha allivio, que o pezar lhe abrande;
E entregue mudamente ao seu desgosto,
Assim como quem pensa em caso grande,
Ora levanta, e ora abaixa o rosto:
Vai-se-lhe o gado sem Pastor, que o mande,
Aos pés cahindo-lhe o curvado encosto;
E as mãos, com que tambem a dor explica,
Põe debaixo dos braços, e assim fica.

Pela encosta do monte mansamente,
Ambos co' a lenha ás costas no cajado,
Vinha descendo Braz velho, e prudente,
Com Anfriso ainda moço, e namorado:
A este tempo Agrario, que somente
Está em seus pezares elevado,
Imaginando que ninguem o ouvia,
Com lagrimosa voz assim dizia:

Pastora desleal, em cujo rosto
Quiz animar o Céo tanta belleza,
Para escontar Amor tanto desgosto,

Sabe que de meus males a grandeza,
La onde quer que estés, farei notoria,
Porque nem reste a Amor esta fineza.

A todos contarei a minha historia,
Pois ja que eu perco o bem da tua vista,
Não percas tu do meu pezar a gloria.

Eu sarei que a minha alma da te assista
Em fe de meus purissimos amores,
Por mais que o teu desprezo lhe resista.

Queixe-se não neste valle de meus clamores,
Em quanto me durar a vida breve,
Que tens feito mais curta os teus rigores.

Morrer por ti será fineza leve:
Quem perdendo-te em fim, não perde a vida,
Ainda a muito mais, e mais se atreve.

A tua voluntaria despedida,
Por mais que Amor me leve a estranhos lares,
Não poderá ja mais ser esquecida.

Tal ha de ser a razão de me deixares,
Que ainda tornando a ver-te, o que não creio,
Se não diminuirão meus pezares.

Té me parece o gado magro, e feio;
E o campo, que comtigo florecia,
Ja me não serve aos olhos de recreio:

A fonte, que talvez adormecia
Ao som da minha flauta, hoje desperta
Aos ais, que dou em mizera agonia.

Para o curral o gado não acerta,
Dormindo pelos montes: e suspeito,
Que tudo de me ver se desconcerta.

Inda a mais chegarei por teu respeito;
Que Amor não guardará tyranno estado;
(Se acaso o tem peior) para outro peito.

Mas se está, em que eu sinta o desgrado
Da tua condição, formosa Altea,
O ser eu venturoso, ou desgraçado,

Torna a fazer alegre a nossa Aldea,
Huma alma a consolar, de que es senhora,
Veja-te antes ingrata, do que alheia:

Não tenho de que sejas possuidora
Outra coisa melhor, que hoje te offreça;
Mas não faz pouco quem sem premio adora:

E bem que tão divina te conheça,
Se te não merecer quem mais te estima,
Aonde irás buscar quem te mereça?

Braz.

Tu não ouves, Anfriso, desta parte
Huma voz de pessoa magoada?
Oh como he triste! O coração me parte!
Para a ouvir, tiremo-nos da estrada.

Anfriso.

Vamos, que soa aqui para o teu lado
A voz piedosa, que ao depois ouviste;
E detraz desse milho semeado
Veremos de quem he queixa tão triste.

Braz.

Passa tu de vagar para diante,
E não vamos de rijo conversando,
Que ja não póde ser muito distante
O lugar, donde as vozes vem soando.

Será de algum Pastor a triste queixa,
Que de Amor, ou Fortuna perseguido
Aqui talvez a suspirar se deixa:
Pois a tudo anda o homem off'recido.

An-

Anfriso.

La vejo hum vulto de homem levantado;
Mas ja não posso bem ver-lhe o semblante:
Sòzinho está falando; e o seu cuidado
Nascer parece de algum caso amante.

T

E cuido (enganar-me-hei) que pela altura,
Pela voz, e Pastora que pomeia,
Quem se queixa de tamanha desventura
He Agrario, Pastor da nossa Aldea.

Braz.

Agora vejo. O mesmo me parece,
Porque depois que Altea está distante,
Quando se fala nella, se entristece,
Sem poder disfarça-lo no semblante.

I

Nisto tem reparado os mais Pastores;
E a mim n'algumas vezes, em que o vim,
Nunca me quiz falar nos seus Amores,
Como quem de eu sabe-los se affligia.

Anfriso.

Ora pois se te apraz, daqui lhe falo,
Que he Pastor bem creado, e nosso amigo;
Não fora máo que fosses consola-lo,
Anda, apressa-te, Braz, que eu vou comtigo.

Braz.

Eraz.

Quem ama cegamente huma Pastora,
Bem he que possa compaixão dever-te;
E o mesmo caso, que elle sente agora,
Ainda mal, que não venha a succeder-te.

Guarde-te o Ceo, Pastor, elle te ajude:
Mal sabes quanto sinto essa tristeza:
Oh praza a Deos, que o genio se te mude,
Se he que póde mudar-se a Natureza!

Aqui me traz a queixa do teu damno,
E considero, vendo-o tão profundo,
Que se póde nascer daquelle engano,
Que tantos desgraçados faz no Mundo.

Agrario.

Ah meu bom velho, que mal sabes quanto
De ver-te me alegrei, e so me peza,
Que participes de meus males tanto!

Deixa-me outra vez so; porque a certeza
Do mal, que tirei sempre da alegria,
Me faz gostar de tudo o que he tristeza:

Foge, foge da minha companhia,
Que servir-te não póde, se não queres
Que te pegue huma tal melancolia.

An-

Anfrio.

Agrario, aqui me tens tambem comtigo,
Grande quinhão desse pezar me cabe:
Eu tambem tenho amor, sou teu amigo;
Quanto sinto teu mal, só Deos o sabe.

Soffrendo estou contínuas crueldades,
Mil dias ha, tambem de huma Pastora:
O Mundo cheio está de falsidades;
Feliz quem as não sente, ou as ignora!

Tambem tenho meus dias de tristeza,
Nada me alegra, o gádo me enfastia;
E tudo o que não he falar a Andreza,
Seja o que for, me enfada, e me agonia.

Outras vezes encontro a Braz no monte,
Vê-me triste, ja sabe o meu cuidado:
Mil casos me repete ao pé da fonte,
Com que fico algum tanto consolado.

He Pastor, a quem tenho meu respeito,
(Não he por elle estar aqui presente)
A sua companhia de proveito
Tem servido na Aldea a muita gente.

E como posso eu ser teu conselheiro
Aonde Braz está, e o seu bom dito?
Pois sei, amigo Agrario, que primeiro
(Mais que tu) dos conselhos necessito.

Agra-

Agrario.

Que allivio me darás, que me conforte,
Que na mesma lembrança do que peno
O não converta Amor em dor mais forte?

Fazer com que meu mal seja pequeno
He o mesmo, que afflicto em lugar de agua
Quérer matar a sede com veneno.

Braz.

Dá-nos parte do mal, que o Ceo te manda,
Tudo a nossa amizade te merece,
Que o mal communicado la se abranda,
Porque em fim repartido se padece.

Não hias tu dizendo o teu tormento
Neste lugar deserto aos matos broncos,
Que nunca ter poderão sentimento?
Pois mereço-te eu menos, que esses troncos?

Eu bem sei que sou rudo, mas sou velho,
Não ha maior sciencia do que a idade:
A's vezes vai o allivio no conselho:
Pouco val o discurso sem verdade.

Faz-se a todos o allivio tão preciso,
Que ainda ao boi mais forçoso afflige a carga;
E a simples ovelhinha sem juizo
Deixa ás vezes a herva, que lhe amarga.

De lerdo não tens nada, es avisado,
Em fim homem, que basta esta lembrança,
E buscas, da razão tão descuidado,
Aquillo mesmo, que te afflige, e cança?

Algum dia dirás: [*Oh, Deos o mande!*]
Bem dizia Braz, bem me dizia!
Que sempre hum homem, por mais cego que ande,
Cahe na razão mais dia, menos dia:

Quem segura affeição no Mundo espera,
Experiencia não tem deste trabalho:
Buscar fé nas Pastoras de tal era,
He querer que dê pinhas hum carvalho.

Tu não viste ha dous dias praticado
Isto mesmo em Albano, a quem Damiana
Por Fileno deixou, (se estou lembrado)
Talvez so porque tem melhor cabana?

Quasi ao mesmo tempo o pobre Aleixo,
Desprezo de Metilde, antes amores,
(Hum moço certamente como hum freixo)
Por Silverio, a deshonra dos Pastores?

E presumias tu, que era bastante
Para ser firme Altea, o ser Altea?
Por ventura á mulher faz mais constante
Ser Gertrudes, Lucina, ou Dorothea?

Destes casos ha mil nesta campina,
(Que tristes premios os que Amor concede!)
E quando te faltasse esta doutrina,
Bastara o que a ti mesmo te succede.

Agrario.

Nisto tenho ha mil dias assentado,
Mas não tiro do meu conhecimento
Mais, que outra vez ficar no mesmo estado.

Porêm que queres tu, se o pensamento,
Por mais que n'outras couzas se mistura,
La vai sempre encontrar co' seu tormento?

Em quanto a primavera der verdura,
O fogo der calor, o ar for leve,
Me ha de lembrar de Altea a formosura.

Inda por menos clara aquella neve,
Que nas frias manhãs cobre a campina,
Comparar-se com ella se não deve.

Da vermelha papoula a côr mais fina,
Como angelicamente misturada,
Vive naquella face crystallina.

De tanta formosura, e graça ornada,
Que foi sempre por toda a vizinhança
Das mais lindas Pastoras invejada.

Ca d'alma finalmente esta lembrança
Tirar-se-me não póde: nem ja agora
Esquecer-me tão aspera mudança.

O que mais me atormenta a toda a hora
São aquellas promessas, que fazia
Aqui mesmo: Oxalá que assim não fôra!

Tão amantes palavras me dizia,
Pondo os olhos em mim de agua arrasados,
Que ao mais exp'rimentado enganaria.

Huma tarde me lembra, que abrigados
Do Sol, que dava então grande quentura,
A' sombra desses alamos copados;

Depois de me eu queixar da mal segura
Affeição deste Mundo, em que não cria,
Me disse então, fazendo-me esta jura:

Mai-

Mais constante que a mesma penedia
Serei, Agrario meu, por mais que faça
Qualquer outra mudança cada dia.

Eu perca a sementeira da linhaça,
O gado a vida, tudo me aconteça,
Antes que outro Pastor me caia em graça.

E para que mais credito mereça
Tanta fé, tanto amor, tanta verdade
Em lagrymas meu rosto to encareça.

E cheia de honestissima piedade,
Qual a saudosa, e fresca madrugada,
Banha o peito, onde esconde a falsidade.

Tanto estimei aquella fé jurada,
Que se cumpridas taes palavras visse,
Que mais no Mundo quereria? Nada.

Causa não teve em fim para deixar-me,
E ver que lha não dei, nem levemente,
He a que Amor me dá para queixar-me.

Antes fôra huma historia impertinente,
Pastores meus, se agora repetisse
Finezas, que por ella obrei contente.

Que

Que com o rio a ponte se cobrisse,
Que com á cheia o campo se alagasse,
Hum dia não passava, que a não visse.

E por mais que Pastoras encontrasse,
Sem que alli visse a minha Altea bella,
Má hora que este corpo se alegrasse.

A alegria era tal somente em vella,
Que ainda quando ao longe apparecia,
Ja de ca me hia rindo para ella.

Humas vezes cantando a divertia
Nos versos, que compunha aos meus amores
Com muita mais verdade, que harmonia:

Outras vezes, mais livre de temores,
Quando la pelo prado se sentava,
O regaço lhe enchia de mil flores.

Então a mais bonita lhe pregava
Na casa do jubão, e cuidadoso
De brancos malmequeres a toucava:

Seguro-te, meu Braz, que tão gostoso
N'um puro agrado hum peito se interessa,
Que me julgava ser o mais ditoso.

Porêm faltou ás juras tão de pressa,
Que creio, (e não me engano) que em Pastoras
Dura mais huma flor, que huma promessa.

Nestas considerações consumo as horas,
Atravesso no dia mil caminhos,
Cuidando que assim acho á dor melhoras.

Qual ave, que roubando-lhe os filhinhos
As ociosas mãos da pouca idade,
Anda como queixando-se aos raminhos:

Vai-se outra vez ao ninho com saudade,
Vê revolvido o feno, e torna fóra,
Como quem não dá credito á verdade:

Assim me traz o amor desta Pastora,
A mim, e ainda a todos parecendo,
Que nunca chegaria a ser traidora.

Estes são os motivos, por que entendo
Que remedio o meu mal nunca teria,
Inda que fosse seculos vivendo;

Mas ai, que ja de longe parecia
Que o coração presago verdadeiro
Tão grande desventura me dizia!

Ai, Pastores, que assim que o meu rafeiro
(Sendo a fazer-me festa costumado
Com maior mansidão, que a de hum cordeiro)

Vi que huma vez sahindo de entre o gado,
Ladrando me avançou tão fortemente,
Como se eu fôra o lobo atraiçoado;

E ainda neste cajado claramente,
Que ao tempo me servíra de defesa,
Vereis as móssas do raivoso dente:

Sobre mim cahîo logo tal tristeza,
Tal desgosto da vida, tal receio
De algum futuro caso de estranheza,

Que mil vezes confuso neste enleio:
Valha-me Deos! Queixando-me, dizia:
Que Sorte escura, que successo feio

Terá de acontecer-me qualquer dia?
Mas cumpra-se o Decreto da Ventura,
Que não póde durar sempre a alegria:

Caia a choupana; affogue a semeadura
Arrebatada cheia; e o meu rebanho
Caia morto de ronha na espessura.

E mal-logrando o tempo o pobre amanho,
(Que assim não pouco a Sorte me castiga)
Vá mendigar sustento a monte estranho:

As cabras pastem so aspera ortiga;
E quando me destrua o trigo a cheia,
Nasção abrolhos no lugar da espiga.

Não veja para sempre a patria aldea,
Farte-te o meu Destino; mas com tanto,
Que se não mude nunca a minha Altea.

Cumprio-se finalmente este quebranto,
Nem podia nascer daquelle agouro
Menor desgraça, mais pequeno espanto.

Que mais podia ser que o meu desdouro?
Nem sei, bebendo tão mortaes venenos,
Como não tenho dado ja hum estouro!

Dos outros males, como são pequenos,
Nenhum me aconteceu; porque a Ventura
Vio que todo esse mais ainda era menos.

Mas em que estou detendo a conjectura?
Desenganado estou de que algum dia
Veja sereno o rosto da Ventura.

Nem

Nem tem remedio ja minha agonia,
Que aonde se perdeu huma esperança,
Ninguem la va buscar huma alegria.

Aconselha-me em vão, em vão se canca
Quem busca consolar-me, se pertende
Riscar-me tanta magoa da lembrança;
Que o segredo de Amor ninguem o entende.

Braz.

Ai, Agrario infeliz! Melhor me fôra
Não ter dos males teus tambem sabido;
Pois de ouvir qualquer delles, ainda agora
Sinto ca dentro o coração partido.

Que desmanchos não faz hum moço louco!
E depois quantas vezes os despreza?
Eu tambem fui rapaz, ria o meu pouco,
E soube o que era Amor (do que me peza.)

Hoje desses trabalhos ja não sinto,
Buscando á vida algum honrado esteio:
So me assusta, que o anno va faminto;
Que morra o gado, que não dê senteio.

Alegre passo os dias de bonança
Debaixo de algum alamo sombrio:
Ao pé de mim se deita a ovelha mansa,
Ouço as aves cantar, correr o rio.

Ou-

Outros só faço, porque o Sol me aquente,
Gastando alguns em concertar o arado,
E se me afflijo ás vezes, he somente
De não ver-me ha mais tempo neste estado.

Pois ir gastando os annos desattento
Em negregado Amor, que n'um so dia
Troca em longos espaços de tormento
O mais pequeno instante de alegria,

He couza tão pezada, em que me fundo
Para temer, que a todos aconteça,
Que não haverá homem neste Mundo,
Que inda que amores sinta, o não conheça.

Não são fabulas, não, não são enganos
Estas, que julgareis impertinencias;
Puras verdades são, com que os meus annos
Encheu Amor de longas experiencias.

Qual sem ver huma grande ribanceira,
Correndo para ella descuidado,
Outro d'alêm lhe brada na carreira,
Dizendo-lhe, que vai precipitado;

Assim eu, que te vejo em tal loucura
Caminhar cego apóz o teu perigo,
Te aviso da maldita desventura,
Que Amor em seus effeitos traz comsigo.

Va-

Vamos todos, Agrario, para a aldea,
Tem dó do pobre gado, que anda estranho,
Pois das offensas, que te fez Altea,
Em nada foi culpado o teu rebanho.

E eu, que ja no andar sou vagaroso,
Por esta encosta irei sahir á estrada,
Que o monte he por aqui menos fragoso:
(Ah velhice cruel, vida cansada!)

Anfriso.

Queira Deos que estas horas la na serra
Não tenhas os cabritos dizimados;
Pois anda cheia toda a nossa terra
De zorras, e de lobos esfaimados.

Os roupeiros se queixão geralmente
Das cabeças, que faltão na manada;
E de que os Maioraes injustamente
Lhes dscontem as rezes na soldada.

Mas eu de boamente arriscaria
As melhores, que traz o meu rebanho;
Se a troco deste mal (que hum bem sería)
Te podera livrar de mal tamanho.

Não digo, que não ames, so te digo,
Que não sejas no amor desesperado:
Se he acaso, vencello; e se he castigo,
Deve hum homem sentillo conformado.

Braz por conta da sua muita idade
Custa-lhe andar de noite por máo passo:
Em mim não falo ja, que a mocidade
Para tudo me dá desembaraço.

Elle ja vai descendo; vamos ora;
Esperará o que chegar primeiro:
Ja não permitte a noite haver demora:
Toma o cajado, chama o teu rafeiro.

Agrario.

Não valem para mim razões estranhas,
Que eu de todo a morrer estou disposto
Na muda solidão destas montanhas.

Trago o animo em fim ja descomposto;
Quem não tem mais allivio, que o tormento,
Não quer mais companheiro, que o desgosto.

Deixa-me, amigo, so, muda de intento:
Peço-te por aquella affeição nossa
Que nem mais eu te venha ao pensamento.

Ça te fica o curral, os bois, a choça,
Colmeias, olival, rebanho, e vinha,
Mais não possuo, que offerecer-te possa.

Couza não tenho ja, que seja minha,
Depois que me deixou essa Pastora,
Pois com ella perdi tudo o que tinha.

Perdi as esperanças da melhora,
So resta vir a morte, e ao que supporto,
Não poderei viver muito ja agora.

Até falta ao espirito o conforto;
E estou do fim da vida ja tão perto,
Que não sei se vos falo vivo, ou morto.

Porêm se algum de vós neste deserto
Meu corpo achar desamparado, e frio,
Não o deixeis ao menos descoberto.

E junto do cipreste mais sombrio,
Que nas margens do Tejo se levante,
Hum sepulcro lhe abri tosco, mas pio:

De azares o cercai no mesmo instante;
E alli no tronco funebre gravado
Este aviso, dizei ao caminhante:

Tu,

Tu, que segues de Amor o errado mando,
Depois que a minha historia for sabida,
Vê, que premios te vai apparelhando;

E se vires Altea desabrida,
Informa-a de tamanha desventura:
Que em fim perdeu por ella Agrario a vida;
Por sinal que lhe viste a sepultura.

ECLOGA III.

Galatea.

HAvia largo tempo, que escondêra
A luz o Sol debaixo do horizonte,
Por quem a desejosa gente espera:

Quieto o valle, solitario o monte,
O resonar do bosque se mistura
C'o grave som da despenhada fonte:

Mas tão espassamente alli murmura
De hum preguiçoso vento maneado,
Que inda faz mais saudosa a noite escura:

E c'o pezo das nuvens carregado
Por toda a parte o Ceo se nos mostrava
De hum vapor lento humedecendo o prado:

En-

Entre quieta, e triste a noite estava,
O mar nos vãos rochedos não batia,
A' parte esquerda ao longe fusilava:

Humas vezes a Lua apparecia,
Os macilentos raios espalhando,
E outras tantas a nevoa os encobria:

Ouvia-se depois de quando em quando
O passaro nocturno, a voz sentida
Pela deserta praia alevantando.

Então la junto de huma rócha erguida,
Sobre as margens do Tejo debruçada,
De sempre verdes musgos guarnecida,

Aonde o rio fórma huma quebrada,
Para entrar pela fenda de hum outeiro
N'uma quieta, e placida enseada,

Ao verde pé de hum humido salgueiro
O pescador Marino havia atado,
Como tem de costume, o seu saveiro;

E sobre a fraca borda recostado,
Deitando a vista ao longo da corrente,
Do seu amor somente acompanhado,

Da

Da ingrata Nymfa, que adorava ausente
(Que tarde hum grande amor se desengana)
Desta arte se queixava tristemente.

Galatea gentil, e deshumana,
Não cuides por fazer-te o Ceo formosa,
Que ha de Amor desculpar-te o ser tyranna.

Póde ser, que a belleza rigorosa
Dê causa tanta vez a que se diga,
Que não ha formosura venturosa.

A ser-me ingrata, ó Nymfa, quem te obriga?
A natureza não, a razão menos:
Olha que nada tanto o Ceo castiga.

Se não me aborreces, Nymfa, ao menos,
Tal sou eu, que isto so me bastaria
A fazer meus pezares mais pequenos.

Quem destes olhos tristes te desvia?
Que não vens com teus olhos tão formosos
Anteeipar nos meus a luz do dia?

Se não podem por meus ser venturosos,
Ah Galatea, movão-te a piedade,
Ja não digo por meus, mas por chorosos.

Tu sabes melhor que eu tanta verdade,
Capaz de commover alma ferina,
Quanto mais huma Angelica vontade.

Pois la no fundo d' agua crystallina,
Onde banhas teu corpo delicado,
Quando ja do mais alto o Sol declina,

Ja terás o sabor exprimentado
Do meu amargo pranto, que tem feito
Mudar-se o doce Tejo em mar salgado:

Em mar o Tejo, sem que satisfeito
Me sinta de chorar; e não entendo
Como ainda tenho lagrimas no peito.

Pois quando vai o preamar descendo,
Se acaso com mais força o pranto sólto,
Torna a vir claramente a agua enchendo.

Com meus suspiros cresce o vento solto,
E logo as mansas ondas encrespando,
Deixão por muito tempo o mar revolto:

Tudo signaes de compaixão vai dando,
A tudo vou mudando a Natureza,
E so não sei tornar teu genio brando.

Se em ti fizera móssa a vã riqueza,
O que eu de ti não creio, julgaria
Que desprezavas minha vil pobreza.

Aqui por te abrandar trabalharia
Mais que todos os outros pescadores,
Para os vencer em grossa pescaria.

Não são elles do que eu mais soffredores
Dos trabalhos maritimos, nem são
Mais afoutos, e destros nadadores.

Ver-me-hias arriscar a vida então,
Não com mais gosto do que agora o faço,
Bem que perdendo-a vou sem galardão;

Mas, porque em teu serviço désse hum passo
Com satisfação tua, e não desgosto,
Como agora succede a quanto passo.

E se forem no estado, em que estou posto,
Os meus pequenos ganhos tão ditosos,
Que venhão a ser inda do teu gosto,

Aqui ha mil peixinhos saborosos,
Ve-los-has contra a veia da agua clara
Ir forçando a corrente boliçosos:

E para sustentar a vida chara,
Verás como engodados cahir vão
No torto anzol, que a morte lhes prepara:

Bem como tu, tyranna, que á traição
A vez primeira os olhos me pozeste,
Para morrer por elles desde então.

Aqui verás a onda como investe
O meu batel nas praias encalhado,
Quando o tempo correr do sul agreste:

Não so diverte o rio socegado,
La recreia tambem, quando se lança
Por cima destas pedras levantado;

Mas se o vires despida da esquivança,
Que usas commigo, então socegará,
Pois tantas vezes vendo-te se amansa:

E bem que o gordo xerne aqui não ha,
Nem morre o salmonete tão mimoso,
Nem o raiado polvo aqui se dá;

Ha o solho innocente, e proveitoso,
A pintada, e seixatile lampreia,
A fresca boga, o savel saboroso;

E se mais o marisco te recreia,
Irei (se for preciso) á foz do Tejo,
Sem me escapar a mais remota areia.

Depois te contarei, como forcejo
Por tirar d'entre os humidos penedos
A lisa amejoa, o tardo caranguejo:

Dos negros caramujos, que estão quedos,
Nenhum me escapará, inda que traga
Callejados de novo estes meus dedos.

Porém que importa? O corpo então se estraga
Tambem por gosto meu, se por teu gosto
Nelle anda feita a alma em viva chaga:

Que assim trouxera este animo composto,
Se em premio destes dons, so ver podera
Huns longes de piedade no teu rosto!

Como contente a par de ti vivêra!
Como em teus olhos estes meus detidos,
Todo enlevado em ti sempre estivera!

Em dar-te gosto so pondo os sentidos,
Para ti nestas praias arenosas
Fora colhendo os buzios retorcidos:

E as conchinhas córadas, e lustrosas,
Que estão inda orvalhadas, imitando
Desse teu alvo rosto as frescas rosas.

Hontem vi sobre as ondas, vi boiando
Hum ramo de boninas amarellas,
A toma-lo depressa fui nadando:

Receio que se murchem, vem por ellas,
Presas em verde junco enfeitarão
Do teu fino cabello as tranças bellas:

Se aqui as conchas perolas não dão,
As floreszinhas, que estas margens tem,
Postas em ti maior valor terão.

Luz dos meus olhos, não me tardes, vem,
Vem, que meus olhos tristes, e cançados
Em te não vendo a ti, mais nada vem.

Mas a quem vou dizendo os meus cuidados?
Como de balde o suspirar não deixo,
Se ha suspiros tão mal afortunados.

A quem me estou queixando, em vão me queixo:
Não tem humano coração, se tem
Por coração algum gelado seixo.

Que Satyro selvagem te detem?
Ah Galatea! Sem razão, que logo
A soccorrer-me o teu amor não vem.

Fere-se a dura pedra, e lança fogo;
E tu de tão contraria natureza,
Que esfrias mais com meu ardente rogo!

Effeito de tão rigida crueza
Não póde huma causa produzi-lo,
Não tens de humana mais que a gentileza.

Se ha crocodilos no famoso Nilo,
Em ti tambem, ó Nymfa ingrata, e dura,
Creou o nosso Tejo hum crocodilo.

Não sei se meu amor já se murmura
Entre os patrios, e estranhos pescadores,
Que sabem desta minha desventura.

Serei talvez dos ledos amadores
Apontados c'o dedo brevemente,
Quando passar chorando os teus rigores:

Zombará de meus males toda a gente,
Tomará nova força o meu Destino,
Se para mim ha mal, que inda se invente.

Mas teme, ingrata, teme o Ceo Divino,
Antigo vingador do Mundo errado,
Que de la vendo está meu mal contino.

Teme o poder dos Deoses indignado,
Que a fórma a tantas Nymfas perverteu,
Com menos causa que a que tu lhe has dado.

Como em Ida a Lethea aconteceu;
Que o bello corpo em pedra convertido
Nunca mais os mimosos pés moveu.

Deixo de repetir o parecido
Exemplo de outras Nymfas sem Ventura,
Que de ti, alta Nymfa, he bem sabido.

Mas que fizera nisto a desventura?
Póde ser que mais branda te fizera,
Se agora es mais do que esta rócha dura.

E quando assim acaso succedêra,
Tal he o meu amor brando, e piedoso,
Que ver-se tão vingado não quizera.

Primeiro neste rio o furioso
Vento, dando na vela de pancada,
Quando eu for navegando mais gostoso,

Se deite sobre as ondas, e alagada
Co' meu pobre batel, então se veja
A aguda quilha para o Ceo virada,

Que a Fortuna, que agora te sobeja,
Te dê por algum meio não cuidado
Qualquer mal, por pequeno que elle seja;

Pois não sou eu tão pouco arrazoado,
Que emendar queira hum erro da Ventura
Com Amor, que ja mais anda acertado.

Desenganou-me a minha desventura:
Como de mim não fugirás esquiva,
Se em fim sou eu, sou eu quem te procura?

Mata-me embora, ó Nymfa fugitiva,
Que aqui meus tristes olhos feitos fonte,
Por ti chorarão sempre, em quanto eu viva.

Calou-se o Pescador, ergueu a fronte
A ver o Sol, que vinha ja raiando
Por entre as pardas nuvens do horizonte:

Ficou por muito tempo a voz soando;
E o Tejo, que a ouvio, de enternecido
Abaixou a cabeça, e suspirando
Chegou hum pouco ao mar desfalecido.

EPIS-

EPISTOLAS.

I

PRezado Josefino,
Entre os Pastores o Pastor mais dino,
De quem estou por meu injusto Fado
Ainda mais saudoso, que apartado.
Depois que aquella ausencia,
Contra quem foi de balde a resistencia,
Por força em mim pegou,
E tão longe de vós ca me deitou,
Deveis-me, bom Pastor, hum tal cuidado,
Que dera por vos ver, cabana, e gado;
Mas bem pouco faria,
Que vale mais a vossa companhia.

Sem

Sem ella descontente
Não ha Sol, que me aquente;
E se talvez Limano por piedade
Me aconselha que busque a sociedade,
Sem saber o que faço,
Cahido o rosto, vagaroso o passo,
Em vós so contemplando,
Com elle caminhando
Para as conversações de outros Pastores,
Lembra-me então que as vossas são melhores.

Qual o touro matreiro,
Que no alcance do incauto passageiro,
Quando faz que o não segue, mais vizinho
Ao encontro lhe sahe n'outro caminho;
Assim a minha pena,
Quando cuido que está ja mais pequena,
He porque vai buscando
Novos caminhos de me andar matando.

Sem voz a minha doce sanfonina
Tempéro hum dia inteiro, e não se afina:
A flauta lisonjeira,
Que em fim depois da vossa era a primeira,
Ja muda está de todo, e desprezada,
De pó coberta, ha mezes pendurada:
Se por successo a vejo,
Alembrando-me a vossa o meu desejo,
Não sei como a não quebro de saudade:
Vede o que faz a vossa suavidade.

Tra-

Trago logo á memoria quantas vezes
As minhas proprias rezes,
Ouvindo o vosso canto,
Se descuidavão tanto,
Que as cabeças attonitas erguendo,
Deixavão de ir comendo;
E se inda alguma a relva mastigava,
Como presa entre os dentes lhe ficava.

Mansos os passarinhos,
Deixando a leve habitação dos ninhos,
Vos andavão cercando,
Lições de vós tomando.

Quantas vezes o Tejo
Deitou por fóra as aguas, com desejo
De poder de mais perto
Ouvir da vossa musica o concerto!

Vede, Pastor, agora
Se a vossa voz sonora
Aves, gados, e rios punha em calma,
Que faria as potencias da minha alma?

Oh quanto devo á vossa companhia!
Comvosco divertia
Os meus justos pezares;
Vós sabieis os meus particulares,
Que de ninguem fiava;
Pois so em vós achava,
Como se fosseis hum Pastor mais velho,
O experto aviso, o próvido conselho.

Vós me daveis quinhão na vossa terra,
Sem que houvesse entre nós huma so guerra;
E quantas vezes com igual fartura,
Sendo vossa tambem a semeadura,
Participei do fructo, e do agasalho,
Que deu vosso trabalho?

Não sou daquella gente, em cujo vicio
So lembra, em quanto dura o beneficio:
Daquella gente da razão alheia,
De que ha tanta (inda mal!) na vossa aldea.

Quem me queria achar toda a semana,
Hia á vossa cabana:
Nella vivia mais do que na minha,
Aonde me detinha
Mil horas, sem saber que erão passadas,
Que so comvosco me não são pezadas.

Que

Que proveitosos contos,
De exemplo alli tão prontos,
Trazieis na memoria
Para qualquer historia,
Para qualquer conflito,
Dando logo a razão do vosso dito!

Tudo me está lembrando a toda a hora,
Como se fosse agora:
Nestas considerações pondo o sentido,
Ando como perdido.

Queixo-me aos troncos, q sentir não podem,
E torno-me a queixar, pois não me acodem:
Não ha montes, ribeiras, não ha prados,
Que não tenhão ouvido os meus cuidados.

Dizendo assim meus males,
Mais compridos ainda que estes valles,
Dou comigo no outeiro,
Que fica mais fronteiro
Da vossa vizinhança,
Fixando nelle os olhos, e a esperança
De inda tornar a ver-vos.
Ah! Que não sei dizer-vos,
Como fico tristonho!
E mais quando supponho,
Que esquecido talvez do affecto nosso
Viveis, bom Josefino, e que não posso,
So para que melhor la vos assista,
Levar o corpo aonde mando a vista.

Dal-

Dalli desappareço,
E de novo começo
A lembrar-me de vós, passando os dias
Nestas, e semelhantes agonias.
E como o meu cuidado
Vive somente destas occupado,
Não posso de mim dar-vos
Noticias, que não fação magoar-vos.

De huma duzia de ovelhas, que me derão,
Não sei se tenho tres, as mais morrêrão.

Dous dias ha, que em busca
Da minha vacca fusca
Por todos estes montes ando á toa,
Sem ter della noticia má, nem boa.

O branco bezerrinho
Tambem levou caminho.

De mim julgo que foge a outra gente:
Quanto vejo presente,
Observo tão mudado, e por taes modos,
Que creio que peguei meu mal a todos.

Assim neste sombrio
Monte, deserto, aspero, e bravio,
Vendo sempre despidos arvoredos,
Debruçados penedos,
Sem ter quem me console,
Vivo so entre gente estranha, e molle;
Entre quatro Pastores todo o anno,
(Ah desgraçado Albano!)
Sem saberem falar mais que no arado,
Na tosquia do gado;
(Olhai que lições tomo)
E nisto sabe Deos ainda o como.

Pois se acaso se trata outra materia
Mais polida, mais séria,
Dizem que he couza feia
Metter a fouce na seara alheia.

Cuidão somente em ferrolhar o milho;
Se lhes foge hum novilho,
Não berra em busca delle a vacca tanto
Pelos outeiros, quanto
Hum destes se amofina, agasta, e anda:
E em fim, quando Deos quer, que as couzas manda;
(O que elle não permitta) engrossar a cheia,
Afoga-lhe o rebanho, e alaga a aldea.

Eis-aqui como o Mundo se governa;
E em confusão eterna,
Como desde que he Mundo se costuma,
Sem esperança de melhora alguma:
Elle dá qualquer gosto
A troco de mil dias de desgosto:
Que vezes no que vejo,
E no que vou pintando no desejo,
Me succede inda agora?
O que prouvera a Deos que assim não fora!

Que foi aquelle meu contentamento
Nas vesperas do nosso apartamento,
Senão certo presagio
De ter eu que passar este naufragio?

Eu mesmo em mim sentia,
Inda na maior força da alegria,
Ser ella na verdade
Como contra vontade:
Que anda ja mui de longe a Sorte escura,
Tomando sempre o rosto da Ventura,
Para que a não conheça,
Quando para enganar-me me appareça,
Trazendo, como vistes,
Nos alegres sinaes agouros tristes.

O mais supponde-o vós: Não sei dize-lo,
Que assaz não faço pouco em padece-lo;
Pois se a historia, que n'alma anda gravada,
Podesse ser fiada
De palavras, talvez que por comprida,
So em conta-la, consumisse a vida.

Passai, amigo, a vossa
Com descanços na choça,
Com proveitos na lavra,
Sem que se vos tresmalhe huma so cabra;
E se no monte andarem,
No tempo que pastarem,
Em vez de agudo cardo que as moleste,
Encontrem branda relva, que lhes preste.

Primeiro do que aos mais o trigo cresça,
A fruta amadureça,
Na vossa terra farta, e abundante,
E o Pastor la da serra mais distante
A Sorte vos inveje;
Mas sem faltar a elle, a vós sobeje.

E tanto da Ventura
Sejais a mais valída creatura,
Que nesses campos mora,
Que assim como anda agora
Buscando para mim novos tormentos,
Invente para vós contentamentos.

Finalmente abastado
Vivei, Pastor honrado,
Desses grandes haveres,
Que dá Pomona, e multiplica Ceres;
Que eu outros não procuro,
Mais que viver seguro
La na vossa lembrança:
Dai-me esta segurança;
E de sorte nenhuma
Faça em vós a distancia o que costuma.

Nem receeis que possa em outra idade
Esquecer-me de vós; porque a amizade
Dispoz em meu affecto verdadeiro
Mais forçosas raizes, que huma sobreiro.

Passai alegres dias
Nas doces companhias
Dessas gentís Pastoras:
Vós ja sabeis as horas,
A que ellas vão ao rio, ou vão á festa:
De tarde na floresta,
Com ellas de mãos dadas,
Nas danças engraçadas
Ireis de Amor cantando;
Mas vede, amigo, não venhais chorando,
Que dellas so são lagrymas o fruto,
De que inda trago o rosto mal enxuto.

Mas vosso bom discurso nada ignora:
Diverti-vos embora;
E la do grande Menalo vizinho
Achareis de caminho
A communicação dos seus cultores,
Que com tantos suores
As terras fabricando,
Uteis, e novos troncos enxertando,
Mostrão a preguiçosos descuidados
Mil saudosos frutos sazonados.

Ouvi-os la cantar com voz mais alta,
E não vos fará falta,
Por triste, e por pequena,
A baixa voz de minha rude avena.

E agora, que de todo enrouquecida
Deita a respiração desfalecida
Da frouxa voz cançada,
(Porque ja começou destemperada)
Permitti-me que hum pouco descançando,
Nova força tomando
Va, para dar-vos conta, como quero,
D' outros maiores males, que inda espero.

II.

HA mil tempos, bom Silva, que saudoso
Da vossa companhia, determino
Ir ver-vos, como posso, assim queixoso.

O como, o quando, e os modos imagino:
Mas as couzas trabalhão-se de sorte,
Que eu mesmo dentro dellas perco o tino.

Ante meus olhos vejo a fria Morte
Quasi lançar-me a mão, e não me arrédo,
Porque estou ja disposto a todo o córte.

Tenho ás molestias tão perdido o medo,
Que cahem sobre mim, como se dessem
Ja no corpo insensivel de hum rochedo.

Assim meus males, Josefino, crescem:
Assim neste meu corpo magoado
Novos sinaes funestos apparecem:

Languido o pulso, o rosto desbotado,
O passo lento, os olhos sem viveza,
O sangue frio, o animo cançado;

Em fim tão pervertida a Natureza
Dos fysicos principios, que não tenho
Mais qualidades, do que o da tristeza:

Com

Com ella a vida so he que entretenho;
Nem eu por outro modo viveria,
Pois ja com alegrias não me havenho.

Envolto assim no manto da Agonia,
O amortalhado espirito preparo
Para o fatal, e derradeiro dia.

So então he que espero, amigo charo,
Depois dos tristes dias, que aqui levo,
Que me amanheça outro horizonte claro.

Nem sei como a falar inda me atrevo;
Vós o vereis na mesma frialdade,
Com que estas razões minhas vos escrevo;

E se conservo alguma actividade,
He so para fantasticas ideas,
Que augmentão mais a minha enfermidade.

Eu revolvo as estrellas, e as areias,
Metto-me n'outras cousas de alto estado,
Da minha conta, e profissão alheias:

Faço tornar a vir, o que he passado,
O que inda não chegou, faço presente:
Como anda o tempo em mim desconcertado!

Ve-

Vejo em descanço alegre alguma gente,
Vejo outra toda a vida trabalhando
Coberta de suor, e descontente.

Em fantasias taes, de quando em quando,
(Pois o quer assim mesmo a Providencia)
A sancta Providencia estou louvando.

Desejo armar a todos de paciencia,
Que he so aquelle bem, que me ha ficado,
Para fazer aos males resistencia.

Enfermo, ou são, em baixo, ou alto estado
Ja não temo Fortuna, que eu so posso
Fazer-me venturoso, ou desgraçado.

Se dentro de mim mesmo me alvoroço,
Effeitos são da fraca humanidade,
Que não se regem pelo arbitrio nosso.

Amigo, ter valor, a adversidade!
He hum rico vestido, que orna, e enfeita
O homem na maior necessidade:

A pompa vã tambem se lhe sujeita,
A Fortuna não dura, e a Natureza
Iguala a todos, e a ninguem respeita.

Cal-

Calce embóra a magnifica riqueza
O dourado cothurno, com que piza
A descalça humilissima pobreza:

Que a carne do Filosofo precisa
De bem facil sustento, e cobertura,
O corpo acaba, a alma se eterniza.

Jacte-se á Fidalguia, ou a loucura
Desse esplendor dos seus antepassados,
Que todos ha de achar na sepultura.

Mostre co' dedo os porticos gravados
De generosos timbres; que eu somente
Terei os virtuosos por honrados.

Çançai, amigo, o braço honradamente,
Que assim se abre o caminho á Fama, e gloria,
Deixai falar essa insensata gente:

Se o vosso nome se não ler na historia,
Disso não se vos dê, porque andão nella
Muitos, que são indignos de memoria.

A fama está somente em merece-la,
Consegui-la he acaso, e não virtude;
E vós dentro em vós mesmo podeis te-la.

O trabalho mais aspero, e mais rude,
Suave, e nobre se fará, com tanto
Que de hum honroso proceder se ajude.

Aqui tecêra eu mais altó canto
A vossos altos dons, se não andára
Ja esta lyra convertida em pranto.

Oh quem antes que a vida se acabára,
Se quer a par de vós com singeleza
O mais que sinto em mim, communicára!

Agora ao brando fogo na aspereza
Do desabrido inverno especulando
Os segredos da sábia Natureza:

Agora o pensamento levantando,
Não como os insoffriveis faladores,
Baixas, e vis materias praticando;

Mas revolvendo antigos Escritores,
Varias razões, diversos sentimentos,
Certo manjar das almas sup'riores;

Mas estes racionaes divertimentos
Havião ser, amigo, separados
De confusos, e falsos tratamentos.

Lá nesses campos bemaventurados,
Par'onde foi a candida innocencia,
Fugindo ca dos animos dobrados:

De hum casal na pobrissima assistencia,
Onde não nos mordesse, nem ladrasse
De Zoilos vis cruel maledicencia:

Alli veria hum homem, quando nasce
A branca, e roxa Aurora no horizonte,
Mostrando á gente a luminosa face:

Ir mansamente o gado para o monte
Comer da branda hervinha, e mastigando
Descer a procurar a fresca fonte:

Sahir o boi pacifico, inclinando
Ao duro jugo o rustico pescoço,
Pelas redondas ventas fumegando:

O geral, e solicito alvoroço,
Com que para o trabalho, a choça abrindo,
Sahe o velho encurvado, o agil moço:

Brotar depois a fruta, que apparece
No frondoso raminho pendurada,
Que em tempo accommodado amadurece:

Estar ouvindo a musica alternada
Dos doces namorados passarinhos,
Que a meus brandos ouvidos nunca enfada:

Vê-los andar saltando nos raminhos,
Depenicando as folhas inquietos,
Ve-los depois voar aos altos ninhos.

Oh! que dignos serão estes objectos
Dos cuidados de hum animo innocente,
Para estar contemplando em seus secretos!

Vamos, amigo, dai-me a mão contente,
Vamos se quer hum dia em nossa idade
Ver o rosto da Paz resplandecente.

A Deos, vans esperanças da Cidade,
Deixai-me ir acabar os tristes dias
No santo Domicilio da Verdade.

Mas ah, que todas estas alegrias,
Por mais, e mais que certas me pareção,
Não passão de sonhadas fantasias!

Aquelles negros Fados, que não cessão
De perseguir-me, pondo-se diante
Para prender-me os passos, se atravessão.

Eu vejo, eu vejo o horrido semblante,
Com que me estão dizendo *(ah charo amigo,*
Que nunca chegará tão doce instante!)

Estas consid'rações, que andão comigo,
Para confusão minha he que se inventão,
Que eu mesmo me convenço, e me desdigo.

Quaes pelo Ceo nas nuvens se apresentão
A' vista mil fantasticas figuras,
Que desfeitas no ar logo se ausentão:

Taes as minhas erradas conjecturas,
Levantando castellos sobre o vento,
Andão fazendo vans arquitecturas;

E como tem tão fragil fundamento,
Quanto havia formado em muitas horas,
Perco logo de vista n'um momento.

Bem faz por me entreter nestas demoras
A Fortuna outra vez com esperanças,
Que de falsas imagens são pintoras;

Mas eu que a temerarias confianças
Ja ouvidos não dou seguramente,
Desvio do desejo estas lembranças:

Assim podera eu tão facilmente
Quebrar d'alma as prisões, que envergonhado
Inda arrastando vou por entre a gente.

As prisões doces de hum grilhão dourado,
Com que Amor, meus desejos enganando,
Me fez parecer leve, o que he pezado.

Eu lhe fui ao principio repugnando,
Depois com menos força me esquecia
No milagroso gesto contemplando:

Assim foi a razão de dia em dia
Sua virtude natural perdendo,
Pois só pela vontade se regía:

E qual soberbo tigre, que mordendo
Os novos ferros da prisão que estranha,
Depois ja costumado os vai lambendo:

Desta arte, Amor, q sempre me acompanha,
Convertendo a violencia em suavidade,
Contra quem ja não val esforço, e manha;

Comigo faz tão meiga sociedade,
Que ja por gosto de lhe ser captivo,
Beijo o grilhão da minha liberdade.

Não bastavão trabalhos, com que vivo;
Mil milhões de successos não cuidados,
Que me trazem da gente fugitivo:

Respostas más, desprezos obrigados,
Vans esperanças, feias imposturas,
Suspiros de tristeza ao vento dados:

Enfadonhas molestias, largas curas
Para a vida, tão perto de perde-la
No meio de tamanhas desventuras?

Senão tambem agora no fim della
Ter mais este contrario de sobejo,
Para poder de novo aborrece-la.

Más nos males crueis, em que me vejo,
So me servira, amigo, de soccorro
Hum Bem, que n'alma pinta o meu desejo:

Que era ter (mas de balde em fim discorro)
Huma certeza so de que vivia
Na memoria daquella, por quem morro.

Eis-aqui como levo a noite, e dia,
Sem ter a quem me queixe, que não faça
De meus tristes erros zombaria.

Ditosa gente feita de outra massa,
A quem de Amor o dardo mais agudo
O rijo coração nunca traspassa!

Gabão-se de hum espirito sisudo:
Homens de carne, e pedra juntamente,
Fortes por condição, não por estudo.

Não sei que tem Amor com certa gente,
Que sempre fugio della, e so se inclina
A ferir mais hum' alma intelligente.

Oh das mortaes paixões paixão mais digna!
Se alguma culpa mostras, não he tua,
He so de quem tão mal te determina.

Quem ha no Mundo, que de ti se exclua?
Correi vós, homens, todo o Mundo inteiro,
Vereis esta verdade pura, e nua:

Vereis tremer de Amor o Heroe guerreiro,
Que não temêra de Mavorte as iras,
Vereis de Amor o sabio prisioneiro:

Vereis chorar ao som de tantas lyras
Por elle as altas Musas, sem que seja
Por fazer agradaveis as mentiras.

O meu grande Camões, que em paz esteja,
Em quanto andou no misero desterro,
Para prova de tudo me sobeja:

Elle destes, que falão, nota o erro;
Pois teve amor, e muito bem sabia,
Que doutos corações não são de ferro.

Com elle desabafo, elle me guia
Das Canoras Irmans ao claro accento
Com sua doce, e immortal Poesia,

Bem que ja a Musa sem calor, e alento
Com desgrenhada fronte, e voz chorosa
Fere tão mal as cordas do instrumento;

Ja no meio de vida tão penosa
Frouxa, e cançada está de andar forçando
Tão frios versos, que parecem prosa:

Naquelles, que vos ouço estar cantando,
Teria o meu mais certo formulario,
Se inda fizesse alguns de quando em quando.

O bom Lima, que he delles Secretario,
Bem sabe as vezes, que embebido os leio,
Quando aqui passo as horas solitario.

Mais de mim vos contára; mas receio
Que corra de tal sorte este meu pranto,
Que para o suspender não ache freio;

E se por caso grande de alto espanto
Se vos fizer incrivel desta sorte,
Que homem ja moribundo fale tanto,

Sabei, amigo, em fim, que em mal tão forte
Ja não sou eu quem faz tão longa escrita:
A má Fortuna he so, que até na morte
Dentro deste meu corpo fala, e grita.

III.

Sabio Jurisconsulto,
Da Justiça esplendor, freio do insulto,
Em cuja mão rectissima descança
Todo o equilibrio da legal balança;
Se o justo ministerio,
Que a hum tempo exercitais piedoso, e serio,
Em tão importantissimo negocio,
Vos permitte algum ocio,
(Porque nem sempre he vicio
Suspender o exercicio;
E faz, que o arco a enfraquecer-se venha,
Que sempre em comprimi-lo a força empenha)
Depondo por hum pouco a gravidade
Da vossa auctoridade,
Permitti-me que possa
Ir á presença vossa;
E para vós, Senhor, de quando em quando
Estes medrosos olhos levantando,
Livremente comvosco fale, e diga
Quanto a Fortuna, e a razão me obriga.

Entrei, Senhor, no Mundo tão malquisto,
Que inda não tinha visto
Raiar nelle a formosa luz do dia;
E ja me falecia
O piedoso alento
De meu primeiro maternal sustento.

Triste infallibilidade
De huma futura trabalhosa idade!
Com ella fui crescendo,
Não sei se mais durando, que vivendo
Em continuo desprezo,
Depois ao lume accezo
Da razão natural, que em mim crescia,
Vi que por força de huma Estrella impia
Em vida tão pequena
Se comprehendião seculos de pena;
E ás curtas horas de meus tristes annos
Ja excedia o numero dos damnos.

Mas ella, que sedenta
Nunca de grandes males se contenta,
Me põe de todos no maior perigo,
Por ver se acaba de huma vez commigo.

Poucos annos beijei a mão paterna;
Porque outra mão, que tudo em fim governa,
Me poz em huma misera orfandade,
Aonde não herdei mais que a saudade.
Desde então conhecendo
Melhor o Mundo, que ja agora entendo,
Nelle peregrinando
Levei sempre arrastrando,
Atado á paciencia,
O pezado grilhão da dependencia;
Que em lugar de gastar-se desta sorte,
Cuido que o uso ainda o faz mais forte.

Sacudi-lo de mim ja quiz de todo,
Mas em vão me cancei; nem de algum modo
Encontro quem me valha,
Que todo o Mundo contra mim batalha.

Encontro hum valle, quando busco hum monte;
Morrendo estou de sede ao pé da fonte;
So para mim, não sei porque segredo,
Nasce mais tarde o Sol, põe-se mais cedo:
A ordem natural de mim se esquece;
E ja de horror, de enfado me parece;
Que até lhe custa despender commigo
A terra encosto, as arvores abrigo.

Como não ha de a mísera Fortuna
Ser-me tão importuna,
Se para segurar melhor a empresa,
Se poz da sua parte a Natureza?
Vede agora, Senhor, com que esperança
Nos homens hei de ir pôr a segurança:
Hum so por me não ver, foge, e se esconde;
Outro por mais que o chamo, não responde.
Este immovel se faz, soberbo aquelle;
E estou diante delle
Cheio de hum soffrimento tão preciso,
Como a réo em Juizo.

Quanto mais me estão vendo,
Mais vão endurecendo.

Sempre acho nelles huma fria escusa,
Que mais fez a cabeça de Medusa?
E se a algum destes se lhe vê na bocca
Alegre differença, he que o provoca
Hum odio disfarçado,
Que vai sempre no riso misturado.
Sem longa experiencia
Quem não se enganará desta apparencia?
Nova especie de féra,
Peito de pedregal, rosto de cera.

Mas ja do Mundo errado,
Que tanto me enganou, desenganado,
Não sou como algum dia,
Que as vans promessas da esperança cria:
Delle fugindo vou, e a seus enganos,
Mas sem proveito consumindo os annos.
Ora da triste idea, que me inclina
A' solidão da pastoral campina,
Levar me deixo para a pobre aldea;
Mas tambem a zizania alli semeia
Contra mim novos males, novos damnos,
Que em toda a parte estão chovendo enganos;
E la naquella gente,
Que eu suppunha viver mais simplesmente,
Acho da mesma sorte
Os desconcertos, que observei na Corte.
Ora busco outra terra;
Mas seja aldea, ou Corte, valle, ou serra,
Não ha, por mais que corro, ou que procuro,
Hum lugar, onde ponha os pés seguro.

Qual

Qual o cervo ferido,
Que em si leva escondido
No mortal instrumento,
Da vida o termo, e mais veloz que o vento
Em vão fugindo vai, e em vão se cança,
Que a poucos passos sempre a morte o alcança:
Assim eu, quando fujo á minha Estrella,
Menos me aparto della;
Que mal posso escapar deste perigo,
Se aonde quer que fujo, vou commigo.

Em fim para contar-vos miudamente
Do meu Fado inclemente,
Quantos casos por mim ja tem passado,
As vezes que pizado
Fui dos pés insolentes
Do desprezo, de amigos, e parentes,
As injustas vinganças, que hei soffrido,
Ser em todos os lances preterido,
Consumindo em demoras
Infructiferas horas;
Tantas nisto gastára,
Que em mim primeiro a vida se acabára.

De algum Astro a benefica virtude,
Fazendo em mim, que a antiga Lei se mude,
Me deitou nesta terra,
Onde o Fado me faz mais branda guerra,
Se não for de meus males nova traça,
Ter commigo descuidos a desgraça;

Mas

Mas á vossa presença
Attribuo, Senhor, tanta diff'rença;
E se fugindo venho, onde he que posso
Achar melhor amparo do que o vosso?

Dai-me *[se he que mereço conseguí-lo]*
Da vossa mão o poderoso asylo:
Dai-me, Senhor, que ainda a desventura
Correr atraz de mim se me figura:
Desta hydra mortal Alcides forte,
Extingui de hum so corte
As pulantes cabeças renovadas,
Por meu castigo sempre em vão cortadas;
Porque so póde a vossa heroicidade
Cauterizar tão vil malignidade.
Em mim mesmo a desgraça vos off'rece
O mais nobre interesse,
Dando-vos hum motivo,
Onde se prove o vosso esforço altivo.

Nunca os homens mais Deoses se parecem,
Que quando favorecem:
Derribar fortalezas,
Romper muralhas, conseguir empresas,
Armadas dirigir a climas novos,
Em sujeição dos póvos,
Pôr assedio ás cidades,
E o mais que o Mundo chama heroicidades
Nada disto será de tanta gloria
No futuro immortal pregão da historia,

Co-

Como fazer hum peito genereso;
Rico a hum pobre, feliz a hum desditoso.

Vós, que melhor sabeis quanto eu vos digo,
Esta virtude exercitai commigo:
Não entendais que invejo
Essa aura populár de hum vão cortejo;
Nem me tenta a ambição insaciavel:
Tenho sim hum desejo mais louvavel,
Mais racional, mais pio, mais prudente,
Que me faz desprezar naturalmente
Fastos de rico, presumpções de Nobre;
Pois tudo posso ser, e mais ser pobre.

O que somente quero,
E o que de balde ha tanto tempo espero,
He arrancar esta agil mocidade
Da inutil, molle, torpe ociosidade;
De quem tantos desmanchos perigosos
São filhos monstruosos:
Somente insectos vís gerão damnadas
De corrupção as aguas encharcadas.

Quero so ter hum meio,
Com que me encoste a algum honrado esteio;
Porque mais descançada chegue a vida
La ao fim da carreira bem sabida,
Que, a quem tão pouco inveja,
Isto não so lhe basta, mas sobeja.

E se as constantes leis da sã Justiça,
Em vós nunca remissa,
Acaso não offendo
No pequeno despacho que pertendo,
Fazei á Patria hum proveitoso filho,
Deste que he da Republica empecilho.

Se assim me acontecer, como confio
De hum coração tão pio;
E então me virem com alegre rosto
Erguer do baixo estado, em que estou posto,
Ah Senhor! Como he crivel,
Que a desgraça insoffrivel
Fugirá de me ver torcendo a vista
Raivosa de perder esta conquista,
Deixando o seu arrojo
Na vossa mão por misero despojo.

E la depois, que a minha rouca lyra
Deixar o enfermo som, com que respira,
Alegre, e sonorosa
Ferida desta mão menos medrosa,
Que a tempera-la agora mal se atreve,
Outro louvor maior, que se vos deve,
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar engenho, e arte.

IV.

Vós, que da rica mão da Natureza
Recebestes os dons, que ella mais préza;
Aquelles altos dons de formosura,
De graça, discrição, de compostura,
Que raras vezes por occulto arcano
Unir-se sabem no composto humano:
Vós, que por força de hum pensar seguro,
Illuminando as sombras do futuro,
Dos mesmos corações, e entendimentos
Penetrais as tenções, e os movimentos:
Vós, finalmente, que sabeis aonde
Assiste Amor, por mais que Amor se esconde,
Não entendais que a declarar-vos venho,
Se acaso tenho amor, e a quem o tenho.

Venho á vossa presença,
So como aquelle, que em mortal doença,
Dos ardores da febre sente a calma;
Que atenuando-lhe as potencias d'alma,
A cada instante afflicto delirando,
A' secca lingua se lhe vão pegando
As truncadas palavras, sem que tenha,
Quando o Medico venha,
Hum habil enfermeiro, hum assistente,
Que exponha miudamente
Com zelo, e com piedade
Os progressos da longa enfermidade.

En-

Enfermo vivo, mas de hum mal tão forte,
Que em vida bebo a cada instante a morte:
Desamparado estou; Amor me mata,
E ajuda-o a matar-me aquella ingrata,
Que so c'um favor seu, que em fim me desse,
Faria que podesse,
Em lugar de matar-me de desgosto,
Ver-me morrer de gosto.
Com este bem, que pouco lhe custára,
De inimigas Estrellas me vingára:
Isto so, isto so me bastaria,
Para dizer ao Fado, se algum dia
Me tornasse, como hoje, a ser contrario;
Que queres, temerario?
Em vão, em vão ja agora,
Depois daquella hora,
Em que tu compassivo, ou descuidado
Me deixaste gosar tão alto estado;
Em vão, de tanta gloria pezaroso,
Solicitas fazer-me desditoso.

Mas que contas são estas, pensamento,
Que andás sempre a deitar sem fundamento,
Mais que a vã conjectura?
Não ha maior loucura,
Que andares nesta misera memoria
Cortando os louros antes da victoria.
Mas ah! Minha Senhora,
Tudo finge quem ama, e quem adora.

Cer-

Cercado estou das lanças do inimigo,
Cruel Amor, que sempre anda commigo:
E em tão ardua conquista
Não volto a qualquer parte a triste vista,
Que contra mim não veja levantada
Essa mão poderosa, e delicada,
Que inda tem mais robusta fortaleza,
Que a despedida bala, em fogo accesa,
Contra soberbos muros,
Que os peitos de aço, que os broqueis seguros,
Que de Alcides a clava,
Que de Cupido a vencedora aljava,

Peço que lhe digais,
Se tambem contra mim vos não voltais,
Que em fim *[pois o deseja]* que me mate,
Que excogite, que trate
Os mais tyrannos generos de morte;
Que eu os espero forte;
Não para resistir-lhe confiado,
Mas a seus pés prostrado,
Para a mortal ferida,
(Inda quando me custe a doce vida)
De novo o triste coração lhe offerto
A peito descoberto;
Mas que repare bem, que se me offende,
Não contra mim, mas contra si contende;
Pois matar quem se entrega ao rendimento,
Bem que assegura, infama o vencimento.

Assim de vós o julgo, assim o espero,
Não por mim, pelo muito que venero
Em vós aquellas altas qualidades,
Que vos igualão tanto ás Divindades:
E mais que tudo, por aquelle affecto,
Com que (saudoso de tão lindo objecto)
Sahir das ondas vejo
A esperar-vos contente o Padre Tejo:
Assim nunca o vejais correr curvado,
Mas antes socegado,
Claro, doce, suave, e abundante
Fartar-vos possa toda a sede amante
Do vosso coração, ó Nymfa pura!
E descançando, de temor segura,
Dentro das suas margens, como entendo,
Nelle vos estejais sempre revendo.

Não cuideis que esta empresa
Offender possa a vossa sizudeza:
Salvar a hum infeliz, guiar a hum cego
Não he tão baixo emprego,
Como o vulgo insensivel imagina:
Somente huma alma grande se destina
[Pois sabe o que he Amor] a soccorre-lo
E não a despreza-lo, e offende-lo:
E so quem apadrinha, e quem respeita
Essa paixão, que as mais paixões sujeita,
De benigno, de Nobre
Toda a grandeza, que em si tem, descobre.

E em quem melhor a vossa poderia
Mostrár-se affavel, branda, heroica, e piz,
Que em soccorrer em seu pezar profundo
O maior triste, que conhece o Mundo.

E se eu merecer tanto,
Que vos mova a piedade este meu pranto,
Nas brancas mãos de Dinamene juro,
Por mim, por ella, e pelo santo, e puro
Ceo, que ouvindo-me está, que em quanto a vida
Deste corpo mortal não for partida,
Com vida, corpo, e alma,
Por vento frio, por ardente calma
Servir-vos-hei, Senhora, de maneira,
Que a mão sobre a fogueira,
Sobre o cepo a garganta
Porei com fé, e obediencia tanta,
Que, se possivel for,
A meu mortal valor
Irei, Nymfa, por vós de qualquer modo
O Inferno revolver, e o Mundo todo.

E ao som da minha cythara piedosa,
Assim mesmo chorosa,
Cheia de mágoa, cheja de afflicção,
Em quanto a sustentar na frouxa mão
Protesto toda a hora
De vós, minha Senhora,
Espalhar, quando cante,
Louvores taes, que todo o Mundo espante.

V.

V.

LOrinda bella, as obras pastoris,
Que com tão grande empenho me pedis
Em brando verso, em bem tecida prosa,
Ahi vo-las remetto; e mais pedesa
Vos peço, que vejais
De Amor tantos successos desiguais.

Vede, que as suas armas atrevidas
Ferem não só as innocentes vidas,
Mas inda em duros peitos, como o nosso
Fazem qual raio mais voraz destroço.

Do grande monte o cume levantado
Mais perto está de Jupiter irado:
De Amor, e de Fortuna
Nem choça, nem tribuna
Póde ter seguranças,
Que Fortuna e Amor a tudo alcança.

Vede pois que fazeis,
E dos males alheios não zombeis,
Que são de humas almas indignos pensamentos
Fazer do que he pezar divertimentos.

As mágoas, os retiros,
As afflicções, as ansias, os suspiros,
O devorante lume
Do impaciente, do infernal ciume:
As duas esquivanças,
As ausencias, as faltas, as mudanças,
Em fim, de Amor tão longo preuizo,
He materia de riso
Isto não he o mesmo que estar vendo
De longe a hum miseravel ir morrendo
A's mãos de seu desgosto,
Sem querer acudir-lhe por seu gosto?

Ah Lorinda, Lorinda, quando eu ha
As pastoris tragedias algum dia,
Hum suor frio o rosto me banhava,
Sobre a mão encostava
A languida cabeça, e então de mágoa,
O pranto me vertia os olhos d'agua;
Isto naquella idade,
[Ah doce tempo!] Em que inda na vontade
Não tinha exp'rimentado aquelle effeito,
A que hoje se por vós vivo sujeito.

Nesse livro de Amor, cuja escritura
Contêm do monte a varia desventura,
Aprendei os humanos sentimentos,
Com que haveis de escutar os meus tormentos:
Diverti-vos embora;
Porêm não com Amor, que sempre chora.

Dos

Dos clamores da aldea,
Se procurais encher a vossa idea,
Ah! Não se diga, que indo a vós piedosos,
Tornão a vir de novo mais queixosos!
Quantos tem desmaiado,
So de ouvir hum successo desgraçado;
E vós, ouvindo tantos, podereis
Rir-vos de Amor, zombar de suas leis?

Não espero de vós cousa tão dura;
Mas antes que em ternura
De Amor, e piedade
Mudeis a natural ferocidade;
E que quando escutardes
Os meus justos pezares,
De que posso compor livros maiores,
Do que o desses Pastores,
Vejais quanto ficastes devedora
Da compaixão, que me negais agora.

VI.

Minha inimiga bella,
Gloria da minha dor, e a causa della,
Em cuja mão Amor depositado
Tem a minha Fortuna, e o meu cuidado,
Tu honras estes bosques, e estas praias,
Ora encostada á sombra de altas faias,
Ora pizando, quando aqui passeias,
Com branco pé as humidas areias.

Tu envergonhas estas Nymfas bellas,
Pois es mais linda, mais formosa que ellas;
Huma vendo-te está, como admirada,
D'entre a limosa concava morada;
Outra do banho sahe, e bracejando
As enroladas ondas vem cortando
C'o delicado peito: deixa aquella
O rico fio, com que urdia a tela;
Huma deixa do Satyro o queixume,
Outra de ver os peixes em cardume,
Como saltão na rede aos pescadores;
E ora cheias de inveja, ora de amores,
Estão debaixo d'agua a huma e huma
Levantando as cabeças sobre a espuma.

Assim por ver-te, ó Nymfa, se alvoroça
A bellissima chusma, porque possa
Cada huma desta arte
Lograr de tanto bem tão grande parte:
Qual, para as mais falando,
De teu Divino gesto está tratando,
Dizendo todas, tão Celeste aceio,
Tão desusado gesto donde veio?
Não se recolhem, sem que tu te ausentes;
E quando o fazem, tristes, descontentes
Ao Padre Tejo contão,
Que te vírão, meu Bem, e alli lhe aponto
As tuas perfeições, que nunca dizem,
Por mais e mais que as expressões repizem.

Se dize-las podessem, que dirião?
E se as vissem como eu, que sentirião?
Eu as vi, eu as vi: Com que mistura
De gosto, e de pezar se me figura
Esta visão! O' penhas circumstantes;
Se estamos sos, direi as penetrantes
Cousas, que esta alma firmemente encerra
Mais entranhadas do que vós na terra;
Mas até tenho medo
De confiar de vós tanto segredo:
Eu o direi em fim, com tal cautela,
Que o ouça só aquella,
Que foi a doce causa, por quem sigo
O mal que passo, as expressões que digo.

Não ouides, Nymfa, não, que da memoria
Riscar jamais se possa huma victoria,
Que Amor a vez primeira celebrára;
Bem que depois em mágoa se trocara:
Inda tenho presente
De meus dias o dia mais contente:
Inda me lembrão os piedosos ais,
Os gestos, as palavras, os sinaes,
As brandas petições, os juramentos,
Em fim os namorados movimentos,
Com que ora examinando os olhos bellos,
Ora enfeitando os lucidos cabellos,
Toquei a face pura,
Onde Flora mistura
A branca, e a roxa côr da madrugada.
Ah Nymfa delicada!
Todas estas razões, se me acreditas,
Vivem, e viveráõ nesta alma escritas!

Estas as causas são do meu desgosto,
Que me vem sempre na afflicção do rosto:
Estas contínuas lagrimas, que choro,
Nascem do que receio, e do que adoro:
Olho em fim para ti; e quando meço
Entre nós as distancias, esmoreço:
Vejo que es huma Nymfa celebrada,
E das mais altas prendas ádornada;
Eu hum Pastor sem nome, que se attenda,
Sem parte, sem razão, que me defenda:

Tu

Tu dominando os campos, senhoreas
Os bosques, e as areias;
Eu posto em monte alheio, e tão deserto,
So de rusticas pelles mal coberto:
Tu de formoso rosto delicado;
Eu tão mal figurado:
Tu polida; eu mais bronco
Que a grossa casca desigual de hum tronco.

Qual Lavrador, que alguma rez comprára,
Porque com outros não se aconselhára,
Depois lhe dizem todos, que he pequena,
E certo que foi pena
O dar tanto por ella; como louco
Resolve-se a larga-la por tão pouco,
Que perde o pobre em fim so por vende-la,
Mais de metade do que deu por ella;

Assim receio eu, que tu, Senhora,
Conhecendo algum' hora
Que esse amor repentino
Não fora amor, mas fora desatino,
Com que ao principio para mim olhaste,
[Porque comtigo não te aconselhaste]
Me deixes pezarosa
De ter sido commigo tão piedosa:
Oh! nunca chegue o dia
De tanto mal, de tanta tyrannia!
Que, inda que os teus favores valem tanto,
Merece-os o meu pranto,

Me-

Merece-os a constancia,
A inquietação, o amor, o susto, a ansia,
Que dentro d'alma sinto:
So nestas qualidades sou distincto.

Não tenho largos campos semeados,
Que te possa off'recer, não tenho gados:
Não possuo colmêas,
Vivo peregrinando nas aldêas
De cabana em cabana:
Hum mez aqui, alêm huma semana;
Mas tenho huma alma, bem que triste, nobre:
Huma vida, que he tua, ainda que pobre:
Hum amor, que te igúala:
Huma fé, que a nenhum temor se abala:
Em fim hum coração, de quem tu sabes
A grandeza que tem, pois nelle cabes.

Não tenho outros haveres,
Se disto te contentas, se isto queres,
Como ja n'outro tempo succedia;
Que para ti, ó Nymfa, não havia
Outro preço maior
Que huma alma cheia de hum sincero amor,
Tudo em mim acharás da mesma sorte;
E se he possivel, inda amor mais forte.

Mas se estás de querer-me arrependida,
Não te arrependas de me dar fingida

Aquel-

Aquella branda mostra de piedade,
Que passou tantos tempos por verdade;
E se quer neste engano,
Suave ao mesmo tempo que tyranno,
Conserva o meu desejo,
Onde tenho mil mortes de sobejo.
Se acaso me aborreces, como entendo,
Se me deixarés, de que estou tremendo,
Seja assim, pois o queres; mas de modo,
Que eu o não chegue a conhecer de todo:
Não te custará muito neste estado
Trazeres-me enganado:
Este pequeno allivio me consente;
Triste quem de tão pouco está contente!

TER-

TERCETOS.

Mimoso Infante, Principe adorado,
Esperança mais firme do futuro,
Consolação mais certa do passado:

Amparai este plectro mal seguro,
Como succede á hera trepadora,
Quando fraca se arrima ao forte muro.

Nova Musa me dai, pois temo agora
Desentoar no canto desta minha,
Por costumada ás lagrimas que chora.

Oh Musa a mais feliz! Quem te apadrinha?
Que ja sinto cahir-me a voz do peito
Menos gelada, do que d'antes vinha.

Vos sois, Senhor, a causa deste effeito;
Por isso nestas clausulas pequenas
Ouvir-me-ha todo o Mundo com respeito.

E protegendo rusticas avenas,
Ir-vos-heis costumando de Menino,
Antes de serdes Rei, a ser Mecenas:

Que se o forte Thebano em pequenino
Despedaçava ja dragões no berço,
Fera he tambem o meu fatal Destino.

Novo Alcides, Senhor, meu tosco verso
Amparai; que he mais ardua resistencia
Vencer as forças de hum Destino adverso.

Ouvi-me pois, ouvi-me sem violencia,
Que as razões da fiel sinceridade
Bem póde percebe-las a innocencia.

Vós sois aquelle ramo, em cuja idade
A Lei florecerá constantemente
Desta pequena Christandade:

Vós sois aquelle fruto inda pendente
De huma arvore de Christo ao Ceo subida,
De que hoje faz a Portugal presente:

Vós sois aquella palma ennobrecida,
Que na frente das nossas esperanças
Irá crescendo para sempre erguida:

Vós o Iris sois daquellas seguranças;
Com que Deos tão benigno, tão piedoso
Nos promette pacificas bonanças.

Bem-

Bemdito Reino! Portugal ditoso!
Oh não te assustes mais! Oh não suspires!
Se es do Ceo tão bem visto, e tão mimoso.

De lá te diz Affonso, que respires,
De lá neste seu novo descendente
Te manda o ramo, o fruto, a palma, o Iris.

Ah meu Senhor! Meu Principe excellente!
Guardai, como promessa, esta memoria
De huma bocca infallivel, que não mente.

La quando lerdes a famosa historia
Dos vossos Immortaes Progenitores,
Vereis mais altamente a vossa gloria:

Vereis, que são eternos moradores
Do verdadeiro Olympo, onde ficárão
Sustendo sempre os Regios Successores:

Vereis o claro assento, a que chegárão;
Não porque forão Reis, mas virtuosos
No ardor, com que huns aos outros se imitárão.

Mas vossos Pais Augustos, e famosos,
Que as sacrosantas Leis da heroicidade
Sabem dar, e seguir tão cuidadosos,

Vos levantão á excelsa extremidade,
Por onde com trabalho, e com desvelo
Sóbe a gosar o Heroe da Eternidade.

E em quanto não podeis reconhece-lo,
Vos está preparando hum novo estado
De vosso Augusto Avô o amor, e o zelo.

Para vós vai creando este Reinado
Cheio de gloria, cheio de excellencia,
Com que se faz no Mundo respeitado:

Vereis nelle invariavel a obediencia,
Sempre constante a Fe, recta a Justiça,
Enfreada a Ambição, muda a Insolencia:

Vereis a applicação nunca remissa,
Com que entretida a molle ociosidade,
Desentorpece os membros a preguiça:

Vereis seguir-se as regras da piedade,
Do valor, da sciencia, da constancia,
Da santa Paz, da justa liberdade:

Vereis aquella radical substancia,
Com que nutre o Commercio as Monarquias,
Encher vossos estados de abundancia:

Assim vereis, Senhor, todos os dias
Com proveitosa singular cultura
O Reino florecer por tantas vias:

Como aquelle, que em grande semeadura
De bem mondado trigo vai com gosto
Cortando a loura espiga ja madura.

Crescei, qual tronco em fertil chão disposto,
Que dês que os largos ramos estendêra,
Servindo a tantos vai de abrigo, e encosto.

Vinde illustrar de todo a Lusa Esfera;
Que sendo muito, o que de vós alcança,
He muito mais o que de vós espera:

Grão parte do seu pezo em vós descança,
E ja, sem que o sintais, se differença
O muito que podeis so na esperança:

Por nós ao Ceo chegou súpplica immensa;
E de taes qualidades quiz encher-vos,
Que fez maior que o voto a recompensa.

Elle, que tanto soube enriquecer-vos,
Ha de, affeiçoado ao vosso gesto lindo,
De fascinantes olhos defender-vos.

Em

Em vós todas as graças se estão rindo,
Brincando irão comvosco melindrosas,
Quaes ao filho de Venus divertindo.

Do vosso tratamento cuidadosas,
Huma no berço de ouro vos reclina,
Outra vos cobre de purpureas rosas.

Ora Piro embalando-vos benigna,
Ora nos braços da risonha Aglaya,
Ora no brando collo de Eufrosyna,

Para vós anda Thetis ja na praia
Escolhendo do mar alvas pedrinhas,
Que a onda arroja, e lambe, quando espraia.

Com ella vão as Nymfas mais vizinhas
Nos virginaes regaços apanhando
Torcidos buzios, concavas conchinhas.

A longa, e branca barba penteando
Ja sobre as mansas ondas apparece
Banhado em gosto o Tejo venerando.

Seu futuro Senhor vos reconhece:
Descobri-lhe essa mão candida, e pura,
Que ja para a beijar se ensoberbece.

Voa,

Voa, ó Fama veloz, pelo ar segura,
Sacode as pandas azas, vai seguindo
O caminho, que te abre esta Ventura.

Deste Principe o nome diffundindo
A's mais remotas gentes, que encontrares
Na distancia, que vai do Tejo ao Indo:

Voa áquelles longissimos lugares,
Que com teu brado universal abranges,
De Africa as terras, e do Oriente os mares:

Tremão de susto os barbaros alfanges,
Que inda para cercar a Lusa frente
Cria palmares inclytos o Ganges:

Dize ao torpe, e tostado continente
Da inculta Abyssa, que va ja tirando
O perfido turbante reverente:

Ao feio Tormentorio vai chegando,
Atroa-lhe os asperrimos ouvidos,
Nunca sabidas cousas escutando:

E que dos navegantes destruidos
O crime pagará, que inda lhe resta,
Vendo os mesmos grandissimos tolhidos:

Porque se os mares ainda agora infesta
As Lusitanas proas, que algum dia
Lhe ha de abaixar a carrancuda testa:

Faze-te ouvir por toda a Cafraria,
Depois avante passa, e vai correndo
La por outra Região menos sombria;

Agora a rica Ormuz estremecendo,
Agora Meliapôr, e o Guzarate,
Affamados districtos discorrendo.

Prognostica hum cruissimo combate
De segura victoria ás fortalezas
De Jalofo, Tidore, e de Ternate:

Em fim das fortes armas Portuguezas
Annuncia do Mundo em toda a parte
Mil futuras, e prosperas grandezas.

E vós, com quem benigno o Ceo reparte
Toda a graça de Adonis, algum dia
Armado filho vos verão de Marte:

Europa a vossos pés, de medo fria,
Tributos vos dará; e a Asia ingente
Perolas Orientaes, quaes a Aurora cria;

Negros vultos irão de Africa ardente
Descutranhar na America selvagem
Thesouros ricos de metal luzente.

Povo estranho de barbara linguagem,
Pela soberba foz do Tejo entrando,
Vos jurará firmissima homenagem:

Então com lyra de ouro em verso brando,
A vós mais dignamente altos louvores
Os Pastores da Arcadia irão cantando:

Louvai, louvai, solicitos Pastores,
O novo Successor do Reino: cesse
O costumado canto dos amores:

Cantai o amor da Patria; o interesse
Commum da Monarquia: e o bom Pai della,
Por quem dos Povos todo o bem floresce:

Assim vos fareis dignos da capella,
Que Febo para aquelles tem guardado,
Que louvar sabem a Virtude bella;

E quando o aureo Tempo for chegado,
Que de Saturno o seculo fingia,
(Ah Tempo! Tempo Bemaventurado!)

Di-

Dirão, *verificada a profecia*,
Que fatidicamente se cantava:
De tal Pai, que outro Filho nasceria?
De tal Avô, que Neto se esperava?

BELIZA.

Pois não quereis, memorias imprudentes,
Senão andar contínuo revolvendo
Cousas, que mais vos fação descontentes:
Com inquietas azas
De novo vivas chammas accendendo,
E nellas reduzindo-vos a brazas:
Fartai-vos, loucas, consumi-me embora:
Voemos onde mora
O principal motivo,
Por quem no meio de mil mortes vivo.

Eu vos darei materia accommodada,
A todas as idades tão estranha,
Que nunca em verso triste foi cantada:
Qual louco mal guiado
Correndo vai ao alto da montanha,
E se deita de la desesperado:
Assim perdidos ja, da mesma sorte
Vamos buscar a morte:
Primeiro subiremos,
Depois precipitados cahiremos.

Subamos pelas margens do alto Douro,
Onde cuido inda agora que me vejo
A' fresca sombra do frondoso louro;
Recorde as alegrias,
Como aquelle, que ceva o vão desejo
Somente com pintadas ignarias:
Mas se não podem glorias ja passadas
Ser mais que imaginadas,
E assim vos satisfaço,
Demos, memorias minhas, mais hum passo.

Aquelle o bosque á Nymfa consagrado,
A mais famosa, que o grão Douro ha visto,
Desde que corre para o mar salgado:
Inda se me figura,
Que alli as horas passo, alli persisto,
Ou seja dia claro, ou noite escura:
Aquelles os confusos ramos, onde
Beliza se me esconde:
Aquelles os lugares,
Onde a Amor ja Fortuna ergueu Altares.

A quem direi os casos venturosos,
Que allí passei, em quanto o quiz meu Fado,
Que os não tenha talvez por fabulosos?
Oxalá, que podesse
Ser sonho aquelle tempo ja passado,
Assim como inda agora mo parece!
Mas esses altos montes se abaixárão,
Estas aguas parárão
A ouvir os louvores,
Que alli me derão Nymfas, e Pastores.

Alli vi de Beliza os olhos bellos:
Não sei que movimento os meus lhe achárão,
Que desde então não pude estar sem ve-los:
Alli hum certo dia
Das palavras usei, que me ensinárão
Os ditosos exemplos da ousadia:
Logo Fortuna encaminhou meus passos,
Levantou-me nos braços,
E pela roda vária
Juron a Amor de lhe não ser contraria.

O menino, que nunca presumio
Que a forte Deosa em seu favor teria,
Dê gosto as brancas azas sacudio:
Metteu a mão na aljava,
E das agudas settas, que trazia,
Huma escolheu, que mais aguda estava:
Para ferir Beliza a destinou,
A ponta lhe dourou,
Que quer que a arma seja
Arma igual á victoria, que deseja.

Voando foi Amor com rosto lêdo,
Beliza vio, e disparando o tiro,
A mão tres vezes lhe tremeu de medo:
Vós, ditosas montanhas,
Lhe ouvistes o ardentissimo suspiro,
Que então lançou das intimas entranhas:
De piedade os olhos se lhe enchêrão,
E logo se volvêrão
Por tão doce maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Que devotos louvores não me ouvirão
Dar a Amor, e Fortuna esses outeiros,
Quando então meus triumfos de alto virão?
Não lhe queimei perfumes,
Não lhe immolei novilhos, nem cordeiros,
Sacrifiquei a vida a seus costumes,
Ardeu sem se gastar nunca a vontade,
Para ter liberdade
De pôr no Altar mil vezes
Novos desejos em lugar de rezes.

Os Pastores, que o virão entre tanto,
Nos mais duraveis troncos o estalhárão
Para servir aos Satyros de espanto:
As Naides, e Napeas,
Por mandado de Amor o recitárão,
Humas nos bosques, outras nas areias;
E ás que erão mais destras nos lavores,
Por Tritões nadadores,
O mesmo Padre Douro
Mandou tecê-lo d'uma tela de ouro.

Assim que as alvas filhas informadas
Forão de seu paterno mandamento,
Erguêrão mão das obras começadas:
Entre si concertárão
Armar novos teares n'um momento,
E as sedas de mil cores ajuntárão:
Qual escolhe das conchas crystallinas
As perolas mais finas,
Qual renova ligeira
De rico fio eburnea lançadeira.

Havia Irene debuxado a historia
Da filha de Nereo formosa, e pura,
Que foi de Polyfemo pena, e gloria:
Do monstro a symmetria
Tão propria, e feia está, que da figura
A mesma Nymfa, que a bordou, fugia:
As canas desiguaes, com que tocava,
Ao collo nu levava,
E na mão por cajado
O pinheiro maior, que se ha cortado.

Mas ao longe alvejando estava a areia
De huma praia deserta, e deleitosa,
Onde se via a linda Galatea:
Nos braços tinha o moço,
Que fez depois Portuna, de invejosa,
Das duras mãos do Cyclope destroço:
N' outra parte correndo vão sem tino,
Que era o cruel Destino
Do cioso Gigante,
A's mãos haver o seu contrario amante.

Tanto á pintura as destras mãos soccorrem,
Que quem alli os vê se lhe figura,
Que por sima do panno vivos correm;
Depois apparecia
O Pastorinho inerme, e sem Ventura
Debaixo de hum penedo, que o cobria:
Com elle do salvage a força bruta
A crueza executa,
De ouvir em tal crueldade
Ranger-lhe os tenros ossos, sem piedade.

Logo o triste mancebo deixa ver-se,
Perdendo a fórma humana; e começava
Em gottas de agua o corpo a desfazer-se,
Que em rio convertido,
Da grão Sicilia os fertéis campos lava,
E o nome de Acis tem, bem conhecido:
Até que entra no mar, e em mar se troca
A compaixão provoca,
Que ainda murmurando;
De seu amigo mal se está queixando.

Clymene ouro e seda entretecendo
N' outro delgado panno, alli parece,
Que as ondas do Hellesponto estão fervendo:
Daquêm na populosa
Europa Abydo avulta; e apparece
Sesto dalêm na Asia poderosa:
Alli as tristes cores lhe mistura;
Pintando a noite escura,
E do mar representa
Alteradas as aguas co' a tormenta.

Nellas Leandro vai quasi afogado,
So hum braço entre as ondas se lhe via,
Que o outro tem ja de nadar cançado:
Ao longe escassamente
Na torre de Ero a fraxa luz ardia;
Porêm naquella noite inutilmente:
Ah que farias Ero, quando visto
Na praia o corpo triste
Desse, que por amar-te,
Inda depois de morto foi buscar-te!

Entretida Liriope bordava
Os campos de Fenicia, onde abundante
O grosso gado de Agenor pastava:
Logo o filho de Maia
Guiando as mansas vaccas mais distantes,
Se vê ao longo da espaçosa praia:
Da branca, e flava côr, que imita o ouro,
Pinta o formoso touro,
Em que fôra mudado
Jupiter, d'alta Europa namorado.

Europa alli de flores mil o enfeita,
O bruto as alvas mãos lhe está lambendo,
E a corniggrá fronte lhe sujeita;
N'outra parte co'a presa,
Em seus hombros no mar se vai mettendo,
Que tão formosa carga não lhe péza;
Mas as Nymfas aqui chegavão, quando
Estas obras deixando,
A outras dão começo
De mais verdade, de mais alto preço.

Em nova tela Irene principia;
Mas ah louco, onde vou, que não conheço
Que em lugar tal não posso entrar sem guia?
Vós, Filhas da Memoria,
Vós, soberano Amor, por quem padeço,
Ajudai-me a tecer tão nova historia;
As azas, com que ja voar podeste
Ao Parnasso Celeste,
Emprestai a meu canto,
Que nunca precisou de subir tanto.

Em nova tela Irene representa
Hum bosque de altas arvores copadas,
Que nas margens do Douro se aposenta:
Pelos troncos bordando
As brancas madresylvas enroladas
Parece, que por elles vão trepando:
O verde chão semêa de outras flores
De mil diversas cores,
E entre ellas mistura
Fugitivos regatos de agua pura.

No fundo do arvoredo se divisa
De huma só madre perola formada
A cavernosa gruta de Beliza:
De Nymfas inferiores
Servida alli se mostra, e rodeada,
Bem como a rosa em meio de outras flores:
Alli genios solicitos voando
A mão lhe estão beijando,
E o Sacro Pan lhe tece
As capellas de lyrios, que offerece.

N'ou-

N' outra parte do panno está pintado
Entre os viçosos ramos da floresta
Hum sombrio lugar do Sol vedado:
Lugar, onde algum dia
Muitas vezes as horas da alta césta
Gastei com ella; em quanto Amor queria;
Mas ainda quando olli mudos estamos,
Parece que falamos
Segredos delicados,
Que escreve Amor nos gestos namorados.

Clymene destramente la figura
A minha inquietação: alli me vejo
Vagando pela rustica espessura:
Agora levantando
As mãos ao Ceo, que me levou do Tejo,
A ver do Douro o rosto venerando:
Agoro pensativo, e recostado
Sobre o curvo cajado,
N' outra parte da tela
Correr me vejo para os braços della.

Ja mil recebe nelles, ja me aperta;
Turbada a face tem de vergonhosa;
De amor; de pejo, e de suor coberta:
Logo os olhos levanta,
Põe sobre o branco peito a mão formosa,
Jurando a fé, que nunca mais quebranta:
D'entre os ramos os Satyros Caprinos
(Com seus olhos malignos)
Porque vistos não sejão,
Notando estão o mesmo, que desejão.

N'outra parte se vê com brando rosto
Na lyra modulando, os namorados
Doces versos, que Amor lhe tem composto:
Os vizinhos penedos
Das imminentes serras despegados
Rolando vem ouvi-la: os arvoredos
As raizes da terra ja tem fóra
Ao som da voz sonora,
E o leve passarinho
No ar parado não lhe lembra o ninho.

Mas, Liriope destra, que alcançava
Pelo curso das aguas o futuro,
E em mudas profecias trabalhava:
O caso desastrado
Tecendo estava do Destino escuro,
Com que fui destes montes apartado:
Trabalhando, e orando ja temia
Aquelle triste dia,
Que inda na memoria
Afflige ver tão lastimosa historia.

A hora do fatal derpedimento
Em campo borda alli de pardo, e curo,
Denotando tristeza, e sentimento:
Carregados os montes
De sombra estão do verdenegro louro,
E em roda os macilentos horizontes:
As Nymfas arrancando as tranças bellas
Pinta, e no meio dellas
Beliza magoada,
Perdida a côr, e em lagrimas banhada

Alli estou sem saber determinar-me,
Os saudosos olhos alongando,
Sem haver quem dos seus possa apartar-me;
E como por violencia
Dous ministros crueis me vão levando
Ao sacrificio da forçada ausencia:
Ja la vou n'um lugar mais apartado
Co' rosto atraz voltado,
E por mais que desejo
Tornar a ver Beliza, não a vejo.

Mas onde, ó pensamentos, me levastes,
Onde fostes tocar, que das feridas
Que n'alma tenho, o sangue renovastes?
Agora, que eu julgava,
Vendo no Douro as Nymfas entretidas,
Que ledas horas inda alli passava:
Ante os olhos me pões tão vivamente
Ora tão descontente,
Que ja não soffre engano
A verdade tão certa do meu damno.

São outros estes campos, estes ares,
Outros estes Pastores, e este gado,
São outras as cabanas, e os lugares:
Estas aguas, que vejo,
Não são as aguas do meu Douro amado,
As aguas são do aborrecido Tejo:
Nenhuma Nymfa das que o monte piza
He a minha Beliza,
Nem podia ser ella,
Que he mais amante, e mais que todas bella.

Não vejo mais, que imagens de tristeza,
E inda algumas, que nascem de alegria,
Vão perdendo commigo a natureza.
Que importa que a Ventura
Pinte a consolação de ver hum dia,
Se póde vir primeiro a noite escura?
De que valem razões bem começadas,
Se tão mal acabadas
Pelas mãos da Esperança,
Mostrão depois tão pouca segurança.

Sem ti Beliza estou, como acontece
A estrangeiro Pastor, que erra o caminho,
E no meio do monte lhe anoitece:
Alli a noite passa
Debaixo de alguma arvore sozinho,
Esperando impaciente que o Sol nasça;
Mas bemaventurado, que ha de ver
O dia amanhecer,
E eu triste, que não sei
Quando a ver os teus olhos tornarei.

Imagino que ás vezes resplandecem
Muito perto de mim; porêm que importa,
São nuvens de Ixion, que me apparecem;
Se as almas acabassem,
Ja de mágoa esta minha andára morta;
Mas de huma fonte sem principio nascem
Para não terem fim, e esta certeza
Faz maior a tristeza,
Com que andarei sem termo
Sentindo os males, de que vivo enfermo.

Para consolação ás vezes quero
Desesperar de todo, se podesse;
Mas so porque he allivio, não o espero;
E se não esperára,
Me diz Amor, (que os males bem conhece)
Que outros males maiores me custára;
Nem a Amor creio, nem a mim me entendo,
Nem sei o que pertendo,
Pois quem morre esperando,
Que mal terá maior desesperando?

Assim me queixo a Deos, ao Mundo, e á gente.
Como aquelle, que grita da pancada,
Que ja soffres não pode a dor, que sente:
Ja de mais nada curo,
Que de trazer a voz alevantada,
Pois outra medicina não procuro:
A ninguem que me acuda rogo, e peço
Nos males que padeço:
Os ouvidos me fechem,
Peço somente, que gritar me deixem.

Até que esta voz tremula, e sentida,
Penetrando as entranhas deste monte
No grão Reino de Dite seja ouvida:
O som de minhas mágoas .....
Enfreará do fervido Acharonte
As venenosas denegridas aguas:
Tantalo então verá que a sede antiga
Alli se lhe mitiga,
Vendo que he mais ardente
A sede triste, que supporto ausente.

Sisyfo o pezo sentirá mais leve
Da pedra, com que aos hombros nunca pára
Em pena do segredo, que não teve,
Porque estes meus cuidados
(Que eu inda assim com elle não trocára)
Mais trabalhosos são, e mais pezados.
Orfeo tambem verá que excede tanto
Ao seu este meu canto,
Que com elle podia
Trazer de novo a Esposa á luz do dia.

Este roedor desejo da saudade,
Que lentamente estraga, e não consome,
Tendo sempre materia na vontade:
Fico, que em Ticyo faça
Menor do Abutre essa perpetua fome,
Que o figado immortal lhe despedaça:
Depois que chorar lagrymas de modo,
Que pelo Inferno todo
Tristes, e derramadas
Descanço dem ás almas condemnadas.

Inda verei de ca se posso tanto,
Que la vou esforçando a voz com ellas
Apiedar no Ceo o Coro Santo:
Se disser, que o que sinto,
De que são testemunhas as Estrellas,
Capaz será de mais e mais, não minto;
Mas não temas, Beliza, que entre tanta
Onda, que o mar levanta,
Deixe a Náo de ir segura,
Ou por vento contrario, ou noite escura.

Por serras de crueis impedimentos;
Que diante dos olhos crescer vejo,
Indo, e vindo estarão meus pensamentos:
Não póde ser atado
A' roda da Fortuna este desejo,
Que nasceu livre, e não se quer forçado:
Elle fará, que eu viva la comtigo,
E tu aqui commigo,
Que sem que os corpos mude,
Para mudar as almas tem virtude.

Mais te dissera desta sã vontade,
Que Amor com puras mãos para offerecer-te
Limpa escolheu de toda a falsidade;
Mas ja o não pertendo,
Porque isso fora o mesmo que dizer-te,
Que para o mar os rios vão correndo;
Que os montes não se movem; que o sobreiro
He maior que o salgueiro;
Finalmente sería
Accender tochas, quando nasce o dia.

Todos são sabedores de meus males,
Que o mal soffrido Amor anda cantando,
Sem eu querer, por montes, e por valles:
Diante de mim vai
Por onde quer que vou, como lançando
Triste pregão de alguem, que a morrer, saie,
Apoz delle suspiros magoados
De tristeza espalhados
Deito por toda a parte,
Sem que ja mais de suspirar me farte.

Assim por estes campos vago errante
Fujo dos homens, vou buscando as féras
Até parar no monte mais distante:
De la os olhos viro
Para a parte, onde estás: ah se souberas
A saudade, com que então suspiro!
Não sei que acho no ar, que dalli corre,
Que a vida me soccorre:
Vê quanto póde, e mente
O penssamento de quem ama, e sente.

Inda maiores cousas me acontecem:
Continuamente as aguas deste rio,
Sendo claras, medonhas me parecem;
Dos campos a verdura
Não he mais feia no mirrado Estio:
As namoradas Nymfas da espessura
Como passo sem pôr os olhos nellas,
Nada sei dizer dellas;
So sei, que se te víra,
O contrario de tudo aqui sentíra.

Mas em quanto, ó Beliza idolatrada,
Não for minha Ventura mentirosa,
De Amor pela palavra demandada:
Em quanto nessas praias
Não soar esta flauta sonorosa,
Como algum dia, á sombra de altas faias:
Em quanto não pozer meus olhos ledos
Nesses longes penedos;
Em quanto onde tu moras
Não passar *[qual passei]* alegres horas.

Aquí

Aqui desfeito em lagrymas, e dores,
Misturando meu choro c'o meu canto,
Darei queixas a Amor, e a ti louvores:
Não sejão mal ouvidos,
Se chegarem molhados do meu pranto
Descompostos de dor, de arte despidos;
Antes ache por isso acolhimento
Hum pobre entendimento,
Como o que salva a vida
Dos altos mares, em que a vio perdida.

E vós, Pastores meus, do que me ouvistes
Não vos peço louvor, menos capellas,
Que ja mais se fizerão para os tristes:
O que peço somente,
He a vossa piedade em lugar dellas;
E se ficar meu canto impertinente,
Por isso entre vós-outros condemnado,
Sabei que inda guardado
Tenho mais do que hei dito,
Que he a tamanha dor pequeno grito.

IDYLLIO.

Reparemos, ó Musa, hum novo canto,
Temperemos a lyra,
Não seja tudo pranto:
Cante huma vez, quem tantas mil suspira;
E se a suprema dor, que n'alma temos,
Apertar muito, ás vezes gritaremos:
Assim de quando em quando
Por espinhos, e flores
Iremos pelo Mundo misturando
Lagrymas com louvores.

Honre-se o gesto, o peregrino gesto
Daquella, cujo peito
Formoso, como honesto,
Traz este meu em lagrymas desfeito.
Ah bella Olaia, Olaia inda mais bella
Que a flor do campo, que do Ceo a Estrella:
Mais grata, mais amena
Do que amanhece o dia,
Mais vistosa, mais pura, mais serena
Que o mar em calmaria.

A par

A par de ti as Nymfas desta selva
De gesto mais formoso
São como a baixa relva,
Que nasce junto ao platano frondoso;
Das praias a conchinha mais lustrosa,
Dando-lhe o Sol, não fica tão formosa,
Como tu me pareces
Formosa, destoucada:
Tens a luz natural, e não careces
De outra luz emprestada.

Ah thesouro a meus olhos escondido!
So descoberto agora!
Qual tentou atrevido
Ir-te buscar ás Regiões da Aurora?
Ou es talvez, Claia, esse thesouro,
Que ja cahio do Ceo em chuva de ouro;
Mas de outro Ceo descêrão
As tuas perfeições;
De fabulas subtis não se fizerão
Tão raras proporções.

Tan-

Tanta graça os teus membros soberanos,
De donde he que a tirárão?
Da massa dos humanos,
Nunca taes dons no Mundo se formárão
Em gesto, e partes taes, eu imagino
Que se empenhou o Artifice Divino:
Não tem a Natureza
Tanto poder, e estudo,
Que muito pois quem fez tanta belleza,
Que possa fazer tudo!

De teus olhos namorão-se as Estrellas,
E nas suas meninas
Vem seus retratos ellas,
De donde tirão luzes mais Divinas:
Para ver esse collo magestoso,
O monte se debruça: o rio undoso
Por mais que esteja em calma
O curso apressa, e corre.
Ah bella Olaia, que fará huma alma,
Que sente, que discorre?

Ditoso seja aquelle, que embebido
Pode estar no teu rosto,
Sem ter outro sentido,
Que examinar de espaço esse composto:
Ditoso seja aquelle, que escutando
Ora as palavras, ora o riso brando,
Vê d'um, e d'outro gesto
O moto peregrino,
Claro, puro, suave, manifesto,
Que eu de ver não sou digno.

A quanta gente barbara, e inculta
Concede a Natureza
O ouro, que se occulta
Na terra, sem saber o que he riqueza!
E a quantos póvos, que lhe dão valia,
Das terras apartou, onde ella o cria!
Assim Ventura agora
Dá seu valor, e preço
A quem talvez o teu valor ignora,
E a mim não, que o conheço.

E ha quem nas mãos a cithara não tome,
Espalhando louroves
Em honra do teu nome!
Ha quem te veja sem morrer de amores!
Vós, musicos Pastores das campinas,
Vinde, c'roai de candidas boninas
A vossa Tutelar,
Mostrai o meu desejo
A' Nymfa mais gentil, mais singular,
Que tem o vosso Tejo.

Camões, honra das Musas, que a primeira
Fama terás por sorte,
Bernardes, tu Ferreira;
E outros, em quem poder não teve a morte:
De la vos inclinai do Coro Santo,
Com vosso canto acompanhai meu canto:
Não sahe elle do peito
Impuro, e corrompido:
De huma causa Divina hum baixo effeito
Nunca foi produzido.

Volvei o rosto lá do Ceo sereno,
Lançai a vista pura
Ao nosso vil terreno,
E vereis huma nova formosura,
Vereis se á vossa cithara sonora
Déstes tão alta empresa como agora:
A temperada chamma
Louvai de huns olhos bellos,
Que sabe moderar, em quem os ama
O desejo de ve-los.

Olaia he mais formosa, e soberana
Que Lucrecias, e Helenas;
Mais pura que Diana,
Mais suave, que as nove Irmans Camenas:
Ella he por quem de suspirar não canço,
Por quem enfreio o vento, e o mar amanso,
Dizendo minhas mágoas,
Por quem do claro Tejo
C'o meu amargo pranto turvo as aguas
O dia que a não vejo.

Em quanto a secca mão da Morte fria
Contra mim levantada
No derradeiro dia
Me não gelar no peito a voz cançada:
Por meio, Olaia, de mortaes perigos,
De ventos soltos, mares inimigos,
Rodeado de horrores,
Ja sem ter salvação;
Primeiro que os meus ais, os teus louvores
Na bocca me ouviráõ.

SONHO.

HUm dia, que o meu gado apascentava
Nas ribeiras do Tejo,
Que sempre com meu pranto accrescentava,
Apoz do meu desejo
O leve pensamento me voava.

Aonde vas? Mil vezes lhe dizia:
A Tirce, a Tirce vou,
Ca dentro de mim mesmo respondia;
Mas quando imaginou,
Que inda voar tão alto poderia!

E logo sobre a relva reclinado
Tantos suspiros dei,
Que adormeci de suspirar cançado.
Mas ah! Que inda fiquei
Mais do que ao somno, entregue a meu cuidado.

Alli a mentirosa fantasia,
Que cousas me figura!
Que estava dando Leis me parecia
Sobre a mesma Ventura;
Tal era a elevação, em que me via

Que dominava os povos mais distantes,
Que os empolados mares
Via cobrir de immensos navegantes;
E soltas pelos ares
Ondear as bandeiras tremulantes:

Que com submisso rosto a mim chegavão
As Nações Estrangeiras,
E a mão medrosamente me beijavão:
Que Provincias inteiras
Copiosos tributos me pagavão.

Que em douradas carroças caminhava
Com guardas Militares;
Que posto á Regia Meza so gostava
Exquisitos manjares,
Que alli mercês, e novas honras dava.

Que em soberbos Palacios assistia,
De preciosos lavores
Cobertas as paredes, onde via
De meus Progenitores
Successiva Real Genealogia.

Que hum numero infinito de criados
Me rodeava o leito;
Em fim, que eu era Rei, que tinha Estados;
E que, se era sujeito,
Era somente á Lei dos meus cuidados.

Que

Que Tirce, (a mais discreta, a mais formosa
Nymfa, que o Tejo estima,
De sangue illustre, geração famosa,
A quem mais alta rima
Fará eternamente gloriosa)

Aquella Tirce, aquella Divindade,
Que transformar podera
Em alta a minha humilde qualidade,
Ouvia meus fera
Do cego Amor a grão temeridade.

Que a seus mimosos pés deposto havia
O mesmo Scèptro Augusto,
E a fronte o Diadema lhe cingia:
Nem Throno de mais custo
Para mim, que os seus braços pertendia.

Que com o rosto seu em laço estreito
Apertava o meu rosto;
E que de tanta gloria satisfeito,
Com lagrymas de gosto
Lhe regava o mimoso, e branco peito.

Que a côr de rosa mais se lhe accendia
No purpureo semblante
A cada favor seu, que lhe pedia,
E que de instante a instante
Mais formosa no gesto parecia.

Que os engraçados olhos lhe beijava;
Que de finos diamantes
Os dourados cabellos lhe adornava;
Que palavras amantes
Eu lhe dizia, ella me tornava.

Quando nesta reciproca ternura
Da mais completa dita,
Que nunca figurar soube a Ventura,
Por mim hum Pastor grita,
Que o caminho da Aldea me procura.

Acórdo espavorido, e o Regio trato
Veloz se desvanece:
Fico alheio de mim, fico insensato,
E de novo apparece
O meu antigo, e pastoral ornato.

Olhava para mim: de meu não via
Mais que hum pobre cajado;
Hum pequeno rebanho sem valia,
Hum çurrão pendurado
Ao canto da cabana, em que vivia.

A huma, e outra parte afflicto olhava,
Não via Tirce; e em vão
Tirce, Tirce, por ella em fim chamava;
E so no coração,
No coração a minha Tirce achava.

Quem

Quem te arrancou da minha companhia?
(Dizia suspirando)
Se acordado gosar-te não podia,
Porque ao menos sonhando
Me não durou mais tempo esta alegria?

Oh quem podera, amada Tirce, achar-te
Outra vez nos meus braços!
Mas como de hum Pastor, para apertar-te,
São indignos os laços,
Usou talvez comigo Amor desta Arte.

Quiz dar-me a conhecer, que com decencia
Hum Pastor não podia
Gosar a Tirce ainda n' appparencia;
E desta fantasia
O acaso tomarei por providencia.

Ordena-me a razão que me reporte,
Olhando os meus defeitos;
Mas no Mundo não so a fria morte
Faz iguaes os sujeitos,
Que Amor os sabe unir da mesma sorte.

Ah suspirada Tirce! Se eu podera,
Assim como sonhei,
Subir de Rei á imaginada Esfera,
Fôra mais do que Rei,
Se inda sendo Pastor, ser teu podera!

TA-

TABELLA
ALFABETICA

De todos os Sonetos, que contém este primeiro Tomo, assignalados alfabeticamente com as paginas, em que vão lançados cada hum per si; e assim tambem todas as mais Obras.

SONETOS.

A

A Ffoito córte o mar o navegante, pag. 1.
Acaso fui senhor, rico, estimado, 26.
A Deos, Pastora ingrata, ja de Alcixo, 33.
Agora, em quanto despertado a gente, 43.
Albino, cuja idade inda o levava, 48.
A Deos, Natercia ingrata, a Deos impía, 51.
Aquelle, que inda espera ter ventura, 56.
Aquelle amor, que tinhas n' alma escrito, 61.
Aonde andais, ó Parcas venenosas, 81.
Albano, quem es tu? Teu baixo estado, 87.

ODES.

Aonde me arrebato, 101.
Aonde, aonde, corações humanos, 108.
Ao mais leve ruido, 113.

ECLOGAS.

Alcino, e Damiana, 152.
Agrario, Braz, e Anfriso, 179.

SO-

SONETOS.

C

Cruel, fica-te em paz, e o vil intento, 31.
Como está este sitio socegado! 37.
Cuidei, ouvindo a doce melodia, 54.
Como soffres, ó Jupiter supremo, 58.
Com alegre apressado movimento, 65.
Cuidas talvez, Olaia, que imprudente, 89.

CANÇÕES.

Com teu formoso rosto, 146.

SONETOS.

D

Do gesto, que ja tive n'outra idade, 17.
Depois que a mil tormentos off'recido, 35.
Divina Laura, se vencer deixasses, 42.
Dormindo estava Alcano, e porque Alberta, 45.
Dormindo Anarda está. Quem te dilata, 47
Depois que a linda Alcida destes prados, 50.
De amor em tristes lagrymas banhado, 57.
Do rio ás claras aguas, que soando, 78.

CANÇÕES.

Da clara estirpe dos Heroes valentes, 152.

SO-

SONETOS.

E

Eu vi huma Pastora em certo dia, 30.
Encontrou-me esta graça em tal destroço, 68.
Este obsequio, Senhor, que vos envia, 75.
Entre o soldado envolto em sangue, e terra, 85.
Em frauta agreste, em lyra altisonante, 92.

ODES.

Entre as Deosas tão célebres em Ida, 105.
E conseguio a pallida doença, 111.

SONETOS.

F

Fugindo fui de Amor, que me seguia, 14.
Filho, por mais que a Praça combatida, 22.
Felices margens do saudoso Tejo, 67.
Formosissima Olaia, o teu semblante, 82.

SONETOS.

H

Huns graciosos olhos matadores, 28.
Hum dia, de Limano acompanhado, 78.
Hum mudo suspirar continuamente, 94.

ECLOGA PISCATORIA.

Havia longo tempo, que escondêra, 201.

EPIS-

EPISTOLAS.
Ha mil tempos, bom Silva, que saudoso, 223.

SONHO.
Hum dia, que o meu gado apascentava, 299.

SONETOS.

I

Ja, Fortuna cruel, tenho assentado, 7.
Irmã ditosa, que de ca subiste, 66.
Ja Portugal respirará contente, 98.

SONETOS

L

La bem apparecendo a minha Aldea, 4.
La n'huma praia cavernosa, e fria, 91.

CANÇÕES.
Longe, barbaro vulgo! 139.

EPISTOLAS.
Lorinda bella, as obras Pastoris, 249.

SONETOS.

M

Marino pescador no Tejo andava, 2
Mil tempos resisti á força dura, 10.
Meu Pai, o nupcial ajuntamento, 241.

Man-

Mandou-me, que cantasse Amor hum dia, 55.
Morreu o bom Luiz: Já não vereis, 261.
Meu amado Mondego, meu amado, 79.

EPISTOLAS.

Minha inimiga bella, 252.

TERCETOS.

Mimoso Infante, Principe adorado, 258.

SONETOS.

N

Nesta Aldea, onde estou, meu bom Filено, 3.
Não chóro como aquelle, que em perigo, 5.
Neste, que julga o Mundo falsamento, 18.
Não foi divida so, mas natural, 23.
Não haverá hum sitió tão sagrado? 69.
No Templo entrei de Amor: ainda gelado, 70.
Nymfas destes vizinhos arredores, 83.
Na borda do seu concavo saveiro, 96.

ODES.

Não de Carthago, nem de Troia canto, 122.
N'um sitio, que buscaes acommodado, 131.

O

SONETOS.

Ouvio Amor, teu canto, e suspendido, 25.
Oh quem podera á sombra deste arbusto, 40.

Os

Os annos da feliz puerilidade, 60.
O Tempo, que veloz desapparece, 68.

SONETOS.

P

Péga, Lucrecia, no punhal violento, 21.
Porque foges, Pastora, a hum desgraçado, 29.
Por máis que faça hum atrevido estudo, 38.
Poz-se o Sol; como ja na sombra feia, 39.
Passa ó frio Janeiro, o ardente Agosto, 62.
Ponho tão livre os olhos em Damiana, 69.
Para ver se cantar-vos saberia, 72.
Promettendo a Limano Dorothea, 77.

EPISTOLAS.

Prezado Josefino, 212.

BELIZA.

Pois não quereis, memorias imprudentes, 268.

IDYLLIOS.

Preparemos, ó Musa, hum novo canto, 292.

SONETOS.

Q

Quando nas mãos de Amor me vi sujeito, 11.
Que me quereis, memorias de algum dia? 15.
Quantas vezes pacifico, e contente, 20.
Que será isto? As Nymfas enfeitadas? 27.

Que

511831

Que assim sahe a manhã sereha, e bella! 36.
Que triste, que profunda soledade, 41.
Que te vejão meus olhos, não consente, 71.
Que estranhos casos vi no monte, e prado, 80.
Quem nunca vio a luz formosa, e pura, 84.
Qual Pastor, que do somno acommettido, 86.
Quando, Anarda gentil, os merecidos, 95.

ODES.

R

Ramo feliz de fructos esperados, 127.

SONETOS.

S

Salve, Templo seguro, onde a vontade, 8.
Se acaso deito a vista da lembrança, 9.
So com o Grande, e immortal Camões, 16.
Senhora, esses espiritos ditosos, 19.
Se intentais nesse engano industriosa, 32.
Se eu me víra n'um bosque, onde não désse, 34.
Seja-te parabem, Tejo sagrado, 64.
Se eu podera viver de noite, e dia, 88.
Se o grão Cantor, que o Mundo encheu de espanto, 99.
Se a Fama, que altamente pregoeira, 100.

ODES.

Se em teus puros Altares, 129.

EPIS-

EPISTOLAS.

Sabio Jurisconsulto, 236.

SONETOS.

T

Traz-me aos males de Amor tão costumado, 13.
Tanto neste saudoso apartamento, 49.
Tu, que os costumes, e as paixões retratas, 74.
Tyranna Olaia, o teu desabrimento, 90.
Trazei, Nymfas, trazei, mimosa areia, 93.

SONETOS.

V

Vão os annos fugindo, e vai a idade, 6.
Vem, ó Nymfa gentil, que não merece, 12.
Vio Alberto a Filena, enamorado, 44.
Vio-me Altea, com livre desafogo, 53.
Voa, saudoso Amor, e em breve gyro, 62.
Vós, que á sombra dos alamos copados, 97.

Vai, mesquinha Ambição, chega-te ao leito, 119.

EPISTOLAS.

Vós, que na rica mão da Natureza, 244.

FIM.

PRO-

PROTESTAÇÃO.

AS palavras Numen, Fado, Destino, Divindade, etc. empregadas somente para melhor exprimir a ficção Poetica, não tem alguma cousa de commum com os internos sentimentos do Author, que como obediente filho da Igreja em tudo se submette ás determinações della.

31
LB 35
Top slightly
1 L
AP 224

RIMAS DE JOÃO XAVIER DE MATOS

I